



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

**ANÁLISE SOCIOESTILÍSTICA DA VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DE
TRATAMENTO *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL DE VALÊNCIA**

FORTALEZA

2018

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

ANÁLISE SOCIOESTILÍSTICA DA VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DE
TRATAMENTO *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL DE VALÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades I da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L698a Lima, José Victor Melo de.
Análise socioestilística da variação entre as formas de tratamento tú e usted no espanhol oral de Valência / José Victor Melo de Lima. – 2018.
169 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.
1. Variação pronominal. 2. Tú e usted. 3. Espanhol oral de Valência. I. Título.

CDD 410

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

ANÁLISE SOCIOESTILÍSTICA DA VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DE
TRATAMENTO *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL DE VALÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 17/ 09/ 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Marisa Ferreira Aderaldo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Deus.

À razão da minha existência, meus pais, Lúcia e Manoel.

À minha irmã, Emanuele.

Aos meus sobrinhos, Maria Júlia e Pedro Henrique.

Dedico a eles que são o meu maior tesouro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela misericórdia, pela sabedoria e por me levar além do que eu, em minha pequenez, não acreditava ser capaz de chegar. Ainda que em muitos momentos não me sinta merecedor de tanta graça, sei que Ele me ama. A Ele, toda honra!

Aos meus pais, Lúcia e Manoel, por me amarem incondicionalmente e, muitas vezes, sem entender, me apoiarem nas decisões que me levaram a ser quem sou. Eu sou a soma de todo amor, dedicação, orações e lutas que, no desejo de me ver grande, atravessaram e marcaram o corpo e a alma de vocês. Vocês são minhas colunas e eu os amo profundamente!

À minha irmã, Emanuele e ao meu cunhado, Aarão, bem como aos meus lindos sobrinhos, Maria Júlia e Pedro Henrique; dois presentes divino.

Ao meu eterno professor e amigo-irmão, Zé Roberto, pelas orações, pela amizade verdadeira e por ser um exemplo de ser humano e profissionalismo para mim. Você sempre acreditou na minha capacidade e esteve presente em todos os momentos (e não foram poucos!) em que eu precisei de sua ajuda. Esse trabalho, sem dúvida, tem a contribuição do seu olhar sempre tão esmerado.

Ao professor Dr. Valdecy de Oliveira que esteve presente nos momentos mais marcantes da minha vida acadêmica e profissional, desde o primeiro semestre da graduação, em 2007; no meu intercâmbio para Espanha, momento sublime tanto pessoal como profissional; nos concursos públicos, instruindo-me com dicas primorosas e, agora, na concretização desse sonho. Sua trajetória de sucesso sempre foi fonte de inspiração para mim. Obrigado por encorajar-me, pelos ensinamentos, pelo olhar acurado e pelo zelo com o meu trabalho. O profissional que sou hoje tem muito de você.

À professora Dra. Márluce Coan, pelas aulas inspiradoras, pela leitura atenciosa do meu trabalho e pelas valiosas contribuições em várias etapas: na disciplina de Sociolinguística, na qualificação e na defesa.

Às professoras Dra. Aluiza Alves, Dra. Hebe Macedo e Dra. Marisa Ferreira, por contribuírem com a sua expertise em algum momento desse processo, seja na disciplina de seminários e/ou defesa.

Aos meus professores que tanto contribuíram para a minha formação: Dr. Paulo Mosânio (*in memoriam*), Dra. Inês Cardoso, Dra. Valdênia Falcão, Dra. Nadja Paulino, Dra. Massilia Maria, Dr. José Américo, Dr. Ricardo Leite, Dra. Maria Elias entre tantos outros.

À Mayara, pela amizade, pela doçura e pelo carinho de sempre; Hélio, por me inspirar a ser tão bom quanto; Rogiellyson e Priscila, pelo exemplo de humildade e de talento. As conversas, as vibrações positivas que vocês emanaram, as saídas sempre cheias de risos, certamente, conferiram leveza a esse processo e o tornaram menos árduo.

À Suzana (Suh) e Glauciany (Glau), por traduzirem o real sentido do que é ser amigo e, mesmo na distância, me amarem genuinamente. Eu também as amo!

Aos amigos do além-mar, Almudena, Ángel Luis e Alfredo. Gracias por permitirme aprender de vosotros y por la amistad sincera. ¡Sois los mejores!

Ao Erik, Janaina (Nega), Natália e Lene, pela amizade, por me ensinarem sobre resistência e que, mesmo com todas as limitações impostas, sempre é possível dar um passo a mais.

Aos querid@s que a UFC me presenteou: Leidiane, Vladinise (culebra), Ravena, Neurielli, Dieyme, Magno, Zulmira, Jaqueline, Lívia, Eveline, Tarciany e Luma, pela companhia sempre agradável e por acreditar na minha capacidade.

À Maria Clara, por me ensinar que o conhecimento e a fé andam juntos; Lourdes, por me fazer perceber que a firmeza é um ingrediente indispensável em vários âmbitos, inclusive, no acadêmico; Jacqueline (Jacq), por me ensinar a ver a beleza nas coisas mais simples; Erasmo, pelo exemplo de respeito, de integridade e de profissionalismo; Júnior, por vibrar e por acreditar que tudo daria certo.

À Priscila e à Mara, amigas de longas datas, companheiras e testemunhas das dificuldades enfrentadas e das superações alcançadas, indispensáveis para a construção do ser que sou hoje e que segue em construção.

Aos amigos POP's: Icla, Yunisson, Romênia, Henrique, Thayane, Tábita, Amanda, Edson, Caroline, Carlos e Diogo, pelas boas vibrações a cada conquista.

Aos colegas de turma do mestrado, pelas interlocuções dentro e fora das salas do PPGL/UFC.

Aos funcionários do PPGL/UFC, em especial, ao Eduardo, que exerce sua função sempre com muita maestria, humildade e brilhantismo.

Aos atuais e ex-alunos, por, no que se refere à profissão, também me inspirarem a estar em um constante processo de aperfeiçoamento.

A todos, minha sincera gratidão.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral da cidade de Valência, Espanha. Esta pesquisa alicerçou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001, SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Buscou-se analisar a influência de variáveis linguísticas (*tipo de referente, tipo de frase e tipo de discurso*), sociais (*idade, sexo e escolaridade*) e estilísticas (*complexidade do tema, estilo discursivo e relação de proximidade entre os interlocutores*) no uso das supracitadas formas. Para isso, a partir de uma metodologia de natureza quali-quantitativa e de caráter descritivo-explicativo, analisou-se a fala de 36 informantes em entrevistas do tipo semiestruturadas, oriundas do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). Após o processamento estatístico através do *software* GOLDVARB X, obteve-se um total de 1.286 dados, dos quais o uso majoritário foi da forma *tú*, com 1.185 dados (92.1%) e *usted*, com 101 (7.9%). Esses percentuais revelaram a preferência dos indivíduos da comunidade de fala valenciana por essa forma, reconhecida, pela literatura especializada, como variante inovadora. Ademais, ao se utilizar a forma *tú* como *regra de aplicação*, o referido programa selecionou como significativos para variação supra os seguintes grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, apresentados de acordo com a ordem de significância: i) *tipo de referente*, com o fator *indeterminado* como favorecedor da variante *tú*; ii) *faixa etária*, grupo em que a forma *tú* foi predominante, principalmente, nos indivíduos da *faixa etária 2 (35 a 54 anos)*, seguidos pelos da *faixa etária 1 (20 a 34 anos)*; iii) *complexidade do assunto*, com predominância dessa variante em assuntos considerados *menos complexos*; iv) *estilo discursivo*, em que os fatores *expositivo* e *argumentativo* condicionaram o uso de *tú*; v) *tipo de discurso*, no qual a variante supracitada prevaleceu no fator *discurso reportado de terceiros*; vi) *relação de proximidade entre os interlocutores*, com o fator *distanciamento* mais propenso ao emprego de *tú* em detrimento de *usted*; vii) *tipo de frase*, no qual *tú* foi favorecido na presença do fator *declarativa*; viii) *escolaridade*, que revelou propensão ao uso dessa forma de tratamento no fator *nível alto*. Concluiu-se que a alternância entre esses pronomes, nessa comunidade, parece indicar um processo de mudança em progresso na direção do *tuteo*, condicionado por variáveis de ordem linguística, social e estilística. Além

disso, esse estudo ratifica o que evidenciam Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017) sobre o avanço da forma *tú* em contextos, antes, favoráveis ao uso de *usted*.

Palavras-chave: Variação pronominal. *Tú* e *usted*. Espanhol oral de Valência.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo analizar la variación entre las formas de tratamiento tú y usted en el español oral de la ciudad de Valencia, España. Esta investigación se apoyó en los presupuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001, SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Se buscó analizar la influencia de variables lingüísticas (*tipo de referente, tipo de frase y tipo de discurso*), sociales (*rango etario, sexo y escolaridad*) y estilísticas (*complejidad del tema, estilo discursivo y relación de proximidad entre los interlocutores*) en el uso de las formas anteriormente mencionadas. Para ello, a partir de una metodología de naturaleza cualicantitativa y de carácter descriptivo-explicativo, se analizó el habla de 36 informantes en entrevistas del tipo semiestructuradas, provenientes del *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia (PRESEVAL)*. Tras el procesamiento estadístico a través del *software* GOLDVARB X, se obtuvo un total de 1.286 datos, de los cuales el uso mayoritario fue de la forma tú, con 1.185 datos (92.1%) y usted, con 101 (7.9%). Esos percentuales revelaron la preferencia de los individuos de la comunidad de habla valenciana por esa forma, reconocida, por la literatura especializada, como variante innovadora. Por otra parte, al utilizarse la forma tú como valor de aplicación, el referido programa seleccionó como significativos para la variación mencionada los siguientes grupos de factores lingüísticos y extralingüísticos, presentados de acuerdo con el orden de significación: i) *tipo de referente*, con el factor *indeterminado* como favorecedor de la variante tú; ii) *rango etario*, grupo en que la forma tú fue predominante, principalmente, en los individuos del *rango etario 2 (35 a 54 años)*, seguidos por los del *rango etario 1 (20 a 34 años)*, iii) *complejidad del asunto*, con predominancia de esa variante en asuntos considerados *menos complejos*; iv) *estilo discursivo*, en que los factores *expositivo* y *argumentativo* condicionaron el uso de tú; v) *tipo de discurso*, en el que la variante mencionada prevaleció en el factor *discurso reportado de terceros*; vi) *relación de proximidad entre los interlocutores*, con el factor *alejamiento* más propenso al empleo de tú en detrimento de usted; vii) *tipo de frase*, en que tú fue favorecido en la presencia del factor *declarativa*; viii) *escolaridad*, que reveló propensión al uso de esa forma de tratamiento en el factor *nivel alto*. Se concluyó que la alternancia entre esos pronombres, en esa comunidad, parece indicar un proceso de cambio en progreso en la dirección del tuteo, condicionado por variables de orden lingüística, social y

estilística. Además, ese estudio confirma lo que evidencian Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017) sobre el avance de la forma tú en contextos, antes, favorables al uso de usted.

Palabras clave: Variación pronominal. Tú y usted. Español de Valencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa da região metropolitana de Valência.....	63
Figura 02 – Curva melódica de uma frase interrogativa.....	78
Figura 03 – Curva melódica de uma frase declarativa.....	78
Figura 04 – Curva melódica de uma frase exclamativa.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – América tuteante.....	23
Quadro 02 – América voseante	23
Quadro 03 – América tuteante-voeante	23
Quadro 04 – Sistemas pronominais hispano-americano de acordo com Fontanella de Weiberg	24
Quadro 05 – Sistema pronominal de tratamento na Espanha	25
Quadro 06 – Paradigma Pronominal do Sistema I	26
Quadro 07 – Paradigma Pronominal do Sistema II	26
Quadro 08 – Relações de assimetria e simetria das formas de tratamento (Brown e Gilman ([1960]).....	57
Quadro 09 – Distribuição por cotas de informantes no <i>corpus</i> PRESEVAL	65
Quadro 10 – Distribuição dos informantes por sexo, idade e escolaridade na amostra constituída a partir do <i>corpus</i> PRESEVAL	67
Quadro 11 – Pontuação dos critérios para a construção da variável <i>relação proximida entre os interlocutores</i>	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Frequência da ocorrência de formas pronominais de tratamento de segunda pessoa no espanhol oral da cidade de Valência, Espanha	96
Tabela 02 – Atuação do grupo de fatores <i>tipo de referente</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	99
Tabela 03 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de referente</i> e <i>sexo</i>	102
Tabela 04 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de referente</i> e <i>faixa etária</i>	103
Tabela 05 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de referente</i> e <i>escolaridade</i>	103
Tabela 06 – Atuação do grupo de fatores <i>tipo de discurso</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	106
Tabela 07 – Atuação do grupo de fatores <i>tipo de frase</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	108
Tabela 08 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de frase</i> e <i>tipo de referente</i>	111
Tabela 09 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de frase</i> e <i>faixa etária</i>	112
Tabela 10 – Atuação do grupo de fatores <i>faixa etária</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	113
Tabela 11 – Atuação do grupo de fatores <i>escolaridade</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	117
Tabela 12 – Atuação do grupo de fatores <i>complexidade do assunto</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	121
Tabela 13 – Atuação do grupo de fatores <i>estilo discursivo</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	127
Tabela 14 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>estilo discursivo</i> e <i>tipo de discurso</i>	130
Tabela 15 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>estilo discursivo</i> e <i>complexidade do assunto</i>	134
Tabela 16 – Distribuição dos pronomes <i>tú versus usted</i> de acordo com a <i>relação de proximidade entre os interlocutores</i>	137
Tabela 17 – Atuação do grupo de fatores <i>relação de proximidade entre os interlocutores</i> no uso da variante <i>tú versus</i> a variante <i>usted</i>	138
Tabela 18 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>tipo de discurso</i> e <i>relação de proximidade entre os interlocutores</i>	141
Tabela 19 – Cruzamento entre os grupos de fatores <i>relação de proximidade entre</i>	

<i>os interlocutores e complexidade do assunto</i>	142
Tabela 20 – Distribuição dos pronomes <i>tú</i> versus <i>usted</i> de acordo com o <i>sexo</i> do informante.....	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	OS SISTEMAS PRONOMINAIS DE TRATAMENTO EM LÍNGUA ESPANHOLA	22
2.1	O sistema pronominal de tratamento hispano-americano.....	22
2.2	O sistema pronominal de tratamento na Espanha	25
2.3	As formas de tratamento tú e usted na Espanha	28
2.4	Súmula do capítulo	34
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	37
3.1	Teoria da Variação e Mudança	37
3.2	A variação estilística nos estudos sociolinguísticos	46
3.2.1	<i>A noção de estilo</i>	47
3.3	A proposta teórica de Brown e Gilman	56
3.4	Súmula do capítulo	58
4	METODOLOGIA	59
4.1	Natureza da pesquisa.....	59
4.1.1	<i>Quanto ao método de abordagem</i>	59
4.1.2	<i>Quanto aos objetivos</i>	59
4.1.3	<i>Quanto aos procedimentos técnicos</i>	60
4.2	A amostra e o universo da pesquisa	61
4.2.1	<i>Descrição da coleta de dados</i>	64
4.2.1.1	<i>Considerações sobre a entrevista</i>	68
4.3	Dados desconsiderados.....	73
4.4	Envelope de variação.....	74
4.4.1	<i>Variável dependente</i>	74
4.4.2	<i>Variáveis independentes</i>	76
4.5	O tratamento estatístico	92
4.6	Súmula do capítulo	94
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	95
5.1	Amostra e quantitativo de ocorrências	95
5.2	Variáveis estatisticamente significativas	98
5.2.1	<i>Grupos de fatores linguísticos</i>	98

5.2.1.1 <i>Tipo de referente</i>	98
5.2.1.2 <i>Tipo de discurso</i>	105
5.2.1.3 <i>Tipo de frase</i>	108
5.2.2 <i>Grupos de fatores sociais</i>	112
5.2.2.1 <i>Faixa etária</i>	112
5.2.2.2 <i>Escolaridade</i>	116
5.2.3 <i>Grupos de fatores estilísticos</i>	120
5.2.3.1 <i>Complexidade do assunto</i>	120
5.2.3.2 <i>Estilo discursivo</i>	125
5.2.3.3 <i>Relação de proximidade entre os interlocutores</i>	136
5.3 Variáveis estatisticamente não significativas	144
5.3.1 <i>Grupo de fatores extralinguístico</i>	144
5.3.1.1 <i>Sexo</i>	144
5.4 Súmula do capítulo	148
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	159

1 INTRODUÇÃO

¿*Va a extinguirse el usted en España?*, questionava-se Dámaso Alonso em um artigo intitulado *La muerte del “usted”*, publicado pelo jornal espanhol ABC em 23 de novembro de 1947. Nesse, o poeta, com um olhar conservador, lamenta o avanço do uso da forma de tratamento *tú* em situações comunicativas antes reservadas às formalidades e nas quais imperava o uso do *usted*. É truísmo, pela norma do uso dessas formas de tratamento no espanhol peninsular¹, que, *grosso modo*: *tú*, assim como o plural *vosotros*, utiliza-se em contextos onde há familiaridade e informalidade. Por outro lado, *usted* e o seu plural *ustedes* utilizam-se para demonstrar formalidade e hierarquia.

A despeito dessas explicações, presentes em muitos materiais didáticos, sabemos que nem sempre a fala se adequa à norma dita *culta*², dando, assim, lugar a uma variabilidade que pode ser motivada tanto por fatores estruturais como sociais. Prova desse dinamismo linguístico é a variação entre as formas supra na expressão da segunda pessoa já observada pelo poeta, da Geração de 27, no final da primeira metade do século passado. Sobre essa variação, assevera Carricaburo (1997, p. 9-10, tradução nossa): “Nos últimos anos, as fórmulas de confiança têm ganhado espaço sobre as de respeito na maior parte do território de fala espanhola.”³

A variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa do espanhol tem sido foco de inúmeras pesquisas sociolinguísticas. Por citar alguns exemplos, trabalhos mais recentes, como o de Morín, Almeida e Rodríguez (2010) que investigaram uma possível mudança nas relações interpessoais a partir do uso dos pronomes, aqui abordados, na cidade de Las Palmas de Gran Canaria. Os autores, utilizando questionários para a coleta do *corpus*, confirmaram que nessa cidade se produziam variações nas relações marcadas pelo tratamento pronominal nos moldes da teoria do *Poder* e da *Solidariedade* de Brown e Gilman (1960). De modo análogo, Sanromán Vilas (2010) buscou, em sua pesquisa, descrever os fatores que condicionavam o uso das formas *tú* e *usted* em duas gerações de jovens da cidade de Cádiz. Fazendo uso também de questionários, a autora concluiu que mais do que qualquer outro condicionador, era a idade que motivava a escolha de uma forma de tratamento em detrimento de outra.

¹ Com exceção da Andaluzia ocidental e das Ilhas Canárias.

² Conforme Faraco (2008, p. 73), norma culta seria “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”.

³ “En los últimos años, las fórmulas de confianza han ido ganando espacio sobre las de respeto en la mayor parte del territorio de habla española”.

Usando o mesmo método de coleta que os pesquisadores anteriormente citados, Orozco (2010) tinha como objetivo investigar como se estendia o uso da forma *tú* na cidade de Guadalajara, México. A autora controlou fatores como *poder, distância, idade, escolaridade, origem* etc., na fala de 24 pessoas divididas igualmente entre homens e mulheres. A pesquisadora supra afirma que o uso da forma *tú* nessa cidade é uma mudança que se iniciou aproximadamente há cinco décadas.

Pereira, Coan e Pontes (2016) também propuseram uma análise das variantes *tú, vos* e *usted* em peças de teatro do final do século XIX e primeira metade do século XX em quatro países hispano-americanos, controlando fatores extralinguísticos como: *gênero, relação entre os interlocutores, relação de intimidade entre os interlocutores*, bem como fatores linguísticos que envolvem *concordância verbal, tempo e modo dos verbos da concordância verbal*, entre outros. Sobre a influência de alguns desses fatores na variação entre esses pronomes, a variável *gênero*, por exemplo, revelou dados curiosos. *Vos* e *usted* apresentou um percentual de uso maior entre homens. Por outro lado, *tú* foi mais recorrente entre mulheres como uma marca de solidariedade intrasexual. No que se refere ao fator *relação de intimidade*, *tú* teve mais ocorrência nas relações entre casais e entre irmãos(ãs) ou familiares. *Usted* foi predominante nas relações assimétricas e entre pais/mães, filhos(as), avôs(ós) e netos/as.

Dentro do panorama de estudos que envolvem a temática aqui abordada, é basilar mencionarmos outra fonte de consulta fundamental para o nosso trabalho, a saber, a obra *Formas y Fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (2010). Esse livro reúne, em mais de 1.000 páginas, artigos de especialistas na matéria e constitui uma obra de consulta imprescindível para pesquisadores e para interessados no estudo das formas de tratamento no mundo hispano. É imperioso ressaltar que, ao nos debruçarmos sobre alguns estudos presentes nessa obra, observamos que os seus resultados se alinham à fala de Carricaburo (1997) sobre a extensão do uso da forma *tú* nas comunidades de fala hispânicas.

A despeito do expressivo número de trabalhos envolvendo as formas anteriormente explicitadas, alguns autores como Calderón Campos e Medina Morales (2010) esclarecem que as pesquisas na área do tratamento carecem de abordagens metodológicas diferentes das utilizadas até o momento. Os autores acrescentam que quase todos os trabalhos analisam as variantes *tú* e *usted*, controlando apenas fatores como sexo, idade, status e parentesco, não considerando outros fatores como o contexto e a situação ou as atitudes linguísticas. Calderón Campos e Medina Morales (2010) chamam a atenção, ainda, para a escassa bibliografia sobre

os pronomes, acima citados, no espanhol atual peninsular em comparação com o que já foi produzido em outras variedades do espanhol.

Destarte, em vista dos estudos de variação – entre as retrocitadas formas – serem majoritariamente de cunho estrutural e social é que propomos analisá-las não somente por esse viés, mas, principalmente, sob a perspectiva da variação estilística. O uso dessa abordagem se justifica, *a priori*, por dois motivos: i) concordamos com Aijón Oliva (2009) quando defende que o uso de uma forma em detrimento da outra não é condicionada apenas pelas características dos indivíduos que atuam em uma interação, ou seja, pelos fatores com os quais se tem comumente controlado a variação entre essas duas formas; mas é, antes de tudo, um recurso estilístico; ii) apesar de a variação estilística ter muito a contribuir para as reflexões sociolinguísticas, “sempre foi um conceito tratado de forma periférica” (HORA, 2014, p. 20).

No que se refere ao tratamento dado à variação estilística das formas pronominais de segunda pessoa, a afirmação de Hora (2014) fica ainda mais evidente ao realizarmos uma breve consulta em plataformas como *Dialnet*, um dos maiores portais bibliográficos do mundo e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Igualmente, consultamos a bibliografia sobre os pronomes de segunda pessoa e as fórmulas de tratamento em língua espanhola, organizada por Fernández e Gerhalter (2017). Publicada pela revista *Linguística en la Red*, da Universidade de Alcalá de Henares, essa bibliografia reúne 1.524 entradas com estudos dessa natureza entre os anos 1867 a 2016. No entanto, percebemos a insuficiência de trabalhos que utilizam modelos de análise socioestilísticos.

Diante do panorama acima apresentado, sentimo-nos instigados a analisar a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral de uma comunidade linguística peninsular, considerando motivações linguísticas e socioestilísticas. Para tanto, o primeiro passo concentrou-se em determinar a comunidade linguística cujos falantes comporiam a amostra de nossa pesquisa. Desse modo, dada a importância, no mundo hispano, do macrocorpus PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*), investigamos, dentre os *corpora* que compõem esse projeto, qual deles ofereciam-nos melhores condições para a abordagem da dimensão estilística da variação. Dentre as cidades espanholas que participam nesse projeto, a comunidade linguística da cidade de Valência pareceu-nos a mais idônea para o controle de variáveis estilísticas, posto que, na estrutura de suas entrevistas, essas variáveis foram mais bem contempladas pela

equipe responsável pela composição do *corpus*, denominado PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*)⁴.

A partir disso, debruçamo-nos sobre os seguintes objetivos específicos: i) examinar os condicionamentos linguísticos: *tipo de frase (interrogativa, declarativa, exclamativa), tipo de referente (determinado ou indeterminado), tipo de discurso (discurso de fala própria, discurso reportado do próprio entrevistado e discurso reportado de terceiros)*; ii) investigar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos: *sexo, faixa etária, escolaridade, estilo discursivo (narrativo, expositivo, argumentativo, descritivo e dialogal), complexidade do assunto (assuntos mais complexos e assuntos menos complexos), relação de proximidade entre os interlocutores (distanciamento, proximidade intermediária e proximidade alta)*, iii) analisar os contextos prototípicos de uso de cada uma das variantes e iv) averiguar se a variação entre as formas *tú* e *usted* se trata de uma variação estável ou aponta para uma mudança em curso no espanhol valenciano.

Tendo em vista a perspectiva de análise variacionista, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001, SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Além disso, serviram-nos, como embasamento teórico para tratar da questão da variação estilística, três diferentes abordagens que aportam uma visão multidimensional desse tipo de fenômeno (LABOV, 2001, 2008 [1972]; BELL, 1984; ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES 2002).

A fim de estruturarmos o trabalho aqui empreendido, organizamos esta dissertação em seis capítulos. Como esperado, dedicamos o primeiro deles aos aspectos relativos à apresentação e contextualização do tema, bem como aos objetivos de pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos os sistemas pronominais em uso no mundo hispano e resenhamos alguns estudos relacionados à análise de formas pronominais de tratamento nas variedades do espanhol peninsular. O quarto capítulo é dedicado aos pressupostos teóricos que serviram de base para esta pesquisa. No quinto capítulo, estabelecemos os procedimentos metodológicos e, no sexto, realizamos a análise e discussão dos dados. Por fim, o último capítulo traz os aspectos conclusivos deste estudo, além de apontar as suas principais contribuições e os possíveis desdobramentos.

⁴ Ambos os *corpora*, por ora mencionados, serão descritos em seção dedicada aos procedimentos metodológicos.

2 OS SISTEMAS PRONOMINAIS DE TRATAMENTO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Inicialmente, convém ressaltarmos que o sistema de tratamento em língua espanhola é complexo. Fontanella de Weiberg (1999) destaca que este é um dos pontos que apresenta maior complexidade na morfossintaxe dessa língua. Logo, dada a extensão territorial, o número de países que possuem o espanhol como língua oficial e, conseqüentemente, os diferentes usos e os distintos contextos nos quais essas formas linguísticas são empregadas, é certo que não conseguiríamos dar conta de todos os aspectos que envolvem as formas de tratamento da língua espanhola. Esse tampouco constitui um objetivo do trabalho em questão. Dessa forma, tentaremos de maneira simplificada, porém, representativa, expor as normas que regulam os usos desses pronomes no mundo hispano.

2.1 O sistema pronominal de tratamento hispano-americano

Para começarmos, é basilar fazermos menção ao fenômeno que caracteriza o sistema de tratamento em alguns países hispano-americanos e se diferencia do uso feito no âmbito peninsular, a saber, o *voseo*. Tal fenômeno consiste no uso do pronome *vos* e suas formas verbais para expressar a segunda pessoa do singular. A aparição desse fenômeno data do século IV e era usado como forma de tratamento ao imperador romano, no entanto, teve seu uso estendido à Idade Média possuindo, na Península, o mesmo valor de *tú* (CARRICABURRO, 1997). Ainda que fossem utilizados para expressar a mesma pessoa, *vos*, naquela época, tinha um caráter respeitoso, enquanto *tú* era utilizado em tratamentos assimétricos, por exemplo, quando um nobre cristão se dirigia a alguém inferior. Esse sistema permanece até o século XVI quando *vos* começa a entrar em desuso e, em seu lugar, surge uma nova forma de cortesia: *vuestra merced* (KING, 2010). Desse modo, reestabelece-se o uso de *tú* com valor de confiança e *vos*, agora transformado em *vos-otros*, refere-se à segunda pessoa do plural, também, com valor de confiança. *Usted* surge como posterior generalização de *vuestra merced* e era utilizado como forma de respeito.

Na América, os vice-reinados de México e de Lima, que seguiam os hábitos da corte de Madrid, também faziam uso dessas formas nos moldes descritos acima e, apesar de abandonarem o uso de *vos* quase por completo, há evidências do seu uso na América do Norte até o século XVII (cf. VÁZQUEZ LASLOP e OROZCO, 2010). Nos territórios americanos, onde a influência da corte era menor, tais modificações não foram sentidas e o uso de *vos*

continuou a ser usado para o tratamento da segunda pessoa do singular; *ustedes*, por sua vez, como tratamento de respeito e de confiança.

No que se refere ao sistema pronominal de tratamento hispano-americano, não há a presença da forma *vosotros* como equivalente plural de *tú*, tal como ocorre no espanhol peninsular. Desse modo, *ustedes* é a forma, em plural, tanto de *tú* como de *usted*. No concernente ao tratamento em singular, Carricaburo (1997) estabelece três paradigmas de acordo com os fenômenos linguísticos *tuteo* e *voseo*. São eles: América *tuteante*, ou seja, que marca a segunda pessoa do singular com a forma *tú*; América *voseante*, que utiliza o *vos* para referir-se a essa mesma pessoa e América *tuteante-voseante*, onde o *tú* pode substituir ou alternar com o *vos*. Observemos os quadros, a seguir, que sistematizam esses usos:

Quadro 01 - América tuteante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>Tú</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Quadro 02 - América voseante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>Vos</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Quadro 03 - América tuteante-voseante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>vos</i> <i>tú</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Carricaburo (1997)

Fontanella de Weinberg (1999), por seu turno, apresenta quatro sistemas pronominais que dão conta das formas usadas, em espanhol, para se referir à segunda pessoa. A partir desses quatro sistemas, a autora distingue, ainda, quatro subsistemas que compreendem diferentes zonas de fala espanhola. O diferencial desses sistemas, para os que foram apresentados anteriormente, está no fato de Fontanella de Weinberg (1999) considerar, também, o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.), posto que, segundo a autora, eles estão intimamente ligados às formas pronominais de tratamento. Faremos uso desse último quando da explanação dos sistemas de formas de tratamento na Espanha.

Posto que iniciamos apresentando um panorama das formas pronominais de segunda pessoa no espanhol americano, vejamos, a seguir, o quadro resumitivo dos sistemas III e IV apresentados por Fontanella de Weinberg (1999). O sistema III apresenta, ainda, dois subsistemas que contêm as mesmas formas pronominais, mas, como ressalta a autora, possuem diferenças quanto ao seu funcionamento.

Quadro 04 – Sistemas pronominais hispano-americano de acordo com Fontanella de Weinberg

Relação entre os interlocutores	Sistema III				Sistema IV	
	Singular		Plural		Singular	Plural
	IIIa	IIIb	IIIa	IIIb		
Intimidade		<i>vos</i>		<i>ustedes</i>		<i>ustedes</i>
Confiança	<i>vos/tú</i>	<i>tú</i>	<i>ustedes</i>		<i>vos</i>	
Formalidade	<i>Usted</i>	<i>usted</i>			<i>usted</i>	

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Nas regiões americanas em que convivem os fenômenos *voseo* e *tuteo*, o subsistema IIIa, segundo Fontanella de Weinberg (1999), é o mais utilizado. Essas formas se intercambiam sem uma delimitação funcional do seu uso. No Chile, por exemplo, os falantes de classes sociais mais altas preferem o uso da forma *tú*, enquanto falantes de níveis sociais mais baixos tendem a utilizar a forma *vos*. Esses dois fenômenos também se alternam em boa parte da Bolívia, no sul do Peru, em parte do Equador, em grande parte da Colômbia, no oeste da Venezuela, na região fronteiriça entre o Panamá e Costa Rica e no estado Mexicano de Chiapas. Já os pronomes que compõem o subsistema IIIb são de uso comum no Uruguai, país em que os três níveis de formalidade se refletem no uso desses pronomes, desse modo, *vos* é a forma para a intimidade, *tú* para a confiança e *usted* para o uso formal. Para Calderón Campos (2010), esse seria o sistema que apresenta maior complexidade para se descrever.

Os pronomes do sistema IV são empregados de forma generalizada na Argentina e os seus usos também se constata na Costa Rica, na Nicarágua, na Guatemala e no Paraguai. Já

em El Salvador e Honduras, apesar de usarem amplamente essas formas, podem, igualmente, fazer uso do *tuteo*. Como podemos observar, é um sistema que reconhece apenas duas formas no singular, *vos* e *usted*, as quais estão separadas pelo aspecto formal. Fontanella de Weinberg (1999) é categórica ao afirmar que a forma *vos* tem seu uso generalizado e em nenhum contexto se registra a variação com a forma *tú*. Na Argentina e, em especial, em Buenos Aires, o uso estendido de *vos*, como forma de confiança, deu-se a partir da segunda metade do século XX e é usado, praticamente, em todos os estilos orais e escritos. Assim, o *voseo* está presente desde os discursos de rádio aos atos oficiais com falantes das mais altas hierarquias. Algo semelhante acontece em Costa Rica, onde o uso de *tú* está atrelado à ideia de pedantismo, procedência estrangeira, afetação etc. A seguir, apresentamos as formas de tratamento utilizadas na Espanha.

2.2 O sistema pronominal de tratamento na Espanha

De acordo com Fontanella de Weinberg (1999), o sistema de tratamento utilizado na maior parte do território espanhol é bastante equilibrado. Essa autora e Carricaburo (1997) apresentam sistemas bastante similares, portanto, por esse motivo, utilizaremos o quadro facilitado pela primeira por ela apresentar, também, o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.) dessas formas.⁵

Como podemos observar no quadro abaixo para o sistema I, há duas formas para o singular, *tú* e *usted*, e duas formas para o plural, *vosotros(as)* e *ustedes*. *Tú/vosotros(as)* são pronomes usados quando há familiaridade entre os interlocutores, e *usted/ustedes* são utilizados para situações comunicativas mais formais. Desse modo, dentre os demais sistemas do mundo hispano, esse é o único que utiliza duas formas no plural para se referir à segunda pessoa com familiaridade ou formalidade. Como vimos anteriormente nas configurações sistemáticas já explanadas, essa diferença é neutralizada e a forma *ustedes* opera nos dois âmbitos, tanto no da familiaridade como no da formalidade. Observemos, então, esses sistemas:

Quadro 05 - Sistema pronominal de tratamento na Espanha

⁵ Ressaltamos que consideraremos esses pronomes para fins de análise qualitativa, mas, conforme evidenciado em nossa metodologia, servir-nos-ão, estatisticamente, somente os pronomes que ocupem a posição de sujeito na frase.

Relação entre os interlocutores	Sistema I		Sistema II	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Confiança	<i>Tú</i>	<i>vosotros/as</i>	<i>tú</i>	<i>ustedes</i>
Formalidade	<i>usted</i>	<i>ustedes</i>	<i>usted</i>	

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 06 – Paradigma pronominal do Sistema I

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>Tú</i>	<i>Te</i>	<i>Te</i>	<i>ti/contigo</i>	<i>tu/s ~ tuyo/a/os/as</i>
<i>Usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>Se</i>	<i>Usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>vosotros</i>	<i>Os</i>	<i>Os</i>	<i>vosotros</i>	<i>vuestro/a/os/as</i>
<i>ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>Se</i>	<i>Ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>

Fonte: Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 07 – Paradigma pronominal do Sistema II

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>Usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>Se</i>	<i>Usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>Se</i>	<i>Ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i> (<i>vuestro/a/os/as – de</i> <i>ustedes</i>)

Fonte: Fontanella de Weinberg (1999).

Tecendo maiores comentários sobre a forma *vosotros*, Calderón Campos (2010) considera que a sua permanência, nesse sistema, divide o mundo hispano em dois grandes sistemas de tratamento. Como vimos anteriormente, esse pronome tem suas origens em *vos* e, com esta forma, surgiam contendas quando a referência eram vários indivíduos. Isso acontecia porque, na primeira metade do século XVI, *vos* passou por momentos de coexistência com *vosotros* para referir-se a várias pessoas, no entanto, *vos* ainda se utilizava para designar indivíduos no singular em usos reverenciais ou de cortesia. Essa relação, obviamente, causava conflitos. Dessa forma, passou a dar-se preferência pelo pronome *vosotros*, uma vez que era inequívoco para fazer referência a várias pessoas. *Vos*, então, é eliminado de forma gradual (LAPESA, 2008, p. 335). Como veremos mais adiante, na atualidade, *vosotros* persiste com todo o seu paradigma verbal e pronominal, exceto em Canarias e na Andaluzia Ocidental.

Sobre os usos das formas do sistema I, Carricaburo (1997) aponta que, na capital madrilenha, assim como em outras zonas urbanas, tem se produzido uma mudança no tratamento de segunda pessoa. As relações assimétricas têm evoluído para relações mais simétricas, nas quais os falantes fazem uso do *tuteo*, estabelecendo uma relação de

solidariedade informal; ou usam formas do âmbito da formalidade (*usted – usted*). Além disso, a autora destaca que o primeiro tipo de relação tem se sobreposto ao segundo tipo. Esse é o tipo de tratamento preferido no contexto familiar, entre jovens ou com profissionais que exercem as mesmas atividades e têm as mesmas profissões.

No que se referem às formas de objeto, *lo/los*, *la/las* e *le/les*, o uso que é feito delas também apresenta variações nas regiões que utilizam o sistema I. Essas alternâncias estão ligadas aos fenômenos conhecidos nos compêndios gramaticais como *loísmo*, *laísmo*, e *leísmo*. Sabe-se que quando um pronome complemento, em espanhol, desempenha função de objeto direto, devemos empregar *lo/los* ou *la/las* a depender do objeto. As duas últimas formas, por seu turno, funcionam como objeto indireto. No entanto, o uso feito desses pronomes, no cotidiano, nem sempre reflete o que dita a gramática normativa⁶. Desse modo, os falantes usam, por exemplo, *la* como complemento indireto feminino quando deveriam, de acordo com essa gramática, usar *le*, forma de complemento indireto. Essa alternância dá origem ao fenômeno *laísmo*, que assim como o *loísmo* e *leísmo* são registrados nas regiões daquele sistema pronominal.

O sistema II, como se pode perceber, coincide com o sistema I quanto às formas em singular. Porém, as formas no plural seguem o mesmo paradigma das formas presentes no sistema hispano-americano. Esse sistema, seguindo Fontanella de Weinberg (1999), é encontrado em algumas regiões da Península Ibérica, como na Andaluzia Ocidental, parte de Córdoba, Jaén e Granada. Fora da Península, encontra-se nas Ilhas Canárias. Nessa região, assim como na América, prevalece o uso de *ustedes* na norma padrão e, nos estudos que tratam sobre as formas de tratamento peninsular, é comum afirmar-se que tais ilhas desconhecem o uso de *vosotros*. Por outro lado, Medina López (2010) chama atenção para estudos que comprovam o aparecimento desta forma em certas áreas geográficas rurais do arquipélago e na ilha La Gomera.

Calderón Campos e Medina Morales (2010, p. 201) apresentam dados curiosos sobre as formas de tratamento na Andaluzia Ocidental. Como observado anteriormente, impera nessa região o uso da forma *ustedes*, porém, registra-se, principalmente nas camadas baixas da sociedade, a combinação dessa forma de tratamento com o paradigma verbal de segunda pessoa do plural *vosotros*, como se pode perceber na frase “*ustedes tenéis*”. De modo análogo, há ocorrência de frases que utilizam, além do verbo, o pronome objeto *os* (*ustedes os vais*), também forma de segunda pessoa do plural. Quanto a esses pronomes objeto,

⁶ “Conjunto de normas que regulam os usos idiomáticos considerados bons e corretos” (BAGNO, 2017, p. 169).

Fontanella de Weinberg (1999) acrescenta, ainda, que, em função da ambiguidade ocasionada pelas formas *su/sus – suyo/a/os/as*, elas são utilizadas com a terceira pessoa do singular e plural, com a segunda do plural e com a segunda do singular, *usted*, os falantes empregam recursos como “¿dónde están las carpetas de ustedes?”⁷ para resolver esse problema.

2.3 As formas de tratamento *tú* e *usted* na Espanha

Apesar dos inúmeros trabalhos sobre as formas de tratamento em estudo, resenharemos a seguir alguns trabalhos de especial interesse para a nossa pesquisa por terem abordado a alternância entre essas formas com falantes de uma das variedades do espanhol com a qual trabalhamos. Em primeiro lugar, apresentamos o estudo de Morín, Almeida e Rodríguez (2010) que analisaram a variação entre *tú/usted* na cidade de Las Palmas de Gran Canaria. Posteriormente, seguimos com a pesquisa de Sanromán Vilas (2010) que abordou os usos de *tú* e *usted* na fala de jovens residentes da cidade de Cádiz, no sul da Espanha e, finalmente, relataremos o trabalho de Aijón Oliva (2009) que é exceção entre os demais por ter abordado, especificamente, a dimensão estilística da variação entre as formas aqui tratadas.

Conforme adiantado, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) analisaram a variação *tú/usted* na cidade de Las Palmas de Gran Canaria considerando dois objetivos: primeiro, para conhecer o estado atual das mudanças operadas no sistema pronominal de tratamento dessa cidade; e, segundo, para verificar a vigência da teoria do *Poder e da Solidariedade* de Brown e Gilman (1960) nas mudanças assimétricas do *Poder*. No que se refere ao uso de *tú* e *usted* em Canarias, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) procuraram investigar se as mudanças experimentadas se tratavam de um passo da assimetria para a simetria ou se o uso majoritário de *tú* diante de *usted* era motivado pelas redefinições de valores que muitas sociedades experimentaram.

O método utilizado para a coleta de dados, a qual aconteceu em 1993, foi questionários que possuíam perguntas hipotéticas do tipo: ao falar com a sua sogra, com quem você tem pouca confiança, tratá-la-ia por *tú* ou *usted*? Foram feitas adequações dessa pergunta em outros contextos como a um conhecido mais velho na rua, um profissional superior etc. A amostra compunha-se de 47 informantes estratificados de acordo com o *sexo, idade e nível sociocultural*. Outras variáveis extralinguísticas foram controladas tais como: *a relação com o interlocutor; o status relativo dos interlocutores (inferioridade, superioridade ou*

⁷ “Onde estão as pastas de vocês?” (FONTANELLA DE WEINBERG, 1999, p. 1.403, tradução nossa)

semelhança). Os autores centraram sua análise nesse último fator, considerando três âmbitos sociolinguísticos distintos. São eles: *familiar, trabalho e social ou público*.

A partir dos dados do âmbito *familiar*, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) evidenciaram o avanço de *tú* e confirmaram a tese de Brown e Gilman (1960) sobre as mudanças em direção a tratamentos solidários. De acordo com os dados estatísticos, falantes mais velhos, com idade igual ou *acima de 56 anos*, tenderam para a manutenção da forma *usted* (60.7%) e para um trato assimétrico (*usted – tú*) majoritário. Falantes com idades compreendidas entre *36 a 55 anos* tiveram (41.5%) do uso de *usted* e uma mudança de uma prática assimétrica para relações de solidariedade (*usted – tú → tú – tú*); mudança essa que ficou ainda mais evidente na faixa etária de *25 a 35 anos*, que teve (31%) do uso de *usted*.

No âmbito do *trabalho*, todas as faixas etárias acima citadas evidenciaram uma tendência assimétrica (*usted – tú*) no tratamento direcionado a uma pessoa de status profissional superior. Vale ressaltar que os falantes entre *25 e 35 anos*, ao se reportarem a alguém com status inferior, primaram pelas relações de *poder (tú – usted)* e os falantes com idade igual ou superior a *56 anos* utilizaram a formalidade no tratamento (*usted – usted*). No que se refere a esse contexto situacional, ainda que se destacasse o uso da forma *usted* (91.2% nos mais velhos; 72.6% na faixa etária intermediária e 68.6% nos mais jovens), os autores apontaram para um processo de mudança no qual as relações de poder evoluíam para relações determinadas pela formalidade.

Já no âmbito *social*, definido pelos espaços como: zonas comerciais, entidades bancárias, áreas públicas etc, o uso de *usted* não mostrou diferenças significativas entre o status superior e inferior da pessoa a quem se dirigia o informante. O pronome em questão demonstrou ser mais frequente em pessoas de maior idade, caindo abaixo de (50%) entre pessoas com idade entre *36 a 55 anos* e chegou a valores mais baixos nos jovens. Desse modo, os autores constataram uma mudança em processo favorecida pelos falantes mais jovens, na qual uma relação assimétrica (*usted – tú*), própria dos mais velhos (54.2%), evoluiu progressivamente para uma relação de solidariedade (*tú – tú*), mais evidente naqueles. Conforme os autores, a cidade passa, nesse âmbito, por uma mudança no tratamento de uma relação social de poder para uma relação de solidariedade e respeito mútuo.

Destarte, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) demonstraram uma diminuição do uso de *usted* em Las Palmas de Gran Canaria conforme diminuía a idade dos falantes. A manutenção dessa variante foi maior em falantes de mais idade, ao passo que *tú* foi a forma

mais utilizada pelos jovens. Já na faixa etária intermediária, o uso dessas duas formas alternou-se em proporções aproximadas.

Outro estudo sobre a variação *tú* e *usted* nas variedades do espanhol peninsular é o de Sanromán Vilas (2010), que segue um caminho similar ao estudo acima relatado. Esse trabalho faz parte de um projeto de pesquisa levado a cabo pelo Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Helsinki com o título *Deixis social: as formas de tratamento como reflexo das transformações sociais*. O projeto tem como objetivo realizar uma descrição das formas de tratamento entre as línguas espanhola, francesa e italiana e compará-las.

Sobre o estudo de Sanromán Vilas (2010), o objetivo central era determinar os fatores que incidiam na escolha entre uma forma ou outra na fala de jovens da cidade de Cádiz. A autora controlou as variáveis: *sexo, idade, situação hierárquica e grau de conhecimento entre os interlocutores*. A coleta dos dados deu-se através de um questionário aplicado a 61 jovens, sendo (62%) do sexo feminino e (38%), masculino. Na amostra, havia estudantes, trabalhadores e pessoas desempregadas. Do número total, 33 indivíduos eram alunos do ensino médio de uma escola pública de Cádiz e com idades entre 13 e 14 anos e 28 eram estudantes da Universidade de Cádiz, com idades entre 22 e 24 anos. Todos eram falantes nativos do espanhol e residentes da referida cidade. Os questionários foram submetidos de forma escrita pelos professores dos alunos, em momentos de aula, na primavera de 2005.

O estudo considerou o uso dos pronomes em diferentes situações comunicativas, a saber: *na família, com os amigos, no contexto de trabalho e no acadêmico e em um encontro com um desconhecido*. Os dados obtidos foram correlacionados com a *idade e sexo* dos informantes. O objetivo era saber se havia diferenças significativas considerando essas duas variáveis. Para a análise, a autora considerou o aporte teórico sobre o *Poder e Solidariedade* de Brown e Gilman (1960).

No que se refere ao âmbito *familiar*, a forma *tú* foi generalizada. Um percentual de (100%) dos informantes usaram essa forma para se referirem aos seus pais ou companheiro(a). Por outro lado, ao se dirigirem aos avós, os universitários tiveram (96%) de uso da forma inovadora, sendo apenas (4%) de uso de *usted*, caindo para (3%) nos jovens do ensino médio. No trato com as sogras, os universitários tiveram (26%) de uso e (5%) não tinha certeza de como tratá-las. Com o sogro, o percentual foi de (21%) de *usted*. Percebe-se, assim, um avanço no uso de *tú* com diferenças mínimas entre as faixas etárias. A autora

estabeleceu que, nesse contexto, é a idade avançada e o grau de familiaridade que favorece o uso de *usted*.

No *contexto de trabalho*, consideraram-se dois fatores: idade e hierarquia social. O uso da forma *tú* recíproca, nesse ambiente, registrou-se sempre que os companheiros de trabalhos tinham a mesma idade e a mesma posição hierárquica ou idade inferior e posição hierárquica inferior à do informante. Por outro lado, a porcentagem mais alta de uso de *usted* (61%) ocorreu quando a idade do interlocutor era superior a do informante e ocupava posição hierárquica superior. O fator *idade* foi mais favorável para *usted*, seguido da posição hierárquica. Independentemente de o interlocutor ser de uma posição inferior ao do informante, em situações de maior idade, a tendência era ser tratado por *usted*.

No *contexto acadêmico*, a faixa etária maior foi a que mais empregou o uso de *usted*. Apenas (57%) dos universitários usaram *tú* com professores que conheciam há algum tempo e (76%) dos jovens de ensino médio usaram *tú* com os seus professores. Nos casos em que o professor era conhecido de pouco tempo, nos universitários, a taxa caiu para (11%) e, nos alunos do colégio, a porcentagem diminuiu para o expressivo (53%). Entre estudantes, ambas as faixas etárias fizeram uso do *tú* recíproco. Ao cruzarem-se os dados com o *sexo*, são os homens que fizeram maior uso de *usted* em cada faixa etária. Deste modo, a variável *grau de conhecimento* foi a que liderou a escolha de uma forma ou outra.

Por último, a situação *encontro com um desconhecido* foi abordada considerando três ambientes: *na casa de uns amigos, no trabalho e na rua*. Na primeira situação, o uso de *tú* foi imperativo e o fato de o interlocutor ser um desconhecido foi neutralizado pela informalidade do contexto e pelo fato de a situação ter sido mediada por um amigo em comum. No âmbito do *trabalho*, se o interlocutor era da mesma idade ou idade inferior a do informante, o *tú* continuou sendo generalizado. Por outro lado, se o desconhecido tinha mais idade, o uso de *tú* teve (17%) e *usted* teve expressivos (74%). Na *rua*, a variável idade continuou incidindo na escolha do pronome. Se o desconhecido tinha idade superior a do informante, o uso de *usted* foi categórico (100%) nos universitários. A pesquisadora apontou como curioso o fato de, nos jovens do ensino médio, nessa mesma situação, a taxa de uso de *usted* ter caído para (58%). O *sexo*, por sua vez, não chegou a ser uma variável significativa nesse âmbito.

Sanromán Vilas (2010) considerou que, em geral, não houve diferenças significativas entre as duas faixas etárias. No entanto, concluiu que os jovens universitários usaram muito mais *usted* com seus professores e com um desconhecido que encontraram pela rua e também

os jovens do ensino médio usaram mais *usted* ao se dirigirem aos amigos com idade superior a sua e aos desconhecidos de mais idade que encontraram em casa de amigos.

No âmbito *familiar*, assim como nas relações com amigos de idades próximas, o uso de *usted* parece ter sido substituído por *tú*. A autora do trabalho chama atenção para certa tendência evidenciada em estudos variacionistas mais recentes. Referimo-nos ao fato de serem as mulheres que encabeçam os processos de mudanças. Em seu trabalho, foram os homens e não as mulheres os informantes que realizaram um maior uso de *usted*, forma padrão. Por fim, a pesquisadora concluiu que é a idade que exerce mais pressão na escolha entre essas formas, seguida do grau de conhecimento entre os interlocutores e, em terceiro lugar, está a posição hierárquica do interlocutor.

Aijón Oliva (2009) foi outro pesquisador que, preocupado com a aparente escassez de trabalhos que explicassem a variação entre *tú* e *usted* a partir de fatores socioestilísticos e cognitivos, empreendeu um estudo que objetivou analisar algumas estratégias de persuasão da publicidade, em espanhol, considerando o fenômeno de variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa em uma das variedades peninsular desse idioma. A hipótese inicial sustentada pelo pesquisador era a de que a escolha no emprego de uma forma ou outra para se dirigir ao ouvinte não era aleatória, mas, sim, era produto de uma escolha estilística consciente que tinha como objetivo obter uma resposta afirmativa por parte da audiência.

Para viabilizar a pesquisa, Aijón Oliva (2009) utilizou como material de análise o *Corpus de Lenguaje de los Medios de Comunicación de Salamanca* (MEDIASA). Foram analisados 245 textos breves para identificar quais deles marcavam o pronome de tratamento, fosse pela própria forma ou através do seu paradigma verbal/pronominal e que tipo de tratamento era dado. Após o descarte dos textos que não utilizavam nenhuma forma de tratamento, o material principal se compôs de 211 textos que utilizavam alguma forma pretendida. Desse número, 133 empregavam o uso de *tú* (63% do total) e 78 utilizaram *usted* (37% do total).

O pesquisador controlou fatores extralinguísticos como *idade* (*até 25 anos, de 25 a 45, de 45 a 65 e acima de 65 anos*). Nesse ponto, o objetivo era investigar se havia alguma relação entre a forma de tratamento escolhida e a faixa etária a quem se dirigia o anúncio. Os resultados mostraram o propenso uso de *tú* (100%) com crianças e jovens, por outro lado, *usted* teve (52.8%) e (62.5%) com adultos maduros e pessoas mais velhas, respectivamente. Para Aijón Oliva (2009), a paternidade pode ajudar a explicar a preferência entre uma forma e outra, visto que, nos anúncios dirigidos a pessoas com idade próxima a se casar, a forma

preferida era *tú*, por outro lado, os anúncios que remetiam aos filhos, batismos e primeiras comunhões tendiam para o uso de *usted*.

No que se refere ao *nível econômico* dos participantes (*médio e médio-alto*), os dados mostraram que, no nível *médio-alto*, a frequência de *usted* (60.5%) sobressaiu-se a *tú* (39.5%). Nos anúncios que transmitiam características estilísticas de luxo, por exemplo, a forma *usted* foi amplamente a mais preferida, o que comprovou a pressão do poder aquisitivo sobre as formas de tratamento. Por outro lado, sobre o fator *sexo* dos informantes, o uso de *tú* (68%) foi maior nos anúncios dirigidos ao sexo *feminino* e *usted*, com (62.5%), para o sexo *masculino*. O pesquisador ponderou que, no primeiro caso, o uso dessa forma estava atrelado ao desejo de potencializar a solidariedade grupal com as ouvintes e, no segundo, à tentativa de passar uma imagem de experiência e de profissional.

Aijón Oliva (2009) relacionou ainda as formas de tratamento com os principais valores de imagem que o produtor do anúncio pretendia transmitir. Desse modo, na análise dos textos, o pesquisador encontrou nove dimensões ou características semânticas das empresas anunciantes e dos produtos. São elas: *alta qualidade, preço reduzido, facilidades e promoções, variedade, experiência, novidade ou renovação, tradição e autenticidade, diferencial e luxo*. Observou-se, nos dados, que quando a imagem passada era de *qualidade, experiência ou profissional, tradição e luxo*, o uso majoritário era *usted* em vez de *tú* quando se queria transmitir o diferente ou o moderno.

Uma última correlação estabelecida nesse estudo foi a de *tú* e de *usted* com o âmbito da atividade social presente no anúncio. O pesquisador estabeleceu, então, dez categorias: *automóveis, eletrônica e informática, hotelaria, móveis e decoração, ócio e espetáculos, publicidade informativa, roupa e complementos, serviços, supermercados e alimentação e moradia*. Ainda que o tipo de produto oferecido não fosse tão determinante, os dados demonstraram, por exemplo, que nos setores de *ócio e espetáculos*, dado o caráter lúdico, o uso de *tú* foi bem maior que o de *usted*. Portanto, Aijón Oliva (2009) concluiu que a escolha entre as formas mencionadas não é fortuita e o perfil do consumidor não é o único condicionador presente, mas também depende do publicitário que maneja as circunstâncias do ato comunicativo, pois este objetiva alcançar o efeito pretendido no público alvo do anúncio.

Após a resenha desses trabalhos, fica-nos evidente que o uso de uma forma ou outra, pelo falante, não está condicionado apenas por fatores sociais, mas a dimensão estilística, presente na situação comunicativa, também exerce significativa influência no comportamento linguístico do indivíduo. Além da variável *idade*, que se apresentou como um fator bastante

condicionador da forma *tú* na variedade do espanhol falado na Espanha; as relações estabelecidas entre os interlocutores evidenciaram um processo de mudança em um tratamento, antes, assimétrico, para um tratamento mais simétrico. Essas tendências corroboram a afirmação de Fontanella de Weinberg (1999) sobre o avanço, nas comunidades inovadoras, de formas solidárias e de trato mais próximo.

Os trabalhos, aqui resenhados, que abordam a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* nas comunidades de fala acima mencionadas, são fundamentais para a nossa pesquisa, visto que o nosso objetivo é estudar o comportamento dessas variantes em uma comunidade de fala espanhola. As ponderações feitas pelos pesquisadores, certamente, serão de grande relevância para a nossa análise, uma vez que grupos de fatores, por eles testados, tais como: *idade*, *sexo* e *escolaridade*, também, foram contemplados em nosso estudo. Dessa forma, os resultados aos quais chegaremos possibilitar-nos-á uma comparação com esses estudos.

Além disso, a metodologia de análise desenhada, em nosso trabalho, objetiva verificar contextos de variação que têm sido pouco explorados no que se refere a essa temática. Elencamos grupos de fatores como o *tipo de frase*, o *tipo de discurso*, *estilo discursivo*, *complexidade do assunto*, pouco ou não contemplados nos estudos sociolinguísticos desse tipo de fenômeno, em espanhol. Acreditamos, assim, preencher, minimamente, as lacunas apontadas por Calderón Campos e Medina Morales (2010) e Aijón Oliva (2009) a respeito da ausência de pesquisas que trabalhem com fatores que não sejam, apenas, de ordem social e linguística. Propomos, ainda, o controle de uma variável complexa (*relação de proximidade entre os interlocutores*), a ser descrita na seção reservada à metodologia. Sendo assim, acreditamos que o diferencial dessa pesquisa está no conjunto dessas características.

2.4 Súmula do capítulo

Nesta seção, apresentamos a configuração do sistema pronominal de tratamento em língua espanhola. Discorremos em linhas gerais sobre a norma hispano-americana e dedicamos atenção especial à norma peninsular, visto que o fenômeno variável abordado, nesta pesquisa, situa-se em uma comunidade de fala espanhola. Para tanto, apoiamo-nos nos trabalhos de Fontanella de Weinberg (1995, 1999), Carricaburo (1997), Calderón Campos

(2010) e Calderón Campos e Medina Morales (2010) que traçam um perfil das formas e usos de tais pronomes no mundo hispano.

Conforme visto, no âmbito hispano-americano, dispomos de três sistemas pronominais configurados de acordo com os fenômenos linguísticos conhecidos como *tuteo* e *voseo* (CARRICABURO, 1997). São eles: i) *América tuteante*, onde, sumariamente, no singular, faz-se uso de *tú* em situações informais/familiares e *usted* para as situações de cortesia/formalidade, ii) *América voseante* que utiliza o *vos* em situações informais e *usted* em situações formais e iii) *América tuteante-voseante* em que *tú* alterna ou substitui *vos* em circunstâncias informais e *usted*, como nos demais casos, para marcar distanciamento. Nos três sistemas, a forma utilizada no plural é *ustedes*. O diferencial dos sistemas apresentados pela autora mencionada e Fontanella de Weinberg (1995, 1999) reside no fato desta considerar, também, o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.) que está intimamente ligado às formas de tratamento.

No que se refere ao sistema pronominal de tratamento no espanhol europeu, esse se diferencia pelo uso da forma *vosotros(as)*, de uso em grande parte do território espanhol. Essa forma e sua equivalente no singular, *tú*, são empregadas em situações em que a relação entre os interlocutores é mediada pela confiança. Por outro lado, *usted* e sua forma, no plural, *ustedes*, surgem em situações de formalidade. Em regiões como Córdoba, Jaén, Granada e Andaluzia Ocidental e nas Ilhas Canárias, as formas de tratamento utilizadas, no singular, coincidem com as explicitadas acima, no entanto, para o plural, a forma empreendida segue o mesmo paradigma da forma utilizada no sistema hispano-americano, ou seja, usa-se *ustedes*.

Ainda neste capítulo, procedemos à resenha de alguns trabalhos que abordaram a variação entre *tú* e *usted* nas variedades do espanhol peninsular. No entanto, apesar de as formas de tratamento serem um tema clássico nos estudos sociolinguísticos e a quantidade de trabalhos ser bastante representativa nessa área – pelo menos em algumas variedades do espanhol – não obtivemos êxito em encontrar, em nossa revisão bibliográfica, um número representativo de pesquisas que contemplassem a dimensão estilística da variação e com as quais pudéssemos estabelecer um diálogo. Isso legitima a preocupação de autores como Aijón Oliva (2009) sobre a ausência de estudos dessa natureza, no espanhol, ao passo que oportuniza que trabalhos como o nosso sejam replicados e surjam novas possibilidades de análise.

No tocante às pesquisas relatadas, discorreremos sobre os trabalhos de Morín, Almeida e Rodríguez (2010) que, considerando a teoria do *Poder e Solidariedade* de Brown e Gilman

(1960), buscaram observar as mudanças ocasionadas no sistema pronominal de tratamento da cidade de Las Palmas de Gran Canaria. Os autores constataram uma alteração nas relações assimétricas mediadas pelo *Poder*. Os falantes mais jovens, dessa cidade, encabeçavam um processo de mudança de relações assimétricas (*usted – tú*), para relações de solidariedade (*tú – tú*). Sanromán Vilas (2010) foi outra pesquisadora que buscou determinar quais fatores condicionavam o uso de *tú* ou *usted* nos falantes da cidade de Cádiz. Considerando, igualmente, o aporte teórico de Brown e Gilman (1960), a autora, a partir dos seus resultados, concluiu que era a *idade* a variável que mais influência exercia na escolha de uma forma ou outra.

Por último, o estudo de Aijón Oliva (2009) é o que mais se aproxima do nosso por considerar, principalmente, a variação estilística entre as formas de tratamento *tú* e *usted* em uma variedade do espanhol peninsular. O autor analisou algumas estratégias de persuasão da publicidade na cidade de Salamanca, considerando a variação entre as formas supra. Controlando variáveis estilísticas como o nível econômico dos participantes, valores de imagem que o produtor do anúncio pretendia transmitir, como, por exemplo: *alta qualidade, promoções, luxo* etc., e setores dos produtos, o pesquisador concluiu que a escolha entre uma forma e outra não é aleatória, mas depende de fatores não só como o perfil do consumidor, mas também do publicitário responsável pela elaboração da publicidade.

Uma vez resenhados esses trabalhos, procederemos, no próximo capítulo, com o aporte teórico que nos servirá de subsídio para comprovação das hipóteses que estabelecemos em cada variável elencada em nossa pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentaremos – em um primeiro momento – a teoria linguística na qual se alicerça a nossa pesquisa, isto é, a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001; SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004), modelo teórico-metodológico que defende que toda língua muda e varia. Para dar vazão a essa e em nome da brevidade, iniciaremos com um rápido preâmbulo sobre a Linguística como ciência ao surgimento da Sociolinguística. Dedicar-nos-emos, ainda, nesse momento, a discorrer precipuamente sobre a variação estilística, vertente a que, até pouco tempo, dava-se pouca atenção nos estudos de variação. Desse modo, abordaremos, além da abordagem laboviana sobre o estilo, os seus mais recentes desdobramentos teóricos (BELL, 1984; ECKERT e RICKFORD, 2001; 2012; SCHILLING-ESTES, 2002; 2012). Concluindo essa seção, abordaremos, sumariamente, a proposta de Brown e Gilman (1960), pela importância dessa teoria para os estudos da variação estilística, principalmente, na abordagem dos pronomes de tratamento.

3.1 A Teoria da Variação e Mudança

É de conhecimento que a Linguística se instaura no início do século XX como uma ciência autônoma que se volta para explicação e descrição do funcionamento da linguagem verbal humana. A atribuição do caráter científico e moderno – como conhecemos hoje a Linguística – deve-se ao genebrino Ferdinand de Saussure, linguista que se encarregou de definir o objeto de estudo dessa ciência o qual até então não havia sido precisado. Na tentativa de racionalizar os estudos linguísticos, Saussure estabelece uma das mais importantes e fecundas dicotomias, a saber, a famigerada *langue* (língua) e *parole* (fala). Esta constitui o ato individual da linguagem. É heterogênea, psicofísica, depende da vontade do falante e de fatores extralinguísticos. Aquela, por sua vez, é de caráter social, coletiva, homogênea, psíquica, não dependendo da vontade dos falantes. É o objeto da Linguística propriamente dito (SAUSSURE, 2012 [1916]).

Ao separar a linguagem em língua e fala, Saussure abstrai o estudo dessa última, pois concebe a língua como “uma instituição social”, um sistema que só existe por completo na massa e, segundo ele, a fala não tem nada de coletivo. Além disso, dada a heterogeneidade da

fala, o mestre genebrino assumia que para um cientista não seria interessante estudar o que é variável. A fala seria, então, o *locus* de toda a mudança e as inovações linguísticas só importariam ao linguista quando acolhidas pela coletividade, do contrário, enquanto produto individual, não haveria motivos para estudá-las (SAUSSURE, 2012 [1916]). Destarte, a língua é isolada de tudo o que lhe é exterior. O linguista não negou a existência da mudança, mas, para ele, ela só tinha sentido na estrutura interna do sistema linguístico, pois entendia que tudo o que provocasse mudança em qualquer nível era de ordem interna.

Dá-se, pois, o nome de Estruturalismo à corrente linguística que possui essa concepção de língua como um “sistema monolítico, uniforme e homogêneo” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 242, tradução nossa)⁸. Na década de 60, vimos nascer outra corrente muito pujante nos estudos linguísticos contemporâneos, a saber, o Gerativismo. Tendo como precursor o linguista americano Noam Chomsky, o gerativismo, assim como o estruturalismo, possui uma concepção de língua como um objeto de estudo homogêneo e dissociado de fatores sociais e históricos. Sendo assim, fica evidente a ausência de uma visão social da língua nas bases epistemológicas da Linguística. Desse modo, esses posicionamentos teóricos serão revistos posteriormente por linguistas que se preocuparam em estabelecer uma relação entre língua e sociedade.

É ainda em meados da década de 60 que um grupo de linguistas retoma as discussões acerca da mudança linguística, assim como a incidência de fatores sociais agindo sobre essa, e contesta o caráter homogêneo da língua defendido pelos linguistas anteriormente mencionados. Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH) percebiam a língua não mais como um sistema isolado do aspecto social e voltado para a sua estrutura interna. Dessa forma, a mudança linguística não poderia ser entendida fora da comunidade de fala e da estrutura social, tendo em vista que determinadas variações, na percepção desses estudiosos, sofrem pressões sociais e estilísticas e não apenas de pressões internas ao sistema.

Uma das principais questões levantadas por esses linguistas sobre a visão estruturalista da língua se refere ao fato de que, para que ela funcionasse de modo efetivo, deveria ser estruturada; porém, restava saber: como os falantes se comunicam enquanto a língua está em processo de mudança? Em outras palavras, como as pessoas são entendidas e se fazem entender enquanto a língua passa por períodos de menor sistematicidade (WLH, 2006 [1968])?

⁸ “[...] sistema monolítico, uniforme y homogêneo” (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 242).

Das correntes anteriores, esses linguistas adotam o entendimento de língua como um sistema de regras, mas além das regras categóricas inerentes a esse sistema, também o constituem as regras variáveis, isto é, o sistema também é configurado por fatores internos e externos. Sendo assim, a língua passa a ser vista, nessa vertente, como um objeto de heterogeneidade estruturada e de variabilidade ordenada. Erguem-se, assim, as bases da área da linguística que se preocupa em dar explicações ao processo de variação e mudança nas línguas naturais, isto é, a Sociolinguística, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa; Sociolinguística Laboviana; Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (doravante TVM) (COELHO *et al.*, 2015).

Os princípios teóricos dessa nova corrente que surgiu em oposição ao Estruturalismo e ao Gerativismo, teorias de maior projeção linguística, podem ser encontrados nas duas obras que a alicerçam e a consolidam. São elas: *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*⁹, publicado em 1968 por WLH (2006), e *Padrões sociolinguísticos*¹⁰ (2008), publicado por Labov em 1972. Esse último autor, principal expoente da teoria sociolinguística, passa, então, a realizar vários estudos de cunho variacionista, entre eles, é basilar mencionarmos o seu estudo pioneiro no ano de 1963 na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets (EUA).

Nesse estudo, o linguista defendia que os ditongos /ay/ e /aw/ poderiam ser pronunciados de maneiras diferentes e que a motivação para a variação dessas duas formas estaria ligada a fatores de ordem extralinguística. Em seus resultados, Labov demonstra, por exemplo, que a centralização na pronúncia desses ditongos estava condicionada não por fatores internos ao sistema, mas, sim, por fatores atrelados à identidade social dos falantes da ilha. De fato, os dados revelaram que os indivíduos propensos a essa centralização foram os descendentes de ingleses que se caracterizavam por manter suas tradições e eram avessos às inovações advindas com o crescimento do turismo.

Labov insere, desse modo, o componente social na análise linguística, abordando fatores que estão na dimensão externa da língua, como idade, sexo, escolaridade, região do indivíduo, seu posicionamento na sociedade etc. Com esse estudo, o sociolinguista põe em evidência a influência que a língua sofre dos fatores externos a ela, assim como as motivações implicadas em sua mudança.

⁹ Empirical foundations for a theory of language change, 1968.

¹⁰ Sociolinguistic patterns, 1972.

A variação linguística é entendida, pois, como a possibilidade de, em um mesmo contexto, duas formas linguísticas remeterem ao mesmo valor referencial/representacional (LABOV, 1978). O lugar na gramática no qual identificamos duas formas que disputam para expressar o mesmo valor de verdade é chamado de *variável*, *regra variável* ou ainda de *variável dependente*. É o fenômeno observável. Por sua vez, as formas envolvidas no processo de variação recebem o nome de *variantes* que podem ser identificadas como *variante padrão* e *não padrão*¹¹. Tomemos como exemplo, no espanhol, o fenômeno variável “realização do segmento fonológico /s/ em posição implosiva”. Esse fenômeno possui três formas que se encontram em disputa para expressar o mesmo valor referencial/representacional, são as variantes: *realização plena*, *aspiração* e *elisão*. Segundo SILVA-CORVALÁN (2017, p. 121), as variantes *realização plena* ou *aspiração* tem maior prestígio no mundo hispano, portanto, identificamo-las como *variáveis padrão*, por outro lado, a *elisão* é a variante *não padrão*, ou seja, a forma de menor prestígio na sociedade. Vale ressaltar que nem sempre essa correspondência reflete a variação em si, e é tida mais como uma tendência.

Nesse ínterim, cabe ressaltar a polêmica estabelecida entre Labov e a linguista argentina Beatriz Lavandera na década de 70. Como se sabe, as primeiras pesquisas labovianas abordavam fenômenos variáveis no nível fonológico da língua, como o já mencionado estudo na ilha de Martha’s Vineyard, em Massachussets. No entanto, em 1977, Labov e Weiner ampliam, com as mesmas técnicas e métodos variacionistas, as possibilidades de análise de fenômenos linguísticos do nível fonológico para o nível sintático da língua. A então pesquisa abordava as construções passivas e ativas do inglês, controlando fatores linguísticos (status informacional e paralelismo estrutural) e fatores extralinguísticos (estilo, faixa etária, sexo e etnia). Os resultados foram surpreendentes, pois demonstraram que a alternância entre essas formas não era motivada por fatores externos à língua, mas, sim, pelos fatores internos.

Esses resultados levantaram profundas críticas aos estudos variacionistas, pois, em trabalhos anteriores, no nível fonológico, eram esses fatores que condicionavam a variação. Lavandera (1978) questionou, então, a manutenção do significado representacional das variantes quando aplicada a fenômenos sintáticos. Lembremos que, de acordo com os princípios sociolinguísticos, as *variantes* só podem ser assim entendidas enquanto formas que

¹¹ No tocante aos termos *variantes padrão* e *não padrão*, Coelho *et al.* (2015) explicam que aquelas são formas linguísticas que fazem parte das *variedades cultas* da língua, por isso têm mais prestígio na comunidade de fala e são mais conservadoras. Por outro lado, as formas *não padrão* tendem a distanciar-se dessas variedades, sendo mais estigmatizadas e identificadas como formas inovadoras.

disputam o mesmo significado referencial/representacional e são intercambiáveis nos mesmos contextos. Lavandera (1977) defendia que os segmentos sintáticos possuíam um significado referencial próprio, podendo, então, apresentarem significados semânticos distintos. A linguista argentina questionou, então, a aplicação do conceito de *variável* sociolinguística a outros níveis para além do nível fonológico (SILVA-CORVALÁN, 2001). Desse modo, propõe a substituição do termo “mesmo significado” por “comparabilidade funcional” e critica, ainda, a irrelevância dos fatores sociais e estilísticos em estudos nesse nível.

Labov publica em 1978 o trabalho *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera* para responder as críticas lançadas pela pesquisadora argentina. Nesse trabalho, ele reafirma o princípio da equivalência semântica e amplia a noção de variável linguística conforme o excerto a seguir (1978, p. 2, tradução nossa): “[...] dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade [...]”¹², em que “estado de coisas” tem o mesmo valor de “significado representacional”. Ademais, expõe que, ao lidar com a dimensão social da língua, a Sociolinguística não se preocupa apenas com a relevância dos fatores sociais, mas também com a estrutura gramatical da língua. Para Labov (FIGUEROA, 1996), a língua e o contexto social existem como entidades separadas e é de interesse da Sociolinguística correlacionar os fatos linguísticos (fonologia, morfologia e sintaxe) com os fatos sociais (classe, gênero, idade). De acordo com Figueroa (1996, p. 71, tradução nossa): “A Sociolinguística laboviana não é uma teoria sobre a *parole*, tampouco é um estudo do uso da língua com propósitos para descrevê-la, mas um estudo do uso da língua para o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*).”¹³.

Como afirmamos anteriormente, as escolhas que os falantes realizam entre uma variante e outra para expressar uma variável linguística é influenciada por forças, ou *grupos de fatores*, que são internos e externos ao sistema. Esses últimos são também conhecidos na terminologia como *variáveis independentes*. Os fatores internos (ou *condicionadores linguísticos*) são fatores que dizem respeito aos níveis da língua, qual seja, fonológico, morfológico, sintático etc. Por outro lado, os fatores externos (ou *condicionadores extralinguísticos*) são fatores de natureza social como nos exemplos mencionados mais acima. O termo *variável dependente*, explicitado anteriormente, justifica-se por sua realização estar

¹² “[...] two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value [...]” (LABOV, 1978, p. 2).

¹³ “Labovian sociolinguistics is not a theory of *parole*, nor is it a study of language use for descriptive purposes, but a study of language use for what it reveals about linguistic structure (*langue*).” (FIGUEROA, 1996, p. 71).

atrelada às *variáveis independentes* que, por sua vez, não estabelecem uma relação de dependência entre si.

Posto isso, é tarefa do sociolinguista estudar quais condicionadores estão atuando para que os falantes se expressem de um modo ou de outro em um determinado fenômeno variável; qual a relação existente entre os fatores internos e os externos e como uma variação resulta em uma mudança (COELHO *et al.*, 2015). A observação do comportamento desses fatores, pelo linguista, é mediada por técnicas quantitativas e estatísticas, haja vista que o sistema é de natureza probabilística.

Convém salientarmos, neste ponto, um princípio geral da Teoria da Variação e Mudança, o de que nem toda variação pressupõe mudança, mas toda mudança pressupõe variação (WLH, 2006 [1968]). Duas formas podem alternar-se em períodos estáveis de variação sem que se complete um estado de mudança. Retomemos o exemplo dessa pesquisa. Afirmamos anteriormente que as variantes *tú* e *usted* disputam para expressar o mesmo valor de verdade. Os estudos sobre essas formas têm revelado que *tú* tem adentrado em contextos em que antes a norma estabelecia o uso de *usted*, daí o conceito de forma inovadora. No entanto, não podemos afirmar que ela substituirá a forma padrão *usted*, nesses contextos. Por outro lado, como vimos na seção anterior, na Espanha do século XVI, os pronomes *tú* e *vos* eram usados no âmbito familiar. Já entre os séculos XVII e, talvez, parte do século XVIII, *tú* substituiu completamente *vos* (LAPESA, 2008). Isso significa dizer que essas duas variantes passaram por um estágio prévio de variação para, por fim, resultar em uma mudança.

Diferentemente do Estruturalismo, o qual assumia que a língua deveria ser estudada em perspectiva sincrônica, pois é a única realidade que o falante conhece; em Sociolinguística, a língua é abordada a partir de uma perspectiva pancrônica¹⁴. Nesse sentido, frequentemente o sociolinguista precisa explicar fenômenos variáveis de épocas passadas, portanto, ele lança mão de um dos princípios da TVM conhecido como o *princípio do uniformitarismo* (LABOV, 1994). Segundo esse princípio, os fatores que condicionaram as mudanças linguísticas no passado não se diferenciam essencialmente dos que incidem nos fenômenos no presente. Em outras palavras, observadas as limitações dos fatores sociais devido à diferença de épocas, podem-se inferir os processos de mudança de épocas passadas, a partir da observação desses processos no presente.

¹⁴ Contrária à oposição saussuriana entre sincronia e diacronia, em que, nessa, estuda-se a língua no curso do tempo e, naquela, os elementos linguísticos são estudados considerando um recorte temporal; a Sociolinguística aborda a língua a partir de uma visão pancrônica. Importam, a essa área de estudos, não só as relações sincrônicas da mudança linguística, mas, também, suas relações ao longo do tempo (SILVA-CORVALÁN, 2001).

WLH, como vimos, foram os fundadores da TVM e apresentaram um modelo de teoria que tenta dar conta da questão inicial sobre como os falantes se comunicam enquanto a língua é alterada. Ao defender a língua como um sistema dotado de uma heterogeneidade ordenada, os sociolinguistas apresentam cinco fundamentos, conhecidos como *problemas empíricos*, que todo pesquisador deve considerar ao abordar um fenômeno variável (WLH, 2006 [1968]). São eles: *problema da restrição*; *problema da transição*; *problema do encaixamento*; *problema da implementação* e *problema da avaliação*. A seguir, trataremos, sumariamente, dessas cinco ferramentas metodológicas.

No *problema de restrição*, investigam-se quais são as mudanças possíveis, bem como as condições possíveis que motivam essas mudanças. Já no *problema de transição*, a preocupação está em compreender como o processo de mudança passa de um estágio a outro. Essa compreensão pode dar-se analisando dados linguísticos atuais como, também, dados mais distantes no tempo. Desse modo, a análise sincrônica da variação entre as formas utilizadas pelo falante em um determinado fenômeno linguístico, denomina-se análise em *tempo aparente*. No outro extremo, quando esse estudo se dá com dados de uma comunidade de fala considerando vários momentos no tempo, temos uma análise em *tempo real*.

Ampliando o entendimento sobre esses tipos de análise, no primeiro caso podemos estudar a possibilidade dessa mudança ter acontecido no que se chama classicamente de *mudança em tempo aparente*. De acordo com Silva-Corvalán (2001), compara-se a fala de membros da comunidade estratificados pela idade, e, caso se encontrem diferenças, pode-se supor que há uma mudança em curso. Essa observação é possível porque se pressupõe, nos estudos variacionistas, que a fala adquirida na adolescência se mantém mais ou menos estável ao longo da vida do indivíduo. Em outras palavras, o vernáculo adquirido até a puberdade, segundo Coelho *et al.* (2015), entre os 5 a 15 anos, aproximadamente, refletirá no nosso desempenho linguístico na maturidade e até mesmo na velhice. Esse aspecto possibilita, então, a comparação entre gerações.

Eckert (1997) olha com reservas para estudos que consideram apenas esse tipo de análise. A autora acredita que as mudanças linguísticas que se produzem no indivíduo não são resultados apenas das mudanças linguísticas históricas, mas, também, das mudanças oriundas da história de vida desse indivíduo. Por isso, analisar a mudança linguística apenas em função da idade enquanto tempo cronológico pode levar a equívocos quanto a uma mudança em tempo aparente e gradação etária. Para ela, há vários fatores de ordem social e biológica que exercem influência na faixa etária durante, em seus termos, o ciclo da vida linguística: as

relações sociais, a escola, o mercado de trabalho etc. Desse modo, a autora propõe que as etapas controladas, na variável faixa etária, contemplem esse curso, ou seja, a infância, a adolescência, a vida adulta e a velhice.

No outro tipo de estudo, compara-se a fala dos mesmos indivíduos durante vários anos, ou seja, é um estudo em diferentes pontos do tempo, denominado *mudança em tempo real*. Para se realizar um estudo dessa natureza, ou seja, longitudinal, há dois procedimentos metodológicos: o pesquisador coleta amostras de fala ou escrita em uma determinada comunidade e, após alguns anos, retorna a essa mesma comunidade para coletar dados de informantes com perfis iguais aos da primeira coleta. Esse modo de análise para perceber os processos de mudança se chama *estudo de tendências*. Outro tipo de análise comparativa de dados se chama *estudo de painel*, no qual, diferente do estudo anterior, ao retornar à comunidade, depois de um tempo, o pesquisador deve coletar amostras dos mesmos informantes que participaram da primeira coleta (LABOV, 1994).

O *problema da avaliação*, por sua vez, estuda as atitudes subjetivas dos falantes com relação à mudança em progresso. Entrementes, é importante retomarmos o conceito de *comunidade de fala*, tendo em vista que, apesar de a Sociolinguística reconhecer a variação no nível do indivíduo, ela estuda a língua no âmbito do agrupamento de falantes. Labov (2008, p. 150) define como *comunidade de fala* um conjunto de indivíduos que compartilham normas que podem ser observadas a partir de “comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação”. Definição semelhante, encontramos em Moreno Fernández (2009). Para esse, *comunidade de fala* é um agrupamento de indivíduos que têm em comum ao menos uma variedade linguística, que compartilham regras de uso e coincidem na interpretação dessas. Além disso, esses indivíduos coincidem nas atitudes e no julgamento das formas linguísticas.

A avaliação das variantes de um fenômeno variável é dada pelos indivíduos da *comunidade de fala* que, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 92), “atribuem significado social às formas linguísticas” e são os indicadores da mudança. Essa última pode dar-se consciente ou inconscientemente pelos falantes. Na primeira, dizemos que há uma *mudança de cima para baixo*, ou seja, os indivíduos têm consciência da mudança nas formas linguísticas. Em uma *mudança de baixo para cima*, os indivíduos não têm consciência da inovação. Esses termos, além de estarem ligados ao nível de consciência, também estão atrelados à hierarquia socioeconômica da comunidade de fala, por exemplo, as mudanças operadas pela classe social alta se definem como *mudança de cima para baixo*.

Com respeito ao *problema de encaixamento*, esse busca saber como o fenômeno variável é “encaixado” na estrutura social e linguística, ou seja, qual é a sua relação com outros fenômenos, suas causas e efeitos, quais fatores agem como condicionadores etc. Por fim, o *problema da implementação* objetiva explicar porque a mudança ocorre em certos contextos e em outros não e, além disso, explica as transformações da estrutura linguística de uma comunidade ao longo do tempo (COELHO *et al.* 2015).

Conforme pudemos observar com o já mencionado estudo de Labov e Weiner (1977), a análise de fenômenos variáveis não se limita ao nível fonológico da língua. O saldo da polêmica com Lavandera foi positivo, pois permitiu que mais estudos de variação sintática e discursiva fossem realizados. Além disso, estabeleceu a ideia de que considerar esse tipo de análise em fenômenos variáveis pode indicar a relevância de vários fatores ou, ainda, a ausência de variação (GÖRSKI, 2010).

No âmbito dos estudos variacionistas no Brasil, Freitag (2007) reconhece que a análise de fenômenos linguísticos nos níveis gramaticais mais altos é bastante produtiva. A autora reitera, ainda, o princípio da equivalência semântica neste nível e pondera que, quando se adota esse entendimento de variável para os níveis além da Fonologia, é necessário que se utilize uma teoria de gramática ampla, que abarque componentes fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e discursivos.

Görski e Valle (2016) tecem observações semelhantes, pois afirmam que a abordagem de fenômenos variáveis, em níveis mais altos, não está isenta de problemas. Desse modo, as autoras alegam a necessidade de levar a análise variacionista para além do nível oracional, bem como rever os requisitos de equivalência semântica. Tais medidas são necessárias porque a natureza do nível sintático não é equivalente a do nível fonológico. Silva-Corvalán (1989) apresenta algumas diferenças que validam as advertências das autoras acima: (i) há menos variação sintática que fonológica em uma determinada língua; (ii) a variação sintática é mais difícil de ser detectada, portanto, mais complicada de ser abordada em um estudo quantitativo; (iii) a equivalência semântica não é claramente identificada nas variantes do nível sintático; entre outros. Ressaltamos, ainda, que, como é de conhecimento na área, os limites entre os níveis gramaticais são bastante demarcados. Essa característica dá origem, conforme Freitag (2007), a interfaces como os níveis morfossintático ou sintático-discursivo.

De modo análogo ao constatado por Freitag (2007), no Brasil, Blas Arroyo (2004) assevera que, nas comunidades monolíngues como naquelas em que o espanhol convive com

outras línguas, tem havido um crescimento de estudos que abordam a variação gramatical, nas últimas décadas. O pesquisador segue com uma série de exemplos de fenômenos variáveis abordados nesse nível, dentre os quais podemos citar: no nível sintático, o fenômeno *leísmo*, *laísmo* e *loísmo*¹⁵; a expressão da variável do futuro verbal em espanhol (variação entre a forma *-ré*, perífrase verbal *ir a* + infinitivo e o presente do indicativo); a expressão do passado (alternância entre as formas do *Pretérito Perfecto Compuesto* e *Pretérito Simple*); em alguns contextos sintático-semânticos, a substituição de *ser* por *estar*.

Moreno Fernández (2009) trata ainda da variação no nível léxico-semântico cujo objetivo, explica, é estudar a variação entre formas léxicas, geralmente, substantivos, verbos ou adjetivos considerando fatores linguísticos e extralinguísticos. No nível pragmático-discursivo, no qual, segundo o autor, também pode haver variação no processo de construção do discurso ou formação de enunciados, Moreno Fernández (2009, p. 35, tradução nossa) destaca o estudo das formas de tratamento e afirma ser de “extraordinária significação sociolinguística, por muitos motivos”¹⁶. Esse autor afirma que a dimensão discursiva oportuniza uma série de estudos, pois a equivalência, semântica e funcional, é aceita entre várias formas. Além disso, o autor é bastante categórico ao defender que o estudo de fenômenos variáveis nesse nível tem razão de ser, pois as opções que oferece o discurso podem ser associadas a valores sociais e estilísticos determinados.

3.2 A variação estilística nos estudos sociolinguísticos

A apreensão de fenômenos variáveis considerando fatores linguísticos e sociais no âmbito dos estudos sociolinguísticos é bastante expressiva em termos numéricos, no entanto, conforme aludimos anteriormente, a abordagem da dimensão estilística é ainda insuficiente, nesses estudos. Quando passamos para o estudo da variação entre as formas de tratamento no mundo hispano, essa suposta escassez fica ainda mais evidente, pois são pouquíssimas as pesquisas que verificam a influência de variáveis estilísticas agindo sobre a alternância entre essas duas formas. A partir disso é que decidimos considerar a variação estilística em nosso trabalho, pois hipotetizamos que a escolha que o falante faz entre *tú* e *usted* está condicionada

¹⁵ De acordo com Gómez Torrego (2011, p. 111), *leísmo* é um fenômeno que consiste na utilização dos pronomes complementos de objeto indireto, *le* e *les*, por *lo* e *los*, pronomes complemento de objeto direto. *Laísmo*, por sua vez, é a utilização dos pronomes complemento direto *la* e *las* no lugar dos pronomes *le* e *les* de complemento indireto. *Loísmo*, por fim, consiste no uso dos pronomes *lo* e *los* no lugar de *le* e *les*.

¹⁶ “[...] extraordinaria significación sociolingüística, por muchos motivos” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 35).

não só pelas variáveis sociais como idade e sexo, mas consideramos que a variação na fala dos informantes sofre pressão de vários fatores que interagem na situação comunicativa. Nesse ínterim, abordaremos a variação estilística a partir de três diferentes abordagens que, apesar de divergirem, não se excluem, mas nos oferecem uma visão multidirecional de análise estilística. Referimo-nos aos estudos de Labov (2001, 2008 [1972]), Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002).

3.2.1 A noção de estilo

De início, a palavra *estilo* tomada em seu sentido amplo abarca diferentes definições. Martins (2008), por exemplo, indica que esse termo é usado na atualidade para se referir a tudo que possui características particulares, desde coisas mais banais e concretas a criações artísticas de grande prestígio. No âmbito da linguagem, esse termo passou a se difundir a partir da segunda metade do século XX, como objeto de estudo da disciplina Estilística (HORA, 2015). O foco dessa área de estudo estava nos diferentes tipos de textos, uma vez que, nesse período, a corrente linguística que predominava era o Estruturalismo e essa se preocupava, em especial, com as propriedades estruturais do texto desde uma perspectiva fonológica.

Mattoso Câmara (1952 *apud* Martins, 2008), renomado linguista, também se ocupou da Estilística em suas obras e a entendia como uma disciplina complementar da gramática. Enquanto a gramática estuda a língua como um meio de representação, a Estilística se ocupa com a expressão dos estados psíquicos. Dessa forma, a Linguística, tomada em seu sentido amplo abrange tanto a Gramática quanto a Estilística e, se a considerarmos em seu sentido restrito, apenas a Gramática. Para o autor, ao usar a língua, o falante a altera para exprimir determinadas emoções e agir sobre o outro, desse modo, é essa atitude do falante que ele entende por estilo.

Como afirmamos anteriormente, as concepções de estilo são numerosas e irão variar de acordo com a perspectiva e os critérios assumidos quando da sua abordagem. Destarte, como não é objetivo desse trabalho resenhar as diferentes definições para esse termo, direcionamos a noção de estilo para o âmbito dos estudos em que se inserem a nossa pesquisa.

Na literatura disponível sobre os estudos variacionistas, encontramos em Bagno (2017, p. 122) a seguinte definição de estilo: “um modo distintivo de falar ou escrever”. Isso significa que os indivíduos utilizam diferentes estilos, ou seja, diferentes maneiras, em

diferentes contextos ao longo de suas práticas sociais. Por exemplo, no âmbito da fala, um indivíduo utiliza estratégias linguísticas diferentes para se dirigir a um professor ou a um companheiro de classe. A depender do tema, as escolhas linguísticas, também, poderão variar. Conforme explica Bagno (2017), o tipo de estilo utilizado poderá variar de acordo com os níveis linguísticos. Desse modo, o indivíduo altera o léxico, a gramática ou a pronúncia, por exemplo, em função do público alvo e da situação comunicativa.

Definições similares são encontradas em Lefebvre (2001) que, após uma revisão bibliográfica, afirma que a noção de estilo tem se dividido em duas tendências nos estudos sociolinguísticos. A primeira delas se alinha à definição acima, pois entende o estilo como códigos que estão disponíveis aos falantes de uma determinada comunidade linguística. A escolha entre um código ou outro, tanto no âmbito social ou cultural, está ligada a diversos fatores que variam a depender da comunidade. A segunda tendência se aproxima da noção de estilo para Labov. Lefebvre (2001, p. 205) nos diz que os diversos estilos, com os quais o falante opera, são entendidos como um “desvio em relação ao seu estilo de base, isto é, o vernáculo”. Deste modo, para obter um estilo apropriado em determinadas situações, o falante deverá ter um maior monitoramento da sua fala. Essa noção de estilo será mais bem detalhada a seguir.

O estudo da variação estilística a partir de uma perspectiva quantitativa tem como marco inicial o trabalho de William Labov sobre a fala dos cidadãos de Nova Iorque. É a Labov que se atribui a inclusão, nos estudos sociolinguísticos, do *estilo* como condicionador da variação. Segundo Görski e Valle (2014), os estudos sobre a variação retrocitada se caracterizam a partir de três abordagens principais: uma voltada para atenção prestada à fala e proposta por Labov (*Attention to speech*) (2001, 2008 [1972]); outra focalizada na audiência (*Audience Design*), proposta por Bell (1984) e uma última que se volta para a identidade do falante (*Speaker Design*), proposta por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002).

Ao propor uma análise estilística da variação, Labov (1972) centra seu estudo na atenção prestada à fala. Para o autor, interessava-lhe analisar o vernáculo do falante, ou seja, a fala mais espontânea, pois é nesta onde se pode perceber a variação linguística. Desse modo, a entrevista sociolinguística é estabelecida como o *locus* para a análise sistemática da variação, ou seja, é o método de coleta mais idôneo para se chegar ao vernáculo do falante. Nesse ponto, fica perceptível que a análise da variação empreendida por Labov (1972) se dá no âmbito do falante, ou seja, a variação é *intrafalante*. Em outras palavras, a análise da variação estilística era feita a partir da fala de um único indivíduo e, posteriormente, reunindo-se os

resultados de todos os indivíduos, Labov (1972) chegava ao seu objetivo, isto é, verificar as regularidades na comunidade de fala de fenômenos variáveis (*variação interfalante*).

No estudo sobre a variação fonológica entre as variáveis (r), (eh), (oh), (th) e (dh), realizado na cidade de Nova Iorque, o linguista relaciona a variação estilística a uma estratificação socioeconômica, na qual a variedade de prestígio estaria no topo de um *continuum* estabelecido para cada falante, e a forma estigmatizada estaria em um nível mais baixo. Desse modo, “a atividade linguística do falante estava diretamente ligada a sua posição hierárquica socioeconômica” (HORA, 2014, p. 23). Havendo, pois, formalidade na entrevista sociolinguística, Labov (1972) estabelece, ao longo desse *continuum*, níveis de formalidade e informalidade a fim de perceber as mudanças na língua à medida que o estilo fosse alterado. O parâmetro de medição para perceber essa alternância estava no grau de monitoramento que o falante exercia em sua fala.

Os níveis supramencionados compõem um dos recursos metodológicos elaborados por Labov (2008 [1972]), entre as décadas de 60 e 70, em seu *modelo de análise contextual*. Ao estabelecer níveis de formalidade e informalidade na entrevista sociolinguística, Labov procurava isolar e controlar contextos a partir dos quais pudesse definir os estilos de fala presentes nesses contextos e chegar às regularidades da variação. Essa técnica é designada como *isolamento de estilos contextuais*. Sendo assim, a entrevista sociolinguística era segmentada em “estilos contextuais”, relacionados ao grau de monitoramento da fala, “como um modo de organizar a variação intrafalante” (GÖRSKI; VALLE, 2014).

Os diferentes tipos de contextos foram assim definidos: contexto A₁ (fala fora da entrevista formal – compreende a fala que está fora da entrevista propriamente dita, por exemplo, uma interrupção ou quando o falante oferece alguma bebida); contexto A₂ (fala com uma terceira pessoa); contexto A₃ (fala que não responde diretamente a perguntas, isto é, digressões, interrupções rápidas ou retóricas etc.); contexto A₄ (parlendas e rimas infantis); contexto A₅ (risco de vida); contexto B (É a parte principal da entrevista e constitui o estilo identificado como *fala monitorada*); contexto C (estilo de leitura. O informante realiza a leitura de textos padronizados nos quais se concentram variáveis fonológicas em parágrafos sucessivos ou pode haver trechos justapondo pares mínimos); contexto D (leitura de listas de palavras com as variáveis que se pretende analisar) e contexto D' (leitura de listas de palavras com pares mínimos que marcam, como diferença, apenas um elemento fonêmico) (LABOV, 2008 [1972], *passim*). Diante disso, pode-se perceber que os estilos contextuais se estendem desde níveis menos formais a níveis mais formais.

Conforme Görski; Valle (2014), apesar das diferenças nos valores absolutos para cada indivíduo, a análise dos estilos contextuais, em conjunto, permitiu a Labov identificar padrões de variação na fala nova-iorquina. Coelho e Nunes de Souza (2014) citam o exemplo da pronúncia do [r] pós-vocálico em palavras como *car*, *beer*, *guard*, para as quais se manteve, em cada nível estilístico, a estratificação social. O estudo revela, assim, a relevância dos padrões estilísticos e sociais quando associados aos estilos contextuais. No entanto, essa não foi a única técnica metodológica laboviana na busca pelas regularidades estilísticas.

Labov (2001) refina os contextos da abordagem de *isolamento de estilos contextuais* e estabelece outro modelo de análise denominado de *árvore de decisão*. Assumindo, ainda, que as alternâncias estilísticas estão ligadas ao grau de monitoramento que o falante tem sobre a fala, o sociolinguista propõe oito subcategorias de análise nas entrevistas sociolinguísticas, as quais continuam como o recurso mais adequado para obtenção do vernáculo. Nessa abordagem, Labov considera duas dimensões estilísticas da fala, uma mais casual (*casual speech*) na qual há menos monitoramento da fala por parte do falante, e outra de fala mais cuidada (*careful speech*), caracterizada pelo estilo de fala mais formal. Ambas as categorias recebem quatro contextos estilísticos que determinam situações dentro da entrevista e, nessa, são dispostas pelo grau mais alto de objetividade ao mais baixo. Os contextos que compõem a categoria de fala casual são: *narrativa* (narrativas orais de experiência pessoal); *grupo* (fala direcionada a outros interlocutores fora da entrevista formal); *infância* (narrativas de infância); *tangente* (são as digressões, trechos de fala do entrevistado que foge ao núcleo temático por interesse desse). Por outro lado, na categoria de fala monitorada, tem-se: *resposta* (o primeiro enunciado que segue a fala do entrevistador); *língua(gem)* (falas que abordam aspectos linguísticos); *soapbox* (quando o entrevistado opina de maneira genérica, dirigindo-se não diretamente ao entrevistador, mas como se fosse para um público mais amplo) e *residual* (consiste em todos as falas da entrevista que não se encaixam em nenhum dos outros contextos).

Segundo Dantas e Gibbson (2014), considerando o grau de objetividade desses contextos estilísticos, do menos objetivo ao mais objetivo, tem-se a seguinte escala: resposta, narrativa, língua(gem), grupo, soapbox, infância, tangente e residual. Desse modo, para proceder com a análise estilística a partir da *árvore de decisão*, o pesquisador deve associar os trechos de fala do entrevistado a, apenas, uma única subcategoria apresentada anteriormente, iniciando pelos contextos com menor objetividade. Seguindo os critérios de decisão da árvore, quando há correspondência, nessa associação, termina-se a análise. Por outro lado, quando

não há correspondência, segue-se a análise com os demais contextos até se chegar à subcategoria *residual*. Como Labov opera com dois tipos de estilos, conforme adiantado, ao se proceder dessa maneira, atribuem-se os trechos a uma fala monitorada ou a um estilo de fala casual.

O *modelo de análise contextual* de Labov não ficou isento de críticas. Dantas e Gibbson (2014) e Coelho e Nunes de Souza (2014), por exemplo, criticam o fato de o sociolinguista norte-americano analisar a variação estilística considerando apenas o grau de atenção prestado à fala pelo falante. Aqueles autores alegam que, na entrevista, outras condições aparecem na dimensão discursiva da entrevista, no entanto, os trechos de fala são analisados mediante, apenas, o critério de decisão para cada estilo contextual.

Outras críticas foram feitas, por exemplo, por Bell, sociolinguista neozelandês, que criticou as estratégias utilizadas por Labov para obter a fala casual dos falantes. Labov utilizava nas entrevistas, como mencionado, a leitura de textos, listas de palavras e pares mínimos, por exemplo. Bell (1984) considera essas situações como estilos “artificiais” quando afirma que, em uma situação comunicativa espontânea, é muito difícil que o falante produza esse tipo de estilo. Dito de outra forma, o estilo observado quando o indivíduo lê uma lista de palavras só acontece quando um indivíduo lê uma lista de palavras. Igualmente, o estilo usado ao se ler pares mínimos, só será realizado quando o falante lê uma lista de pares mínimos, o que o autor julga ser bastante incomum (BELL, 1984, p. 150). O pesquisador expõe alguns estudos que comprovam a falta de correlação entre menos atenção e menos fala formal, e, dessa forma, põe em dúvida os postulados labovianos. Por citar alguns exemplos, o autor menciona as pesquisas de Rickford (1979 *apud* BELL, 1984), no Crioulo basilectal e Wolfram (1981 *apud* BELL, 1984), no inglês apalachiano, as quais demonstram que a atenção prestada à fala aumenta e não diminui quando o falante altera o seu estilo para a fala menos formal. Em pesquisa realizada na Nova Zelândia (1977) sobre a linguagem da rádio, Bell comprova que locutores que trabalham no mesmo estúdio de transmissão, produzem estilos diferentes quando leem as notícias para estações de transmissão diferentes. Cutillas Espinosa (2003) afirma que alternâncias como essas não podem ser interpretadas como mudança no nível de atenção.

Dessa forma, conforme Hora (2014), nos anos posteriores ao trabalho de Labov (2008 [1972]), que abriram caminho para o estudo do estilo, há uma mudança de foco e as pesquisas se centram na influência que o interlocutor exerce na escolha de uma forma ou outra pelo falante. Hora (2014) nos diz que a teoria da acomodação proposta por Howard

Giles e outros, é um desses exemplos de pesquisa. Essa teoria oferece as bases para Bell propor, em artigo publicado em 1984, o seu modelo de análise metodológica da variação estilística, conhecido como *Audience Design*.

Bell (1984) sustenta que as mudanças estilísticas do falante sofrem influência de seus interlocutores, ou seja, sua audiência. Essa premissa constitui o axioma estilístico de sua proposta, como podemos observar no seguinte excerto: “A variação estilística na fala de um indivíduo deriva e ecoa a variação que existe entre falantes na dimensão ‘social’¹⁷” (BELL, 1984, p. 151, grifo do autor, tradução nossa). Desse modo, o pesquisador faz distinção entre dois tipos de variação, já mencionadas em nosso trabalho: a *variação intrafalante* e a *variação interfalante*. Fazendo coro a Bell (1984; p. 158), o primeiro tipo de variação é uma resposta para o segundo.

Seguindo Hora e Wetzels (2011), para justificar o foco na audiência em sua proposta, Bell (1984) argumentou que, nos estudos variacionistas, a tendência era estabelecer uma relação entre a dimensão social e os fatores sociais (classe social, idade etc.) que podem ser estratificados em um indivíduo. Não obstante, se a dimensão estilística é oriunda da dimensão social, conforme se pode depreender do excerto acima expresso, essa também pode ser correlacionada aos atributos da pessoa. Porém, em sua proposta, a dimensão estilística relaciona-se com os atributos do ouvinte e não com os do falante.

Essa postura metodológica de considerar, em primeiro plano, o ouvinte e não o falante fica mais evidente quando Bell (1984) estabelece uma relação de causa e efeito em três níveis. O primeiro ocorre desde uma perspectiva sincrônica para um único falante que, em determinadas situações, altera o seu estilo para soar, linguisticamente, como outro falante. O segundo nível opera diacronicamente para um falante individual que, no curso do tempo, altera o seu discurso para se assemelhar a outros grupos, por exemplo, quando o falante se muda para outra região com dialeto diferente. O terceiro nível se assemelha ao segundo, no entanto, opera para todo um grupo de falantes que altera a sua fala para se aproximar à fala de outro grupo.

A partir disso, Bell (1984) estabelece diferentes tipos de interlocutores os quais, dependendo da proximidade com o falante, exercem mais ou menos influência sobre a variação estilística. Desse modo, os tipos de interlocutores são os que se seguem: *adresse*, *auditor*, *overhearer*, *eavesdropper*. Bell não considera apenas o interlocutor, ou seja, o destinatário (segunda pessoa), mas inclui, nesse grupo, as terceiras pessoas. Sendo assim, o

¹⁷ Variation on the style dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social” dimension” (BELL, 1984, p. 151).

primeiro grupo (*addressee*) é formado por ouvintes que são conhecidos, ratificados e endereçados, ou seja, a segunda pessoa; no segundo grupo (*auditor*), os interlocutores são conhecidos e ratificados pelo falante, mas não diretamente endereçados; no terceiro (*overhearer*) estão os ouvintes de cuja presença o falante tem consciência, mas não são ratificados e, no quarto grupo (*eavesdropper*), estão os ouvintes cuja presença o falante não ratifica e da qual não tem consciência.

De acordo com Cutillas Espinosa (2003), é essa referência à audiência que explica toda a mudança estilística. Quanto mais próxima for a audiência do falante, mais influência exercerá no modo como o falante se comporta linguisticamente. Considerando essa questão, cumpre ressaltar que analisaremos, em nossa pesquisa, a variação estilística entre as formas de tratamento *tú/usted* considerando a relação de proximidade entre os interlocutores. Desse modo, o escopo teórico de Bell (1984) será basilar ao procedermos à análise qualitativa dos dados e, assim, testarmos se esses princípios se adequam, ou não, a nossa amostra.

Retomando o modelo de análise proposto, Hora e Wetzels (2011) ponderam, a partir da literatura, que apesar de a teoria contemplar a dimensão iniciativa do falante, é um modelo com uma dimensão responsiva ainda muito forte. Além disso, embora tenha feito críticas à proposta de Labov, Bell (1984), tal como o sociolinguista norte-americano, oferece um modelo unidimensional, com foco, especialmente, na audiência. Apesar disso, cumpre ressaltar que, na visão de Eckert e Rickford (2001), Bell estabelece uma nova visão no que se refere à mudança de estilo.

Analisando os estudos variacionistas desde os seus primórdios com os trabalhos de Labov, Eckert (2012) classifica-os em três períodos denominados como “ondas”. A autora ressalta que essas três perspectivas de análise não se excluem entre si, ou seja, uma abordagem não invalida a outra, mas fazem parte de um todo. Tampouco, são períodos que se sucedem no tempo, mas são formas de classificar as pesquisas sociolinguísticas a partir do modo como elas abordam os fenômenos linguísticos. Freitag, Martins e Tavares (2012) chamam atenção para o destaque e conseqüente debate sobre o impacto que a classificação de Eckert (2012) tem gerado nos estudos da área. De fato, essa temática tem sido abordada em vários trabalhos (CAMACHO, 2010; HORA e WETZELS, 2011; HORA, 2014; VELOSO 2014, entre outros), como, também, tem-se discutido a proposta sobre o significado social da variação que a autora faz nos estudos de terceira onda. Com efeito, essas discussões parecem-nos bastante produtivas, pois oportunizam novas possibilidades de análise da variação estilística e, conseqüentemente, fazem avançar a ciência.

No que concerne à primeira onda, essa se inicia com a pesquisa laboviana sobre o inglês na cidade de Nova Iorque e, como é sabido, foi essencial para lançar as bases dos estudos variacionistas. Conforme vimos na primeira abordagem apresentada no início dessa subseção, esses estudos tinham um caráter quantitativo e evidenciaram a relação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas, como sexo, idade, nível socioeconômico etc. Ademais, os trabalhos desse período são os responsáveis por trazer a noção de estilo para dentro dos estudos sociolinguísticos. Desse modo, como explanado anteriormente, o estilo passar a ser visto como um fator condicionante da variação, atrelado aos níveis de formalidade. Assim de acordo com Eckert (2005, p. 3), a primeira onda se resume da seguinte forma:

- os estudos são realizados em comunidades definidas geograficamente;
- a hierarquia socioeconômica funciona como um mapa do espaço social;
- as variáveis são tidas como marcadores de categorias sociais primárias e carregam traços de prestígio/estigma;
- o estilo é analisado a partir do grau de monitoramento da fala e controlado a partir do prestígio/estigma.

De acordo com Camacho (2010), a segunda onda surgiu a partir dos questionamentos feitos sobre as relações sociais implícitas nas categorias sociais primárias, as quais foram evidenciadas pelas regularidades oriundas da covariação social e linguística. Nessa onda, o tipo de abordagem é caracterizado pelos estudos etnográficos e foca nas categorias sociais das pequenas comunidades de fala. Tal como a primeira onda, são estudos de natureza quantitativa e defendem que a variação está atrelada à identidade social dos falantes. O objetivo dos trabalhos classificados nessa onda é identificar as categorias sociais mais notáveis nessas comunidades.

O estudo realizado por Labov (1963) na ilha de Martha's Vineyard é um exemplo de estudo de segunda onda. Consoante ao que relatamos em momentos anteriores, a explicação para a variação entre os ditongos /ay/ e /aw/ não se encontravam no contexto linguístico, mas as alternâncias eram condicionadas por fatores presentes no contexto social dos informantes, isto é, na identidade e na atitude dos moradores da ilha. Veloso (2014) exprime que esses tipos de pesquisas não tiveram grande extensão nos estudos sociolinguísticos, ao contrário do que podemos observar nos estudos de primeira onda. Desse modo, a segunda onda pode ser assim resumida:

- estudos de cunho etnográfico realizados em comunidades definidas geograficamente;
- as categorias locais servem como pontes para as categorias demográficas;
- variáveis que apontam para categorias localmente definidas;
- estilo como uma identidade local.

Eckert (2012) considera que os estudos de primeira e de segunda onda se preocupam em descrever a estrutura das comunidades de fala, ou seja, em oferecer um retrato linguístico estático dessas comunidades. Já nos estudos de terceira onda, o foco está em se estudar como a estrutura se adequa ao cotidiano do falante, considerando as restrições sociais e as relações de poder que agem sobre elas. O objetivo é, pois, perceber com mais minúcia o valor social das variáveis.

A terceira onda coincide com a terceira abordagem dos estudos sobre a variação estilística denominada *Speaker Design* (ECKERT, 2001; SCHILLING-ESTES, 2002). É um estudo que ainda se encontra em fase preambular no Brasil e estabelece uma mudança de foco da comunidade de fala, privilegiado pelas ondas anteriores, para a comunidade de prática. Essa é entendida como um agrupamento de pessoas com perspectivas em comum e que se engajam em objetivos comuns. Para Eckert (2001), o indivíduo não existe fora da matriz social, mas dela participa e é nela que constrói sua identidade social. A explicação para todo esse processo estaria, assim, na prática estilística. Conforme Veloso (2014), para os estudos de terceira onda, interessa o falante em interação com o grupo do qual faz parte.

Esse modelo de análise da dimensão estilística, para Schilling-Estes (2002), preenche algumas lacunas apontadas nos dois modelos anteriores, como as questões mencionadas por Hora e Wetzels (2011). Nos modelos de atenção à fala e *Audience Design*, a variação estilística era abordada a partir de uma única perspectiva, a do ouvinte, neste modelo, ou a do falante, naquele outro. Além disso, lembremos que a dimensão responsiva era outra crítica que incidia em um desses modelos. Schilling-Estes (2002) expõe os dois pontos a partir dos quais se ergue esse método: (i) a alternância de estilo nos falantes não está ligada apenas, ou, em princípio, aos elementos presentes na situação comunicativa, como a formalidade do evento ou a audiência. Os falantes são ativos e criativos, ou seja, suas escolhas estilísticas são conscientes; (ii) os falantes não têm, apenas, as situações internas para adequar a sua fala, mas essa também pode criar e adequar a situação externa, bem como suas relações com o outro ou suas próprias identidades.

Hora (2014) observa que, até então, a compreensão do estilo nos estudos variacionistas era entendido como uma adequação do indivíduo ao usar as variáveis individuais. No entanto, a partir do modelo proposto por Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002), o estilo passa a ser entendido como combinações operadas pelo falante para produzir diferentes maneiras de falar. Desse modo, são essas formas diferentes de falar que dão lugar à construção da *persona*, ou seja, um indivíduo social particular que se localiza explicitamente na ordem social e constitui o foco desse modelo de análise. Hora (2014) afirma, ainda, que essa onda muda os rumos dos estudos da variação, os quais passam a investigar os significados que motivam os desempenhos particulares. Por fim, os estudos de terceira onda apresentam as seguintes características:

- estudos de caráter etnográfico em comunidades de prática;
- as categorias locais se apresentam como resultado da construção de posições em comum;
- as variáveis são indicadoras de posições, atividades, características;
- o estilo é visto como construção da *persona*.

3.3 A proposta teórica de Brown e Gilman

A proposta teórica de Brown e Gilman, publicada em 1960 no artigo “The pronouns of power and solidarity”, constitui um verdadeiro clássico nos estudos sociolinguísticos. Isso é bastante evidente ao revisarmos os trabalhos que lidam com as formas de tratamento nessa área. De fato, ao se abordar essa temática, é basilar analisar as relações estabelecidas entre os interlocutores do evento comunicativo, pois esses são dois aspectos que estão intimamente associados. Dessa forma, uma maneira de se estudar essas relações é através da teoria de *Poder e Solidariedade* desses autores.

O trabalho de Brown e Gilman (1960) está dividido em cinco partes. As três primeiras partes tratam da semântica dos pronomes de tratamento. Nesse ponto, a semântica era entendida como a covariação da forma pronominal utilizada e a relação objetiva entre os interlocutores. A primeira parte é dedicada à evolução dos pronomes em algumas línguas, na segunda, trata-se desses pronomes no alemão, italiano e francês e, na terceira, os autores correlacionam os pronomes com a estrutura social. Nas duas últimas partes, Brown e Gilman (1960) relacionam os pronomes de tratamento com as características dos falantes e põem em evidência como as escolhas pronominais estão ligadas às características desses indivíduos.

Nunes de Souza (2011) destaca a relevância das ideias desses autores e aponta para o pioneirismo desses ao propor, pela primeira vez, um possível universal linguístico que nós, como falantes, conseguimos intuir, mas que, até então, nenhum cientista se propôs a analisar, isto é: a distinção T-V. Essa distinção pode ser vista como uma especificidade contida na maioria das línguas. Ou seja, Brown e Gilman (1960) atestam que, na estrutura linguística há, pelo menos, dois pronomes destinados ao tratamento com a segunda pessoa. Nessa relação binária, de um lado há um pronome (T) próprio para o trato mais próximo, ou seja, utilizado em situações mais informais. Por outro lado, tem-se um pronome (V), próprio de situações mais formais ou usado quando há maior distanciamento com o destinatário. Vale ressaltar que T-V se referem às formas latinas *tu* e *vous*, formas que, segundo os autores, mantiveram-se em equilíbrio durante um longo tempo em todas as línguas.

Brown e Gilman (1960) estabelecem duas dimensões através das quais poderíamos identificar as relações de força existentes entre interlocutores, a saber, as dimensões do poder e da solidariedade. Uma relação na dimensão do poder se define quando um indivíduo controla o comportamento do outro, ou seja, é uma relação marcada pela diferença. No âmbito do poder, o tratamento entre os interlocutores é assimétrico, ou seja, um interlocutor superior utiliza uma forma T e recebe V. O poder, para esses autores, pode ser marcado de várias maneiras: pelo sexo do indivíduo, sua força física ou riqueza etc. Essas são condições necessárias para que uma pessoa exerça poder sobre a outra.

Além de estabelecerem as relações de poder, os pronomes de tratamento também podem atuar no âmbito da solidariedade. Como o próprio nome sugere, essa dimensão é marcada pela reciprocidade na qual um interlocutor opera com uma forma e recebe a mesma. Aqui temos uma relação de simetria, T – T ou V – V. O quadro a seguir, adaptado de Morín, Almeida e Rodríguez (2010), deixa essas associações bastante claras. Vejamos:

Quadro 08 – Relações de assimetria e simetria das formas de tratamento (Brown e Gilman [1960])

Relações assimétricas	tu		vous	vous		tu
	→		←	→		←
	+ poder		- poder	- poder		+ poder
Relações simétricas	vous	↔	vous	tu	↔	tu
	Formalidade			Solidariedade		

Fonte: Adaptado de Morín, Almeida e Rodríguez (2010).

Como podemos observar no quadro acima, as relações estabelecidas no eixo da assimetria são diferenciadas. Ao empregar a forma *tu*, o indivíduo de mais poder recebe *vous*.

Nas relações simétricas, ambos os interlocutores se tratam por *vous*, quando há formalidade, e de *tu*, quando a relação é solidária. Os autores alegam que o poder era o fator que regia os pronomes de tratamento nas sociedades antigas e que, gradativamente, foi sendo substituído pela solidariedade.

Apesar do alcance da proposta de Brown e Gilman (1960) nos estudos de variação linguística sobre as formas de tratamento, ela foi, também, alvo de críticas. Morín, Almeida e Rodríguez (2010) alertam para o fato das diferentes sociedades e culturas conceberem as relações sociais de forma distinta. Citam, por exemplo, que, no ocidente, as relações de poder são baseadas no controle e no domínio, no entanto, a sociedade oriental as entende como formas distintas de valores sociais.

3.4 Súpula do capítulo

No capítulo que se encerra, apresentamos as teorias que alicerçaram a nossa pesquisa e que nos ajudaram a compreender o fenômeno sobre o qual nos debruçamos. São elas: a Sociolinguística Variacionista, conhecida, ainda, como Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa e Teoria da Variação e Mudança (COELHO et al., 2015), e as abordagens teóricas que servem de base para os estudos variacionistas que trabalham com a noção de estilo, a saber, os estudos de Labov (2001, 2008 [1972]), Bell (1984), Eckert (2001) e Schilling-Estes (2002). Além disso, discutiremos, resumidamente, sobre a teoria de Brown e Gilman (1960), pela sua relevância teórica para o estudo das formas pronominais de tratamento.

A partir da compreensão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, estabelecemos o fenômeno variável sobre a alternância das formas pronominais *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência e elencamos variáveis linguísticas, sociais e estilísticas que podem condicionar o uso dessas formas. Ao propormos variáveis estilísticas, assumimos que o estilo é um condicionante da variação, portanto, o aporte teórico relativo à dimensão estilística é basilar para explicarmos os resultados aos quais chegamos. Ademais, nossa pesquisa configura-se como um estudo de primeira onda, pois trabalhamos com uma comunidade de fala socialmente estratificada.

Após a apresentação dos fundamentos teóricos que nos serviram de base, expomos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos que mediaram a nossa prática e possibilitaram a realização desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste espaço, procederemos à delimitação dos procedimentos metodológicos, utilizados ao longo do nosso trabalho, os quais contam com o aporte teórico da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001; SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Procederemos, também, à classificação da pesquisa com base no método de abordagem, nos objetivos, nos procedimentos técnicos utilizados, na amostra, no universo da pesquisa, nas variáveis linguísticas e extralinguísticas e no tratamento estatístico.

4.1 Natureza da pesquisa

4.1.1 Quanto ao método de abordagem

O método de abordagem utilizado em nossa pesquisa é o método indutivo e dedutivo. Sobre a indução, Lakatos e Marconi (2011, p. 53) aclaram que essa se define por um processo mental a partir do qual se infere uma verdade geral ou universal para chegar-se a conclusões mais amplas. Em outras palavras, parte-se de constatações mais específicas para conclusões mais gerais. Por outro lado, a dedução é um processo mental inverso à indução. Segundo as autoras, parte-se de teorias e leis que nos levam a fenômenos particulares, ou seja, parte-se de uma situação mais geral para uma mais específica. Seguindo as autoras, o método indutivo se aplica, em nossa pesquisa, pelo fato de lidarmos com dados empíricos através de técnicas estatísticas. A dedução, porque correlacionamos os resultados obtidos com as hipóteses defendidas.

Observado o fenômeno variável entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência, elaboramos hipóteses, mencionadas mais adiante, sobre a ocorrência dessa variação. Posteriormente, relacionamos essas hipóteses a fatores de ordem linguística, social e estilística que foram testados, por meio de técnicas estatísticas nas amostras extraídas do *Corpus PRESEVAL (Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia)*, descrito, igualmente, mais adiante.

4.1.2 Quanto aos objetivos

Sabe-se que, comumente, as pesquisas são classificadas tomando como base seus objetivos gerais. De acordo com Gil (2002), as pesquisas podem ser classificadas em: a) exploratórias – que têm por objetivo proporcionar mais familiaridade entre o pesquisador e o que se pesquisa, com vistas à elaboração de hipóteses; b) descritivas – seu objetivo é a descrição das características de uma população ou fenômeno e a relação entre as variáveis; c) explicativas – que visam a determinar os fatores envolvidos e dar explicações para o fenômeno abordado.

Diante do exposto, o trabalho em questão classifica-se como uma pesquisa descritivo-explicativa. Essa caracterização justifica-se porque, primeiro, descrevemos a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol peninsular de Valência. Posteriormente, tentamos explicar, através de análise das amostras extraídas do *corpus* PRESEVAL, a relação entre as variáveis linguísticas, sociais e estilísticas, bem como o porquê da variação entre essas formas.

4.1.3 Quanto aos procedimentos técnicos

De acordo com Gil (2002, p. 43), o cotejamento entre escopo teórico e os dados da realidade, em uma pesquisa, só é possível através do delineamento dessa. Esse último diz respeito ao planejamento/desenvolvimento do trabalho e tem como principal elemento os procedimentos técnicos adotados. Segundo o autor, o delineamento pode ser dividido em dois grandes grupos, a saber: um primeiro, no qual os dados são fornecidos por pessoas e, nesse caso, temos uma pesquisa bibliográfica ou documental; e um segundo, em que se encontram pesquisas do tipo experimental, *ex-post facto*, o levantamento e o estudo de caso.

Acerca da pesquisa bibliográfica, um dos seus objetivos, apontados por Köch (2011, p. 122) seria o de “ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa”. Gil (2002), por sua vez, assevera que boa parte dos estudos exploratórios são classificados nessa tipologia. Destarte, como instrumento indispensável, utilizamos o método bibliográfico para levantar e analisar a literatura disponível sobre o fenômeno variável em questão. Esse empreendimento foi imprescindível para conhecer as principais contribuições teóricas, isto é, o estado da arte sobre a temática abordada, para melhor entendê-la e explicá-la.

Tendo em vista que essa pesquisa possui foco em uma determinada comunidade, a saber, a cidade de Valência, na Espanha, e trabalha com dados linguísticos oriundos de

entrevistas submetidas a indivíduos dessa cidade, podemos afirmar que, a partir dos procedimentos técnicos adotados em nosso trabalho, ele se aproxima de um estudo de campo. No entanto, é basilar ressaltarmos que essa pesquisa não se caracteriza como um estudo de campo prototípico, tendo em vista que não realizamos entrevistas e não estabelecemos nenhum contato com os informantes elencados. O acesso ao *corpus* nos foi possibilitado através da publicação desse em formato impresso pelo serviço de publicações da Universidade de Valência.

4.2 A amostra e o universo da pesquisa

A amostra coletada para análise foi extraída do *corpus* PRESEVAL, subcorpus que compõe, junto a outros *corpora*, o PRESEEA. A escolha do *corpus*, por ora mencionado, deu-se: primeiro, pela escassez de trabalhos que abordem a variação entre *tú* e *usted* utilizando *corpus* oral. A partir da nossa revisão da literatura sobre a temática, constatamos que utilização de *corpus* escrito e aplicação de questionários é lugar comum nos estudos de variação entre essas formas. O segundo motivo que nos levou a escolher esse tipo de *corpus* se refere ao fato de a fala ser, de acordo com os estudos linguísticos, o *locus* da variação linguística. Ora, Saussure (2012 [1916], p. 141) já afirmava, categoricamente, que a fala é “o germe de todas as modificações” acolhidas, ou não, pela coletividade. Desse modo, o uso de amostras de língua falada põe-nos em contato com o vernáculo do falante, ou seja, sua fala mais casual e, portanto, com melhores condições de se detectar a variação linguística.

O trabalho de Serrano (2013) confirma a nossa expectativa anterior. A autora estuda a frequência da variação entre a expressão e a omissão de pronome *tú* em textos dialogais e dos meios de comunicação, no espanhol de Canaria. A sua pesquisa constatou que a segunda pessoa do singular *tú* é mais frequente nos textos dialogais (62.9%) que nos textos dos meios de comunicação (37.1%). Isso se justifica porque naqueles há interação entre os interlocutores e, portanto, há maior diálogo.

No tocante ao *corpus* PRESEEA, acrônimo para *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*, esse é um projeto que tem como objetivo reunir um grande número de *corpus* oral que seja sociolinguisticamente representativo e de interesse a diferentes pesquisadores das diferentes áreas da Linguística e viabilizar estudos sob diversas perspectivas em cidades ibero-americanas e espanholas. O referido projeto teve início em abril de 1993 no X Congresso internacional da Associação de

Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) e, desde então, está aberto à participação de todos os investigadores e centros de investigação nele interessados. É coordenado pelo Prof. Dr. Francisco Moreno Fernández, professor titular da Universidade de Alcalá de Henares, e conta com várias equipes de investigação em países como Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos (Miami), Guatemala, México, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, Venezuela, entre outros¹⁸.

Apesar da dimensão do projeto, composto de aproximadamente 40 equipes, sua metodologia é guiada por requisitos mínimos e os investigadores são aconselhados a respeitá-los. Entre algumas orientações, podemos citar: os informantes podem ser monolíngues ou bilíngues, nesse último caso, devem dominar a língua espanhola semelhante a um monolíngue; os dados devem ser coletados através de entrevistas que deverão ser do tipo semiestruturada (semidirigida) e com gravador à vista; apesar de a amostra ter de ajustar-se aos níveis de representatividade considerados adequados nos trabalhos sociolinguísticos, tem-se, nesse projeto, trabalhado com um número de 54 a 108 informantes; entre outras recomendações¹⁹.

Sobre o *corpus* PRESEVAL, sua equipe tem origens em 1996, a partir de outro grupo de pesquisadores mais preocupados com a variedade coloquial do espanhol e que compõem o *corpus* Val.Es.Co (Valencia, Español Coloquial). A participação, em 1994 e em 1996, no congresso acima mencionado, foi a razão da criação do grupo que, assim como os da Universidade de Alcalá e do Colegio de México, foi um dos primeiros a fazerem parte do PRESEEA. O professor Dr. José Ramón Gómez Molina é quem coordena o grupo formado por professores dos Departamentos de Filologia Espanhola e Didática da Língua e Literatura da Universidade de Valência e do Departamento de Língua Espanhola e Linguística Geral da Universidade Nacional de Educação à Distância (UNED), bem como por estudantes de pós-graduação.

O PRESEVAL apresenta como objetivo principal identificar as marcas características do espanhol falado em Valência, variedade dialetal utilizada pelos falantes autóctones ou que residem há muito tempo²⁰ nessa cidade e que têm consciência de que pertencem a essa comunidade de fala. O trabalho desenvolvido por essa equipe atende, ainda,

¹⁸ A lista completa de países e cidades que compõem o PRESEEA pode ser conferida, em sua página, através do link: <<http://preseea.linguas.net/Equipos.aspx>>

¹⁹ A metodologia completa do projeto encontra-se disponível em seu endereço eletrônico: <<http://preseea.linguas.net/Metodologia.aspx>>

²⁰ Para os não nativos, o requisito era ter chegado a essa área geográfica antes dos 10 anos de idade e residir no mínimo 15 anos desde que sua origem linguística não fosse marcadamente diferente (GÓMEZ MOLINA, 2001).

Essa é uma comunidade, demograficamente, bastante heterogênea. Nela, residem grupos de diferentes origens geográficas, culturais e linguísticas, que possuem atitudes e interesses diversos, mas integrados, quase em sua totalidade, no contexto urbano. Igualmente, as diferenças socioculturais e econômicas se notam não apenas na cidade de Valência, mas, também, nos municípios que a circundam. No que se refere à realidade sociolinguística dessa região, de acordo com as pesquisas realizadas por Gómez Molina (2001), há aproximadamente (88%) de bilinguismo passivo e o castelhano é a língua de comunicação intergrupo, apesar de o número de valenciano-falantes ser ligeiramente superior ao número de castelhano-falantes. Ainda fazendo coro a Gómez Molina (2001), no âmbito socioeconômico, a região apresentava, naquele momento, características dos três setores econômicos. O norte da região caracterizava-se pela presença de atividades agrárias; no oeste, havia uma forte expansão industrial e o sul se apresentava como a localização industrial predileta. Constatava-se, na cidade de Valência, um crescimento de (73%) do setor terciário.

Conforme Gómez Molina (2001), a confluência dessas três dimensões (demográfica, linguística e econômica) faz desse núcleo urbano um macrocosmo que funciona como uma comunidade linguística individual e com as seguintes características: (i) a estrutura e fisionomia próprias dessa região determinam contatos contínuos entre os seus integrantes e o resultado é a nivelação ou uniformização dos sistemas linguísticos nela utilizados; (ii) há uma mudança dos códigos sociais e linguísticos provocados pela mobilidade social característica da sociedade urbana; (iii) apesar da uniformização, existe uma série de grupos consistentes, organizados e hierarquizados, formados a partir da hierarquização dos diferentes socioletos.

4.2.1 Descrição da coleta de dados

O corpus PRESEVAL foi desenhado em 1996 e finalizado em 2006. Para a sua coleta, seguiram-se os requisitos arrolados no documento que norteia a metodologia do PRESEEA e que se encontra disponível na página *Web* desse macroprojeto, disponibilizada em notas anteriores. A amostra constituiu-se de 74 informantes estratificados de acordo com as seguintes variáveis: i) *sexo*, agrupados em homens e mulheres; ii) *idade, faixa etária 1* (de 20 a 34 anos), *faixa etária 2* (de 35 a 54 anos) e *faixa etária 3* (acima de 55 anos)²¹; iii)

²¹ Optamos pelo termo *faixa etária* em detrimento de *geração*, tradução literal do termo utilizado pelo corpus PRESEEA “generación”.

escolaridade, dividida em três níveis, a saber, *nível baixo*, *nível médio* e *nível alto*²². Para os níveis de escolaridade médio e superior, considerou-se como pertencente a esses grupos o informante que tinha cursado, respectivamente, até 12 anos de escolaridade, aproximadamente, e 15 anos ou mais de escolaridade. Inclui-se, ainda, uma quarta variável, a saber, iv) *língua habitual* dividida em castelhano-falantes e bilíngues. Podemos observar, no quadro a seguir, uma divisão detalhada da amostra:

Quadro 09 – Distribuição por cotas de informantes no *corpus* PRESEVAL

FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE			TOTAL
	Baixo	Médio	Alto	
20 – 34	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24
34 – 54	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24
Acima de 55	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 4 M 4 C 4 B 4 } 8	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24
TOTAL	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24	H 12 M 12 C 12 B 12 } 24	H 36 M 36 C 36 B 36 } 72

Fonte: Adaptado de Gómez Molina (2001).

Além das variáveis supramencionadas, também foram estabelecidas outras que, segundo os pesquisadores, permitirão uma pós-estratificação e possibilitarão comparações com outras investigações, ao passo que podem servir de ponto de referência. São elas:

v) *Profissão*: 1 (operários sem qualificação), 2 (operários especializados, policiais, vendedores etc.), 3 (empregados médios, pequenos comerciantes, docentes não universitários etc.), 4 (profissionais liberais, professores universitários, gerentes, empresários medianos etc.), 5 (altos gestores e executivos, grandes empresários etc.);

vi) *Condições de alojamento*: 1 (moradia sem comodidades sanitárias e de difícil acesso), 2 (casa ou apartamento modesto, normal), 3 (casa ou apartamento elegante e espaçoso, com muitas comodidades);

²² Traduzimos os termos *grado de escolaridade*: *enseñanza primaria, secundaria e superior* por, respectivamente, *escolaridade: nível baixo, médio e alto*.

vii) *Nível de renda* (renda anual em *pesetas*²³): 1 (até 1.5 *millones*), 2 (de 1.5 a 3 *millones*), 3 (de 3.0 a 4.5 *millones*), 4 (de 4.5 a 6 *millones*) e 5 (acima de 6 *millones*);

viii) *Nível sociocultural*: baixo, médio e alto;

ix) *modo de vida*:

Característica ideológica: 1 – *família*, que obedece às seguintes características: unidade primária de produção; relações cooperativas entre colegas de profissão; família implicada na produção; autoemprego; redes sociais estreitas e densas.

Característica ideológica: 2 – *lazer*, que reúne características como: trabalha-se para ganhar um salário e poder desfrutar dos períodos de tempo livre; relações de trabalho separadas do âmbito familiar; certa mobilidade laboral; redes estreitas de solidariedade com os colegas e os vizinhos.

Característica ideológica: 3 – *trabalho*, definida como: profissão qualificada, capaz de controlar uma produção e dirigir os trabalhos de outras pessoas; tempo de férias dedicado ao trabalho; trabalha-se para ascender na hierarquia e adquirir mais poder; atitude competitiva com os colegas.

Exposto isso, a amostra retirada do retrocitado *corpus* a ser analisada em nossa pesquisa constituir-se-á de 36 entrevistas estratificadas de acordo com as variáveis *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. No entanto, em virtude do tamanho da amostra determinada para esta pesquisa, não consideramos trabalhar com a variável *língua habitual*.

No que se refere à variável *escolaridade*, alguns estudos evidenciam que os indivíduos que tiveram um maior tempo de escolarização, produzem mais variedades consideradas padrão do que aqueles que estiveram menos tempo de ensino formal (COELHO *et al.*, 2015). A fim de verificarmos se esse comportamento se repete no estudo em questão, optamos por trabalhar apenas com os extremos do grupo de fatores *escolaridade*, ou seja, com os níveis *alto* e *baixo*. Isso não significa que o nível de escolaridade médio não seja relevante para revelar padrões de variação e possa ser descartado, mas, de acordo com os trabalhos consultados (cf. HUMMEL, HKLUGE, VÁZQUEZ LASLOP, 2010), percebemos certa polarização no uso de uma variante ou outra no que se refere às formas *tú* e *usted* relacionada à *escolaridade*. O índice de uso dessas formas pelos falantes com escolaridade mediana, nesses estudos, tem, geralmente, se aproximado de um dos extremos mencionados anteriormente. Desse modo, acreditamos que isso possa viabilizar a nossa pesquisa no que

²³ Moeda corrente na Espanha entre os anos de 1869 e 2002, até a implantação do euro. Fonte: Diccionario de la Lengua Española. <<http://dle.rae.es>>. Acesso em 03 nov. 2017 às 04h07.

tange à escolha pela exclusão do nível *médio* de *escolaridade*. Sendo assim, a adaptação das variáveis estratificadas é a seguinte:

- a) *Sexo*: **M** – masculino e **F** – feminino;
- b) *Idade*: faixa etária **1** – de 20 a 34, faixa etária **2** – de 35 a 54 e faixa etária **3** acima de 55;
- c) *Escolaridade*: Nível baixo (**b**) e nível alto (**a**).

Chamamos a atenção para o uso de letras e números em destaque como um recurso que nos auxiliará na composição das células da amostra, assim como em seu rápido reconhecimento quando do tratamento dos dados. Desse modo, o quadro a seguir apresenta a distribuição da amostra, a partir da estratificação mencionada.

Quadro 10 – Distribuição dos informantes por *sexo*, *idade* e *escolaridade* na amostra constituída a partir do *corpus* PRESEVAL.

SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	
		Nível baixo (b)	Nível alto (a)
FEMININO (F)	1 – De 20 a 34	3 (F1b)	3 (F1a)
	2 – De 35 a 54	3 (F2b)	3 (F2a)
	3 – Acima de 55	3 (F3b)	3 (F3a)
MASCULINO (M)	1 – De 20 a 34	3 (M1b)	3 (M1a)
	2 – De 35 a 54	3 (M2b)	3 (M2a)
	3 – Acima de 55	3 (M3b)	3 (M3a)

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

O tamanho da amostra, em nosso estudo, apresentou, *a priori*, um problema metodológico, apontado por Guy e Zilles (2007), bastante comum às pesquisas quantitativas, ou seja, se o número de informantes selecionados representava suficientemente a comunidade de fala. Esses autores afirmam que não há uma resposta pronta no que se refere ao tamanho da amostra. No entanto, reiteram que há um princípio nos estudos variacionistas, baseado nas chances de se identificar tendências, a partir de regularidades no comportamento de informantes quando contrastados com outros da amostra, de que as células devem ser compostas de 4 a 5 informantes. Oliveira e Silva (2015) aclaram que o número de falantes da amostra dependerá de fatores como: a homogeneidade da população, o número de variáveis pesquisadas, o fenômeno, o método, o orçamento e outras condições materiais. Oliveira e Silva (2015) estabelecem que uma célula com 5 informantes seja minimamente satisfatória.

Contudo, conforme elucidada Coelho *et al.* (2015), apesar do número acima recomendado, há bancos de dados linguísticos que contam apenas com 2 informantes por célula.

Tendo em vista que não há um número mínimo²⁴ e universal de informantes que garanta a representatividade de uma comunidade de fala em uma pesquisa, levamos em consideração as recomendações expressas no referencial teórico acima apresentado e determinamos o número de 3 informantes por células. Conforme mencionado anteriormente, foram selecionadas 36 entrevistas, resultado da seguinte análise combinatória: 3 informantes por células x 3 grupos de idades x 2 níveis de escolaridade x 2 sexos, totalizando 36 informantes. Esses foram divididos igualmente entre homens e mulheres, segundo as variáveis *idade* e *escolaridade*, a fim de evitarmos a falta de equivalência quantitativa.

4.2.1.1 Considerações sobre a entrevista

De acordo com o *Dicionário Crítico de Sociolinguística* organizado por Bagno (2017, p. 108), a entrevista é uma “técnica de obtenção de dados por observação controlada e que exige o emprego de um questionário ou roteiro mais ou menos elaborado [...] ou então de um texto ou de uma lista de palavras” e, para qual, é imprescindível a presença do investigador ou, minimamente, “uma interação indireta com o informante”. No que se refere ao âmbito dos estudos variacionistas, Labov instituiu a entrevista como o *locus* para o estudo sistemático da variação, visto que essa é um meio através do qual o investigador consegue obter o vernáculo do falante, ou seja, a fala mais casual a qual também é o lugar da variação. Sendo assim, a forma de apreensão desse vernáculo ficou conhecida na literatura como entrevistas sociolinguísticas (GÖRSKI e VALLE, 2014a, p. 74).

Conforme Hoffnagel, Schneuwly e Dolz (2002; 1999 *apud* VALLE e GÖRSKI, 2014b, p. 94), os quais assumem a entrevista como um gênero comunicativo, independentemente de sua tipologia (entrevista jornalística, médica, de emprego etc.), essa técnica de interlocução apresenta algumas características em comum, a saber: a) é estruturada a partir de perguntas e respostas que possibilitam a interação entre dois ou mais indivíduos, o entrevistador e o(s) entrevistado(s); b) o entrevistador é o responsável pela condução de toda a

²⁴ De acordo com Coelho *et al.* (2015), quanto menor o número de informantes por célula, mais cautela é necessária quando da análise dos resultados estatísticos oriundos das variáveis sociais. Nesse sentido, ressaltamos, ainda, que, muito embora haja estudos de caso que trabalham com um informante por célula, essa quantidade de informantes não é adequada na perspectiva sociolinguística, pois corre-se o risco de enviesamento dos dados. Em outras palavras, o informante selecionado para a composição da amostra poderá ser, justamente, aquele que se devia do perfil da comunidade de fala em estudo.

entrevista, ou seja, a inicia e a termina, propõe os tópicos discursivos etc.; c) o papel deste indivíduo consiste em responder e em fornecer as informações solicitadas; d) é um gênero predominantemente oral que pode ser transcrito e publicado. No entanto, Valle e Görski (2014b) ressaltam que, apesar dessa técnica de coleta de dados possuir características bastante marcadas, há entrevistas que diferem muito entre si e podem não conter as características acima, comuns a esse gênero.

Face às considerações aduzidas e tendo em vista que os objetivos do *corpus* PRESEVAL são, essencialmente, voltados para os fenômenos de variação sociolinguística, sua equipe de pesquisadores estabeleceu a entrevista semiestruturada (ou semidirigida) como técnica de coleta mais idônea. Assumindo, igualmente, a entrevista como um gênero do discurso oral, os pesquisadores acreditavam que esse recurso metodológico facilitaria também o surgimento de variáveis morfossintáticas, foco de especial interesse para eles, além das fônicas e das léxicas. De modo análogo, optou-se pela gravação individual e a entrevista foi conduzida de modo que aparecessem as sequências textuais narrativas, descritivas, expositivas, argumentativas e dialogais.

Nesta ocasião, é imperioso destacarmos que o formato da entrevista nesse *corpus*, pareceu-nos, também, o mais adequado para abordar, desde a perspectiva da oralidade, o fenômeno variável do qual nos ocupamos. Coincidimos com Sampedro Mella (2012) ao optar por esse tipo de recurso metodológico por ser ele um gênero híbrido, possuindo características de uma conversa espontânea e de entrevista prototípica que viabiliza o aparecimento do vernáculo do falante. Ademais, somadas essas características ao modo de gravação individual, atende-se à proposta de Labov (COELHO *et al.*, 2015, p. 1) para tentar neutralizar o “paradoxo do observador”.

Sobre esse último, apresenta-se como um paradoxo metodológico enfrentado pelo pesquisador quando da coleta de dados de língua falada. Tarallo (1985) afirma que, para proceder com uma análise sociolinguística, o pesquisador-observador precisa de uma enorme quantidade de dados, no entanto, como proceder com essa coleta sem que sua presença afete o comportamento do informante que será observado? O que o pesquisador sociolinguista deseja obter, com as entrevistas, é a fala menos monitorada do indivíduo, como vimos, o seu vernáculo. Porém, de acordo com Labov (1972), isso só é viável através de uma observação sistemática. Essa problemática é o que conhecemos, na literatura, como “paradoxo do observador”, isto é, de um lado há a necessidade de o pesquisador interagir com o informante e, do outro, essa interação pode alterar a naturalidade da situação comunicativa. Desse modo,

a entrevista sociolinguística, sequenciada em módulos temáticos, surge como uma ferramenta para que o sociolinguista alcance seus objetivos, isto é, provoque narrativas de experiência pessoal no informante. Esses tipos de narrativas, segundo Tarallo (1985), provocam um alto envolvimento emocional do indivíduo entrevistado. Desse modo, o seu foco passa a ser não o *que* relata, mas *como* relata, e é esse tipo de situação que o pesquisador-sociolinguista deseja alcançar.

Salientamos, ainda, que o desenho da entrevista do PRESEVAL nos possibilita diminuir a presença do famigerado “efeito gatilho”. Esse fenômeno, que pode aparecer em entrevistas sociolinguísticas, é assim definido por Oliveira (2006, p. 119): “a forma presente na fala do interlocutor ‘engatilha’ um uso que pode ou não ser repetido pelo informante”. O *corpus* PRESEEA da cidade de Alcalá de Henares, por exemplo, possui, no início da entrevista, um módulo temático intitulado “saludos”, no qual o entrevistado é inquerido sobre o modo como ele prefere ser tratado, por *tú* ou por *usted*, bem como uma série de perguntas sobre como ele trata ou gosta de ser tratado por diferentes grupos sociais. Diferentemente, o *corpus* PRESEVAL não possui um módulo temático com essas características, exceto por algumas entrevistas em que essa preferência pelo tratamento é citada por um dos interlocutores. Desse modo, diminui-se o controle excessivo do entrevistador que pode condicionar o uso de determinadas formas no informante. Contudo, assim como Sampedro Mella (2012, p. 340), ponderamos que a escolha entre o uso de uma forma ou outra pelo falante depende de uma série de fatores, bem como da relação desse com o seu interlocutor. Posto isso, continuemos com a descrição do referido *corpus*.

Como já adiantamos anteriormente, a amostra coletada pelo PRESEVAL possui em sua totalidade 72 entrevistas divididas, igualmente, nos três níveis que correspondem à escolaridade dos informantes: *El español hablado en Valencia. Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto, 2001; II. Nivel sociocultural medio, 2005; III. Nivel sociocultural bajo, 2007.*

A situação comunicativa foi estabelecida a partir de um estilo semiformal ou neutral. De acordo com Joss (1962 *apud* GÓMEZ MOLINA, 2001), o registro semiformal corresponderia ao estilo denominado por esse de “consultivo”, dentro de uma escala de estilos estabelecida por ele, a saber: íntimo, casual, consultivo, formal e congelado. Esse estilo seria o mais neutro e prototípico de situações comunicativas entre desconhecidos. A interação ocorreu entre um entrevistador e um informante que não se conheciam. Aquele, em todas as entrevistas, foi um professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de

Valência, residente na região metropolitana e que teve acesso aos informantes através de alunos²⁵ que participaram como ouvintes, na maior parte do tempo, passivos. Esses eram conhecidos ou familiares dos informantes e sua presença, no ambiente, surgiu como uma tentativa para diminuir a formalidade do ambiente e certa intimidação potencial. As entrevistas tiveram uma duração média de 30 a 48 minutos.

Todo o processo da entrevista pode ser resumido nos seguintes passos:

- I. Uma vez estando no ambiente retroaduzido, dá-se início aos cumprimentos, entre os interlocutores, ação essa oportunizada pelos alunos que os apresentam. Posteriormente, o entrevistador informa, parcialmente, os objetivos da pesquisa e de como será desenvolvida a interação comunicativa. O objetivo final é que o entrevistado se sinta confortável e aja com naturalidade. Os alunos, por sua vez, tomam nota sobre características extralinguísticas (gestos, olhares etc.) que ajudem na posterior interpretação dos dados. Terminada essa etapa, completa-se a ficha técnica e realizam-se os procedimentos que garantem o anonimato do informante.
- II. Em seguida, dá-se início à gravação conversando sobre os módulos narrativos, cuja temática gira em torno de infância, escola, primeira comunhão, jogos, festas daquela época, serviço militar, férias passadas, como conheceu o(a) companheiro(a) etc., que duram entre 10 e 15 minutos. Essa fase é seguida por uma série de temas que visam a oportunizar a aparição do texto expositivo, a saber: a profissão, hobbies, tempo livre, avaliação e história da cidade, tradições e costumes, organização de uma festa familiar, receitas de cozinha etc. Igualmente, a esses temas, combinam-se outra série de núcleos temáticos que possibilitem a argumentação. São eles: problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, segurança, insegurança cidadã. O entrevistador deve levar em consideração que as sequências expositivas sejam desenvolvidas entre oito e dez minutos e as argumentativas entre cinco e dez minutos. Para as sequências descritivas, segue-se, entre cinco e dez minutos, com temas do tipo: a casa, o bairro, o domicílio anterior, o lugar de veraneio, as reformas na moradia. Cumpre ressaltar que esses blocos temáticos não precisam, necessariamente, apresentar-se de forma compartimentada e seguir essa ordem em todas as interações. No entanto, ressalta-se

²⁵ Eram alunos que cursavam a disciplina de Sociolinguística espanhola ou estavam no programa de doutorado *La variación interlingüística en el español oral*, segundo Gómez Molina (2001).

que é conveniente começar a entrevista por “histórias de vida” a fim de reduzir o nervosismo e tensões iniciais. Finalmente, inicia-se um diálogo entre os interlocutores, também entre cinco e dez minutos, sobre temas reais e hipotéticos: viagens, loteria, aposentadoria, visão de futuro etc.

- III. Uma vez terminada a gravação, o entrevistador agradece ao informante pela participação e pode-se continuar a conversa entre entrevistador, informante e alunos com comentários sobre o desenvolvimento da gravação ou comentários de outra índole.

No tocante à transcrição dos dados, essa foi realizada através da transliteração ortográfica com certas representações: pausas, autocorreções, ênfases, estilo direto etc., utilizando o processador de texto *Microsoft® Word*. Os alunos que participaram das entrevistas realizaram a primeira transcrição e, posteriormente, todas elas passaram por várias revisões feitas por diferentes pesquisadores com o objetivo de corrigir erros de transcrição. No total, o *corpus* referente ao nível alto passou por três revisões e os níveis médio e baixo por duas. Os códigos fundamentais utilizados foram os seguintes:

:	Troca de falante.
A:	Intervenção de um falante identificado como A.
-	Correções, vacilações, palavras cortadas.
[Lugar no qual se inicia um solapamento ou superposição.
]	Final de fala simultânea.
/	Pausa curta inferior a meio segundo.
//	Pausa entre meio segundo e um segundo.
///	Pausa de um segundo ou mais.
(3’')	Silêncio (lapso ou intervalo); indica-se o número de segundos nas pausas superiores a um segundo.
Juan, Sagunto	Os nomes próprios, apelidos, siglas e marcas, exceto as convertidas em marcas lexicalizadas, aparecem com a letra inicial maiúscula.
REINA	Pronúncia marcada ou enfática (palavra ou sílaba).
((logo))	Transcrição duvidosa.
(())	Fragmento indecifrável.
cansa(d)o	Reconstrução ou recuperação de uma unidade léxica que foi pronunciada incompleta.

(estalo) (risos)	Anotações que aparecem à margem dos enunciados e se consideram sons significativos para a interpretação do texto. No caso dos risos, acompanham o que foi dito, transcreve-se o enunciado e, em nota de rodapé, indica-se “entre risos”.
Aa	Alargamento vocálico
Nn	Alargamento consonântico.
...	Suspensão voluntária.
mm, ee	Elementos paralinguísticos.
¡!	Exclamação ou admiração
¿?	Interrogações. Também para os apêndices: ¿no?, ¿eh?, ¿verdade?
<i>letra cursiva</i>	Reprodução e imitação de emissões: estilo direto, citação textual etc.
nota de rodapé	Anotações pragmalinguísticas que oferecem informações sobre as circunstâncias da enunciação ou acrescentam informações necessárias para a correta interpretação: gestos, tradução de fragmentos em valenciano, correspondência em língua estrangeira da palavra transcrita, localização dos topônimos, siglas etc.

A fim de garantir o anonimato dos falantes, os nomes e lugares que possibilitem a sua identificação foram substituídos por outros. Ademais, cada entrevista é acompanhada de um código do informante, como este VAL00132MC91, que sintetiza as seguintes informações: VAL- refere-se à cidade de Valência; 001- é o número de ordem do informante na amostra; 3- indica qual o seu grau de escolaridade (1= baixo, 2 = médio, 3= alto); 2- a faixa etária (1= 20 a 34, 2= 35 a 54 e 3= acima de 55); M- marca o sexo (H= homem e M= mulher); C- a língua habitual (B= bilíngue passivo e C= castelhano-falante) e 96- ano de coleta do material. Ao entrevistador, também, lhe é atribuído um código como, por exemplo, 32HB, no qual o número 32 se refere a sua idade; H- ao sexo e B- a língua habitual. Cabe ressaltar que, em geral, os erros gramaticais (morfofossintáticos, fônicos e léxicos) não aparecem marcados.

4.3 Dados desconsiderados

Na análise quantitativa das formas de tratamento *tú* e *usted*, em nossa pesquisa, foram desconsiderados os seguintes dados:

- **Pronomes *tú* ou *usted* na fala do entrevistador;**

Supondo ser uma fala mais monitorada, não consideraremos, para fins estatísticos, os dados oriundos da fala do entrevistador. Em sua fala, os trechos, nos quais apareçam as formas mencionadas, poderão ser considerados apenas para fins de análise qualitativa.

- **Pronomes *tú* ou *usted* empregados de forma isolada, sem a presença de algum verbo do qual sejam sujeito;**
- **Pronomes *tú* ou *usted* repetidos, atrelados a um único e mesmo verbo.**
- **Pronomes *tú* ou *usted* que não estivessem em posição de sujeito da oração.**

4.4 Envelope de Variação

4.4.1 Variável dependente

De acordo com Marconi e Lakatos (2011), em uma pesquisa, a variável dependente diz respeito ao fenômeno que se deseja explicar e que surge como resultado do fator manipulado pelo qual é afetado, ou seja, a variável independente. Destarte, nossa pesquisa apresenta como variável dependente a expressão pronominal de segunda pessoa no espanhol peninsular de Valência. Esse fenômeno variável apresenta como formas que competem para expressar o mesmo valor referencial/representacional as variantes *tú*, que, segundo pesquisas resenhadas no capítulo dois, tem ganhado campo em situações comunicativas prototípicas do uso de *usted*, portanto, considerada como a forma inovadora e *usted*, forma padrão em situações de mais formalidade. Desse modo, as variantes estabelecidas são:

- a) *tú* explícito/implícito
- b) *usted* explícito/implícito

A análise das variantes *tú/usted* será feita considerando as ocorrências *explícitas* e *implícitas* dessas variantes. Naquelas, a forma pronominal aparece acompanhada de uma forma verbal como podemos observar nos exemplos (1 e 3). Por outro lado, consideramos os trechos de fala em que não aparecem explicitamente essas variantes, mas elas estão marcadas através de seus paradigmas verbais e pronominais conforme exemplos (2 e 4). Vale ressaltar que adotamos essa perspectiva em virtude de, segundo Matte Bon (2002), diferentemente de outras línguas, o pronome sujeito, em língua espanhola, nem sempre vir explícito no contexto. Esse gramático esclarece que o verbo já carrega as marcas pessoais, inclusive na língua falada, e é categórico ao afirmar que, “em espanhol, o pronome sujeito aparece somente

quando, ao falante, parece-lhe indispensável para a correta compreensão de suas intenções comunicativas”²⁶ (MATTE BON, 2008, p. 249, tradução nossa). Esse aspecto possibilita, pois, a comutação das formas pronominais de tratamento por seus respectivos paradigmas verbais.

- (1) [...] luego le llamé aparte y le dije *oye ¿tú no sabes leer de verdad?* y me dijo en voz alta *no!!!* (daí lhe chamei aparte e lhe disse ei **tu** não sabes ler de verdade? e ele me disse em voz alta não//).
- (2) bueno pues/ como te he dicho yo nací en Valencia/ ee/ he vivido siempre en Paterna// yy mi niñez/ ¿qué **quieres?** ¿que te la- que te la describa?// (bom pois/ como eu te disse eu nasci em Valência/ eh/ vivi sempre em Paterna// ee minha infância/ o que **quieres?** que eu te descreva-a?)
(ENTREVISTA 18 – VAL01831MC99)
- (3) TODAS LAS MUJERES SON MUY ESPABILADAS Y TODAS INTUYEN// yy- pero nada/ hay que insistir en que *no se preocupe/ usted de- de momento* como mucho le puedo decir *si ee hemos visto un nódulo/* (TODAS AS MULHERES SÃO MUITO ESPERTAS E TODAS INTUEM// ee- mas nada/ tem que insistir em que **você** não se preocupe/ por- por enquanto no máximo eu posso lhe dizer *sim eh vimos um nódulo//*)
- (4) [...] si lo consultan con el marido dii- me llaman para de- **oiga** *¿puedo ir hablar con la doctora? Pues sí puede venir a hablar con la doctora/* pero a lo mejor la mujer ee// le dices/ **esté** tranquila/ (Se o consultam com o marido dii- me chamam para di- **olhe** *eu posso ir falar com a doutora? Claro puede vir falar com a doutora/* mas talvez a mulher eh// diz-lhe/ **fique** tranquila//)
(ENTREVISTA 22 – VAL02232MB00)

Nesse ponto, cumpre ressaltar que, como se pode observar, facilitaremos uma tradução dos trechos, com os quais exemplificamos as falas dos informantes. Somos sabedores de que o processo tradutório não consiste em uma simples transposição de uma língua para outra. O ato de traduzir requer uma série de conhecimentos e habilidades tanto linguísticas como extralinguísticas, ou seja, é basilar que o indivíduo responsável pela tradução possua, nos termos de Hurtado Albir (2001), uma “competência tradutora”. Entretanto, como o uso dos pronomes de tratamento, em português, diverge consideravelmente daquele feito em espanhol, salientamos que, nas traduções, manteremos a equivalência pronominal em termos de forma. Em outras palavras, há determinados trechos, por exemplo, nos quais o indivíduo hispanofalante utiliza uma forma *tú* que, em português brasileiro, o falante utilizaria um *a gente* ou *você*. Desse modo, no que se refere às traduções dos trechos de fala, abstraímos essas questões pragmáticas, pois o foco do nosso trabalho é o sistema pronominal de tratamento em uma variedade do espanhol peninsular. Assim, determinamos que, quando o falante faça uso da forma *tú* ou seu paradigma verbal,

²⁶ “en español, el pronombre sujeto aparece solo cuando al hablante le parece indispensable para la correcta comprensión de sus intenciones comunicativas.” (MATTE BON, 2008, p. 249).

traduziremos, igualmente, como *tu* ou o seu paradigma verbal em português. Quando a forma pronominal utilizada seja *usted* ou o seu paradigma verbal, traduziremos como *você* ou o seu paradigma verbal em português. Uma vez explanado o parâmetro de tradução para esses excertos, passemos a apresentação das variáveis independentes.

4.4.2 Variáveis independentes

Conforme mencionado, a variável independente constitui o elemento manipulado na pesquisa e o qual condiciona o aparecimento do fenômeno observado. Sabemos que qualquer fenômeno de variação pode ser operado por mecanismos internos e externos à língua. Portanto, pelos motivos expressos em seção anterior, debruçar-nos-emos, nesta pesquisa, sobre os condicionadores extralinguísticos de ordem social e estilística. A seguir, conforme estabelecidos anteriormente, elencamos alguns dos fatores que podem exercer influência no uso de *tú* ou *usted*, na variedade hispânica com a qual trabalhamos.

Antes disso, é mister esclarecermos que, ao hipotetizarmos sobre algumas variáveis, fundamentamos nossas ponderações em pesquisas com dados do português brasileiro. A razão para esse procedimento se deve ao fato de, na busca realizada, não termos encontrado trabalhos que utilizassem dados da língua espanhola. Contudo, cabe destacar que essa escolha não foi aleatória. Apesar de cientes da falta de correspondência direta no uso dessas formas, nessas duas línguas, pesquisas no âmbito dos estudos sociolinguísticos, como as que veremos adiante, têm revelado certas tendências equiparáveis quanto aos pronomes de tratamento nas línguas românicas.

Kim (2015), por exemplo, analisou as formas de tratamento e os fatores que influenciavam na escolha para expressar a segunda pessoa, no espanhol e no português. A pesquisadora analisou 114 entrevistas, as quais continham 25 perguntas divididas em cinco situações: casa, escola, trabalho, instituição ou estabelecimento público e encontro com um desconhecido. Os países que participaram desse estudo foram: Espanha, México, Argentina, Portugal e Brasil. Ademais, para analisar as estratégias de cortesias que os falantes utilizavam na comunicação, Kim (2015) analisou 16 filmes em ambos os idiomas.

Os resultados encontrados foram bastante curiosos. Apesar das diferenças encontradas entre falantes que falam a mesma língua ou em países do mesmo continente, a pesquisa revelou dados relevantes que embasam o nosso trabalho. Os falantes espanhóis e argentinos preferem usar o pronome familiar na maioria das situações, ou seja, *tú* e *vos*,

respectivamente. Igualmente, os brasileiros fazem uso da forma *você* como equivalente ao *tú*, em espanhol, segundo a autora. Nesses países, Kim (2015) assevera que a solidariedade, a intimidade e a familiaridade são os elementos de maior relevância. Por outro lado, no México e em Portugal, onde há hierarquia e onde a distância social e a formalidade exercem maior influência, o pronome formal *usted*, *o senhor/a senhora* e *você*, considerado semiformal em Portugal, têm preferência no uso.

Estudos variacionistas de outra natureza como o de Arruda (2012), que analisou a realização do objeto direto anafórico em línguas românicas, nesse caso, no espanhol e no português, também corroboram a ideia de um paralelismo nos resultados de alguns fenômenos nessas línguas. A autora assevera que, guardadas as diferenças quantitativas, nas variedades de uma mesma língua como em ambas as línguas, estabelecem-se semelhanças nos contextos que favorecem a realização desse fenômeno linguístico. Desse modo, acreditamos que o empréstimo de exemplos do português brasileiro não inviabiliza as hipóteses por nós levantadas, mas são pertinentes e dão consistência a elas. Isso posto, sigamos com a apresentação das variáveis e respectivas ponderações.

4.4.2.1 Variáveis linguísticas

Defendemos que a variação entre as formas *tú* e *usted* está condicionada pelos seguintes fatores linguísticos:

4.4.2.1.1 tipo de frase

Um dos critérios a partir do qual se dividem as orações, conforme a RAE (2010), diz respeito à atitude do falante. Essa, quando relacionada ao conteúdo da mensagem, recebe o nome de modalidade que, por sua vez, divide-se em modalidade da enunciação e modalidade do enunciado. A primeira alberga as estruturas que nos permitem produzir ações: perguntar, opinar, ordenar etc., ou seja, são os atos de fala. É através desses usos que, ainda pela mesma gramática, distinguimos entre orações: declarativas (Está chovendo), interrogativas (Que hora é?), exclamativas (Que carrão você comprou!) e imperativas ou exortativas (Não te movas de onde estás!).

Na oralidade, o que nos permite diferenciar essas distintas modalidades (assertiva, interrogativa e exclamativa) é a entoação. Na escrita, por exemplo, as modalidades

interrogativas e exclamativas²⁷ são, respectivamente, representadas por sinais de interrogação e exclamação. A “Gramática Didáctica del Español”, de autoria de Gómez Torrego (2011), esclarece-nos que, quanto aos principais esquemas de entoação, há alguns que são normais na Península, porém, apresentam algumas diferenças em outras zonas de fala espanhola (Canárias e Hispano-América). No entanto, o autor adverte que as curvas melódicas que são próprias das modalidades assertivas, interrogativas e exclamativas são comuns em todo território de fala castelhana. Sendo assim, as supramencionadas curvas são as seguintes:

a) Interrogativas

Esse tipo de frase começa com uma elevação de tom que vai até a primeira sílaba tônica. Além de outras pequenas variações, podemos, afirmar que, *grosso modo*, na parte medial, inicia-se um descenso de tom que termina, às vezes, com uma ligeira subida desse. Podemos representar essa curva melódica, a partir do seguinte esquema, seguido de um exemplo extraído do *corpus*:

Figura 02 – Curva melódica de uma frase interrogativa



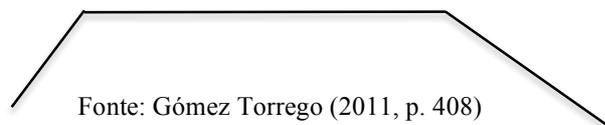
Fonte: Gómez Torrego (2011, p. 408)

- (5) [...] entonces ¿que **has venido** a pagarme porque se ha para(d)o el coche!?!/
(então, **viestes** me pagar porque o carro parou!?)
(ENTREVISTA 02 – VAL00213HB01)

b) Declarativa

As frases assertivas, ou declarativas, têm um início semelhante às frases interrogativas. Na fase média, o tonema mantém-se uniforme até a última sílaba tônica e, a partir de então, descende até o final. Essas curvas podem ser representadas com a ilustração a seguir, também, seguida de exemplo:

Figura 03 – Curva melódica de uma frase declarativa



Fonte: Gómez Torrego (2011, p. 408)

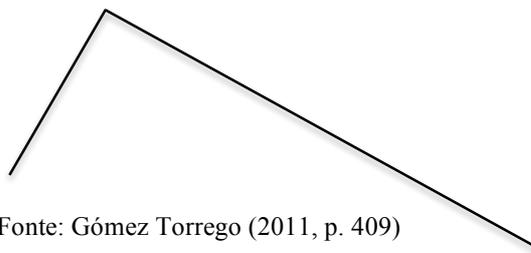
²⁷ Ressaltamos que, para esse tipo de frase, por aparecerem em menor quantidade, consideramos as frases marcadas em caixa alta, pois apresentam pronúncia marcada ou enfática, de acordo com o código de transcrição da equipe PRESEVAL.

- (6) bueno pues cuando **quiera** venirse allí/ **tienee**/ de momento dos casas/ (bom pois quando **quiser** vir ali/ **tem**/ no momento duas casas/)
(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

c) Exclamativa

Nesse tipo de frase, assim como nas anteriores, o início é semelhante, diferenciando-se, apenas, na elevação do tom que é maior que os enunciados assertivos. Após essa elevação, produz-se uma queda brusca do tom até a fase final em cadencia. De acordo com Gómez Torrego (2011), esse tipo de entoação caracteriza-se por um ascenso rápido do tom, mais alto que o normal, e um descenso brusco. Exemplo:

Figura 04 – Curva melódica de uma frase exclamativa



Fonte: Gómez Torrego (2011, p. 409)

- (7) [...] LA ASTROLOGÍA// mira lo que te he traído pa(ra) que lo **veas**// MI TÍTULO DE BRUJA/ (A ASTROLOGÍA// olha o que eu te trouxe pa(ra) que o **vejas**// MEU DIPLOMA DE BRUXA)
(ENTREVISTA 01 – VAL00132MC96)

O conjunto desses tipos de orações tem sido controlado e mostrado significância em estudos que trabalham com a variação pronominal. Lucca (2005) e Costa (2016), por exemplo, estudaram a variação entre *tu/você* no português brasileiro, especificamente na fala de Brasília - DF e Cametá – PA, respectivamente, e verificaram a influência dessa variável para esse fenômeno. Aquela adotou a terminologia *tipo de estrutura*, tendo como fatores as frases *exclamativas*, *interrogativas* e *declarativas*. Essa, sob o nome de *tipo de frase*, controlou fatores como: *interrogativas (afirmativas e negativas)*, *declarativas afirmativas*, *declarativas negativas e exclamativas (afirmativas e negativas)*.

Em ambos os trabalhos, a frequência de *tu* foi maior para as frases *interrogativas* e, em especial, para as *exclamativas*. Em Lucca (2005), esses tipos de frases tiveram .87 e .54 de peso relativo, respectivamente. Em Costa (2016), 0.882 e 0.596. As frases *declarativas* tiveram, no trabalho dessa autora, 0,488 (afirmativas) e 0,315 (negativas); e, em Lucca, .54. Essa pesquisadora confirmou sua hipótese para as *exclamativas*, pois esperava que, pela

emoção nelas presente, o vernáculo do falante afluísse. O mesmo não aconteceu no trabalho de Costa (2016), cuja defesa para esse tipo de frase era que a forma *você* aparecia mais nos contextos em que o interlocutor não fosse definido.

É baseado nesses trabalhos que elaboramos a variável de controle *tipo de frase* e hipotetizamos que as frases *exclamativas* favorecem mais o uso de *tú* por terem um maior grau de envolvimento emocional do falante. Já as frases *interrogativas* e *declarativas* serão favorecedoras da variante mais conservadora *usted*, por, possivelmente, terem maior grau de monitoramento por parte dos falantes.

4.4.2.1.2 tipo de referente

O ato de referenciar, segundo Koch (2017), é uma atividade discursiva. Para alcançar o seu propósito comunicativo, o sujeito, ao desenvolver o seu discurso, realiza escolhas linguísticas que são dispostas pelo sistema linguístico. Em outras palavras, “o processo de referência são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.” (Koch, 2017, p. 67). Assim, umas das estratégias utilizadas pelos falantes para estabelecer uma relação com os referentes discursivos é conhecida, na literatura, como *pronominalização*, isto é, a referência pode ocorrer por intermédio de formas pronominais explícitas ou não.

Diante disso, estabelecemos esse processo de referência como uma variável de controle, a fim de analisarmos a sua influência no fenômeno variável com o qual trabalhamos. Semelhante ao delineamento operado por Franceschini (2011), estruturamos essa variável em referente:

a) Determinado

- (8) [...] porque era valenciano y aqui no le conoce nadie// y **usted** tampoco le conocerá/ se llamaba Vicente Marc (porque ele era valenciano e aqui ninguém lhe conhece// e **você** também não o conhecerá/ se chamava Vicente Marc)
(ENTREVISTA 20 – VAL02031HC99)

b) Indeterminado

- (9) [...] pienso que NO debería de ser obligado/ eel- hacer el servicio militar// porque es un tiempoo precioso que **pierdes**/ (eu acho que NÃO deveria ser obrigado/ ooserviço militar// porque é um tempo precioso que **perdes**)
(ENTREVISTA 02 – VAL00231HC96)

No exemplo (8), a referência do pronome *usted* é facilmente recuperada, pois o informante se dirige ao entrevistador para lhe contar que seu avô era um bom pintor, mas, apesar de ser valenciano, ninguém o conhecia em Valência. Por outro lado, no exemplo (9), a

referência é mais ampla. Aqui, não há um referente específico, mas, na opinião do falante, qualquer indivíduo que tem de se ocupar do serviço militar, perde um tempo precioso.

Para Franceschini (2011), a determinação do referente apresenta-se como uma variável importante na escolha de um pronome pelo indivíduo. Essa autora abordou a variação dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* na cidade de Concórdia, Santa Catarina, e o programa VARBRUL apontou essa variável como a mais significativa dentre as demais variáveis linguísticas selecionadas. Para as variantes *tu/você*, os pronomes indeterminados tiveram (78%) das ocorrências e os determinados, (22%). Na opinião da autora, essa diferença pode ter relação com o tipo de amostra, ou seja, dados advindos de entrevistas, situação, segundo a autora, em que não há efetivamente um diálogo entre interlocutores, mas o foco está no falante que discorre sobre determinados assuntos. *Tu*, que nessa cidade é a forma conservadora para referir-se ao interlocutor, teve peso relativo maior (.71), quando o sujeito é *determinado*. *Você*, forma inovadora, predominou nos dados nos quais o sujeito é *indeterminado* (.57), o que demonstra que o avanço dessa forma parece dar-se via *indeterminação*.

Ancorando-nos nessa pesquisa, nossa hipótese é a de que os contextos com referente *determinado* favorecerão, de um lado, o uso da forma padrão *usted*. Com base na teoria de Brown e Gilman (1960), ponderamos que o uso dessa variante, nesse contexto, possa estar atrelado ao *poder* do ouvinte sobre o falante ou por uma relação de igualdade não solidária. Por outro lado, *tú*, forma inovadora, terá maior ocorrência com referente *indeterminado*. Hidalgo Navarro (1996) afirma, categoricamente, que o uso do *tú*, empregado de forma impessoal, é um fenômeno frequente no espanhol atual. Sobre isso, o linguista Manuel Seco já prescrevia em sua gramática de 1989:

“No uso coloquial de hoje, o valor impessoal de uno é assumido frequentemente pelo pronome pessoal tú e a forma “tú” do verbo: *Vas por la calle tan tranquilo y te cortan el paso.*” (SECO, 1989, p. 163, grifos do autor, tradução nossa)²⁸.

4.4.2.1.3 tipo de discurso

Francischini (2011), igualmente, expõe que o tipo de discurso tem sido uma variável considerada, para vários autores, fundamental na abordagem de fenômenos linguísticos. Com

²⁸ “En el uso coloquial de hoy, el valor impersonal de uno es asumido frecuentemente por el pronombre personal tú y la forma “tú” del verbo: *Vas por la calle tan tranquilo y te cortan el paso*”. (SECO, 1989, p. 163).

relação à variação entre *tu/você* na cidade supracitada, a autora expõe os resultados de Menon e Loregian-Penkal (2002) para os quais o *marcador discursivo*, o *discurso relatado de terceiros* e o *discurso relatado do próprio informante* foram favorecedores da variante *tu*. No entanto, em seu trabalho, essa variável não foi considerada significativa pelo programa estatístico.

Para o controle dessa variável, adotamos o refinamento estabelecido por Costa (2016), em sua pesquisa anteriormente mencionada. Apesar de, assim como o ocorrido no trabalho de Francischini (2011), essa variável não ter se mostrado significativa, optamos por mantê-la a fim de verificarmos se, em língua espanhola, ela se comporta de maneira distinta ao que ocorre no português brasileiro. Desse modo, são três os fatores que compõem esse grupo, a saber: i) *discurso de fala própria*, que se caracteriza pelas falas do entrevistado para dirigir-se, por meio de discurso direto, ao entrevistador e, conforme Costa (2016), é um discurso de fala original e autêntico; ii) *discurso reportado do próprio entrevistado*, são as ocorrências de fala própria que o informante relata ao entrevistador e iii) *discurso reportado de terceiros*, que são as falas de outrem relatadas pelo entrevistado. A seguir oferecemos alguns exemplos que ilustram esses usos:

a) Discurso de fala própria

(10)[...] mm el otro día iba en la prensa que había una ola de erotismo/ sobre Alemania/ ¿no lo leíste?/ (mm outro dia saiu no jornal que havia uma onda de erotismo/ sobre a Alemanha/ não o leste?)

(ENTREVISTA 01 – VAL00132MC96)

b) discurso reportado do próprio entrevistado

(11)[...] porque muchas veces yo he pregunta(d)o bueno/ ¿tú por qué llevas esos pantalones?/ (porque muitas vezes eu perguntei bom/ porque tu estás usando essas calças?)

(ENTREVISTA 02 – VAL00231HC96)

c) discurso reportado de terceiros

(12)[...] yy me dijo/ tía eres muy mala canguro/ no te sabes el cuento de Caperucita (risos)/ (ee me disse/ tia és uma babá muito ruim/ não sabes o conto da Chapeuzinho vermelho [risos])

(ENTREVISTA 01 - VAL00132MC96)

Nossa hipótese é, pois, que a forma *tú* terá mais incidência no *discurso reportado de terceiro* e *discurso reportado do próprio entrevistado* como uma identificação de marca regional, haja vista a predominância, segundo pesquisas apontadas, do uso dessa forma no âmbito peninsular. Por outro lado, no *discurso de fala própria* é possível que o uso de *usted* seja mais proeminente, dada a formalidade da entrevista, apesar dos esforços para neutralizá-la.

4.4.2.2 Variáveis sociais

Acreditamos que a variação entre as formas *tú* e *usted* sofre pressão dos seguintes condicionadores sociais:

4.4.2.2.1 Sexo

De acordo com os estudos clássicos variacionistas, a frequência do uso da forma padrão é comumente relacionada ao sexo feminino. Atribui-se às mulheres um comportamento mais normativo, sendo a língua o único meio para ganhar prestígio e chegar ao status de grupos econômicos e culturais superiores ao seu (BAGNO, 2017). Ao sexo masculino, por seu turno, é atribuído um uso maior da forma inovadora. Isso posto, cumpre ressaltar que estudos mais recentes têm evidenciado certas tendências que se distanciam daquelas postuladas pelos primeiros trabalhos, nos quais se correlacionaram variação linguística e sexo.

Orozco (2010), por exemplo, ao estudar o avanço da forma *tú* na cidade mexicana de Guadalajara chegou a percentuais iguais (62%) de uso dessa forma em homens e mulheres. Ademais, ao cruzar a variável sexo com idade, constatou que são as mulheres jovens que contribuem para extensão do uso de *tú* com um percentual de (68%) frente a (62%) dos homens jovens. Não obstante, objetivando verificar se há, no processo de variação do fenômeno abordado em nossa pesquisa, uma liderança relacionada ao sexo dos informantes, aliamos-nos aos estudos clássicos no âmbito da Sociolinguística. Assim, nossa hipótese é a de que a variante *usted* tende a predominar na fala feminina, pelos motivos inicialmente arrolados, isto é, espera-se que o indivíduo do sexo feminino tenha um maior monitoramento da fala. Em contrapartida, os homens estarão mais inclinados ao uso da variante *tú*, como exemplificam os trechos a seguir:

a) Masculino

- (13)[...] porque nunca **estás** quieto/ siempre te pidenn/ un refresco oo alguna bebida/ o comida/ **tiens** que prepararte las cosas// **conoces** a mucha gente/ la verda(d) que sí// eso sí que tiene bueno// porque **conoces** a mucha gente queee/ a lo mejor **tú** te piensas que es de una forma y después resulta que es/ buena gente ¿no? (porque nunca **estás** quieto/ sempre te pedemm/ un refresco oou alguna bebida/ ou comida/ **tens** que preparar as coisas// **conheces** muita gente/ isso é verdade/ isso sim que é bom// porque **conheces** muita gente queee/ talvez **tu** pensas que é de uma forma e depois acaba que é/ boa gente né?)

(ENTREVISTA 03 – VAL00332HC97)

b) Feminino

(14)[...] o sea le puedo decir a la señora *pues mire quee/ resulta que ¡vamos! queremos ampliarle ell- el estudio/ le vamos a hacer una ecografía/ nunca jamás le digo que **usted** está mal/ JAMÁS/ (ou seja eu posso dizer a senhora pois **olhe** quee/ acontece que vamos! queremos ampliar-lhe oo- o estudo/ vamos fazer-lhe uma ecografía/ nunca jamás lhe digo que **você** está mal/ JAMAIS/)*

(ENTREVISTA 22 – VAL02232MB00)

4.4.2.2.2 Faixa etária

No que se refere à variável *faixa etária*, essa tem se demonstrado significativa no processo de mudança das formas de tratamento em espanhol, bem como, dentre os fatores sociais, tem sido o que mais motiva a escolha da forma de tratamento (SANROMÁN VILAS, 2010). Outros estudos como os de Amorín, Almeida e Rodríguez (2010) e Orozco (2010) atestam que são os jovens os que mais fazem uso de *tú* e, desta forma, caminham da formalidade em direção ao *tuteo*.

Como explicitado anteriormente, os informantes foram agrupados em três níveis de idades, são eles: *faixa etária 1* (de 20 a 34 anos), *faixa etária 2* (de 35 a 54 anos) e *faixa etária 3* (acima de 55 anos). Baseando-nos nos supracitados estudos, acreditamos que os falantes da *faixa etária 1* e *2* farão mais uso da forma *tú* (exemplos 15 e 16), sendo esta mais expressiva na primeira faixa etária. Por outro lado, a *faixa etária 3*, conforme apontam os estudos revisados, preferirá o uso de *usted* (exemplo 17).

a) Faixa etária 1: 20 a 34

(15)[...] con esa ley// que sea una multa tan grande por/ entrar a un bar/ que a lo mejor no te **das** cuenta quee no es de fumadores/ a lo mejor **entras** con un cigarro y te pilla alguien// que te pongan una denuncia/ creo que es de/// mil quinientos euros o por ahí (bufido)/ demasiado// eso está muy duro también (com essa lei// que seja uma multa tão grande por/ entrar em um bar/ que talvez não te **dás** conta quee não é de fumantes/ talvez **entras** com um cigarro e alguém te flagra// que te coloquem uma denuncia/ creio que é de/// mil quinhentos euros ou por aí (resfôlego)/ bastante// isso é muito difícil)

(ENTREVISTA 23 – VAL02311HB06)

b) Faixa etária 2: 35 a 54

(16)[...] !Ah ¿no lo **sabías**? ¿No te lo he conta(d) nunca?/ (Ah! não o **sabias**? Eu não nunca te disse?)

(ENTREVISTA 01 – VAL00132MC96)

c) Faixa etária 3: acima de 55

(17)[...] **tendría** que venir a verla/ lo primero (**teria** que vir vê-la/ primeiramente)

(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

4.4.2.2.3 Escolaridade

Apesar de os indivíduos com nível de escolaridade alta terem, conseqüentemente, maior contato com a cultura letrada e a variedade padrão da língua e, portanto, esperarmos desses maior uso de formas prestigiadas, alguns estudos sobre a variação entre *tú/usted* no espanhol têm contrariado essa expectativa. Medina López (2004), ao estabelecer um panorama sobre o estudo das formas de tratamento em Canarias, põe em relevo o uso majoritário da forma *tú* por falantes de socioleto alto e sujeitos com nível de escolaridade médio e universitários. De modo análogo, Orozco (2010) constata que, na cidade de Guadalajara, México, os informantes com educação superior estão ligeiramente acima (68%), no uso dessa forma, frente aos informantes com educação média (65%) e primária (53%). Desse modo, a fim de verificarmos o comportamento dessa variável na comunidade de fala valenciana, controlamo-la considerando os seguintes níveis:

a) Nível baixo

(18) puede ser/ aa- también hay veces quee/ en casa según son las patatas// oo- oo no sé/ para mí yo creo que debe de ser la clase de la patata/ también hay veces que las **abre**/ pero NO es igual// ésas que compramos es como si fuese una bechamel/ (pode ser/ aa- também há vezes que/ em casa dependendo de como sejam as batatas// oo- oo não sei/ para mim eu acho que deve ser a classe da batata/ também há vezes que as **abre**/ mas NÃO é igual// essas que compramos é como se fosse um bechamel/)

(ENTREVISTA 06 – VAL00613MB01)

b) Nível alto

(19)[...] yo quise ser albañil// porque mi padre era albañil// es curioso// y me decían *no tú querías ser arquitecto*/ (eu quis ser pedreiro/ porque meu pai era pedreiro/ é curioso// e me diziam *no tu querias ser arquiteto*/)

(ENTREVISTA 06 – VAL00631MB98)

É sabido que as instituições de ensino atuam no sentido de padronizar a língua e, no que se refere às variedades linguísticas, muitas vezes, caminham principalmente em direção às variedades padrão. Como afirma Votre (2015, p. 52, grifos do autor), “A escola move campanhas em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos, solecismos e estrangeirismos*.”. Isso, conseqüentemente, pode ter um efeito normativo no comportamento dos alunos. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico.”.

No entanto, no que se refere à variação pronominal em língua espanhola, a RAE (2010) evidencia que o uso de *tú*, por exemplo, na relação aluno/professor está se estendendo no espanhol europeu. Seguindo, pois, essas tendências, ponderamos que os falantes com *nível*

de escolaridade alto encabeçam o processo de mudança com um maior percentual de uso da forma *tú* (exemplo 19) e, em outra direção, *usted* (exemplo 18) terá uma maior incidência na fala dos informantes com *nível de escolaridade baixo*.

4.4.2.3 Variáveis estilísticas

Defendemos que a variação entre as formas *tú* e *usted* pode sofrer pressão dos seguintes condicionadores estilísticos:

4.4.2.3.1 estilo discursivo

Para Van Dijk (1990, p. 112, tradução nossa), “o estilo discursivo é o conjunto de detalhes estilísticos específicos que se associam com um gênero do discurso específico (a conversação, os acontecimentos cotidianos, uma lei ou o fato de falar em público)”.²⁹ Reconhecendo a entrevista como um gênero do discurso oral, o *corpus* PRESEVAL estabelece uma dimensão estilístico-textual, considerando também, como fatores estilísticos, cinco tipos de sequências textuais: *narrativo, expositivo, descritivo, argumentativo e dialogal*.

Ora, sabemos que a entrevista possui uma dimensão discursiva e propósitos comunicativos bem definidos. Esses últimos, juntamente com os tipos textuais, são considerados em vários estudos como partes essenciais da composição dos gêneros do discurso. Avendaño de Barón (2012, 2014), por citar um exemplo, destaca a importância de se abordar a variação discursiva, nos estudos sociolinguísticos e pragma-linguísticos, como uma forma de entender as dinâmicas sociais e culturais presentes.

Essa autora estudou a frequência de uso das variantes *sumercé, usted e tú*, na comunidade de fala de Tunja, Colômbia. Além das variáveis *sexo, idade e escolaridade*, a pesquisadora analisou a frequência dessas formas nos seguintes tipos de discurso: *narrativo, expositivo, argumentativo e descritivo*, em 54 entrevistas do corpus PRESEEA de Tunja. Apesar de não oferecer uma porcentagem de uso dessas formas em cada tipo de discurso, a pesquisa revelou que tanto homens (77%) quanto mulheres (62.8%) fazem mais uso de *usted* nos distintos tipos de discurso, seguido por (22%) e (30.5%), respectivamente, de uso de *tú* e (0.49%) e (6.58%), respectivamente, de *sumercé*.

²⁹ “El estilo discursivo es el conjunto de detalles estilísticos específicos que se asocian con un género de discurso específico (la conversación, los acontecimientos cotidianos, una ley o el hecho de hablar en público)” (VAN DIJK, 1990, p. 112).

Dada a relevância dessa variável nos estudos variacionistas, a hipótese que defendemos para essa variável é a de que, no *estilo discursivo narrativo*, haverá maior uso de *tú* que nos outros estilos não narrativos. Ancoramos-nos em estudos de Silva (2016), os quais atestam que as sequências narrativas, em especial as que envolvem experiência pessoal, têm certa influência positiva na expressão de formas linguísticas consideradas informais. Por outro lado, ponderamos que, no *estilo argumentativo*, haverá predominância de *usted*, supondo que, nessa sequência, o falante fará uso de uma fala mais cuidada. A equipe PRESEVAL selecionou, para essa sequência, alguns temas mais delicados, outros que possivelmente exijam um maior conhecimento do informante, desse modo, acreditamos haver maiores condições de monitoramento da fala. Em seguida, apresentamos os fatores que compõem essa variável de controle com seus respectivos exemplos:

a) Narrativo

(20)[...] yo digo bueno/ *YO HAGO LA PAELLA/ si me traéis aquí lo que yo os pida/ y la suegra/ de mi mu- de mi hija/ lo que **uste(d)** quiera/ lo que **uste(d)** pida le traemos// **mira** lo primero que **tiene** que hacer es// los animales/ caseros// si ahí en el corral tenemos de todo/ pato conejo y pollo// vale// para cuántos/ son- vamos a ser// pues treinta y tantos/ treinta y tres treinta y cuatro/ según// pues quiero esto esto esto y esto (eu digo bom/ *EU FAREI A PAELLA/ se me trouxerem aqui o que eu lhes peça/ e a sogra/ da minha mu- da minha filha/ o que **você** quiser/ o que **você** pedir lhe trazemos// **olhe** o primeiro que **deve** fazer é// os animais/ caseiros// se aí no quintal temos de tudo/ pato coelho e galinha// ok// para quantos/ somos// pois trinta e tantos/ trinta e três e cuatro/ segundo// pois quero isto isto e isto)**

(ENTREVISTA 19 – VAL01913HB05)

b) Expositivo

(21)[...] hombre depende dee- dee- dee- de la cantidad de gente/ o de- de cómo lo **quisieras** hacer/ si **quieres** hacer un bautizo// por todo lo alto dee- dee- de- de gente/ o que **quieras** hacer una cosa familiar (rapaz depende dee- dee- dee- da quantidade de gente/ ou de- de como **queiras** fazê-lo/ se **quieres** fazer um batizado// para muitas pessoas/ ou se **quieres** fazer uma coisa familiar)

(ENTREVISTA 06 – VAL00613MB01)

c) Descritivo

(22)[...] las berenjenas rellenas/ las berenjenas rellenas pues/ yo las cojo cojo las pieza(s)/ y la- la berejena la abro así/ a la mitad ¿no?/ a lo largo/ la pongo en dos partes/ yy le **vacías** lo de dentro/ ¿sí?/ y eso de dentro lo **cocinas** con cebolla/ con carne picada/ y con condimentos así// yy cuando está todo eso lo **vuelves** a meter/ en la berenjena/ y lo **metes** al horno// (as berinje-las recheadas/ as berinje-las recheadas pois/ eu as pego pego as partes e a- a berinje-la a abro assim/ à metade né?/ durante/ coloco-a em duas partes/ e **tiras** o que tem dentro/ certo? e isso que tem dentro o **cozinhas** com cebola/ com carne picada/ e com temperos assim// ee quando está tudo isso **voltas** a meter/ na berinje-la/ e o **metes** no formo//)

(ENTREVISTA 21 – VAL02111HC06)

d) Argumentativo

(23)[...] los principales problemas pues/ eel- el básico// desde que prohibieron pegar el cachete/ la falta de educación// ¿me **comprende**?/ y falta de ideas/ si ahora- si

los padres ya dee/ hablo- mis hijos mismo que ya con treinta y siete o treinta y ocho años// ¿eh?// llega a los chiquillos y le compran doscientos juguetes// ¿me **comprende?**/ el chiquillo no piensa na(da) más que en jugar/ ¿eh?/ *es quee al chiquillo no se le puede pegar uun cachete porquee- porquee ha tira(d)o una pedrá(da)/ pues si no le **pegas un cha-** cachete ahora después noo- no le **podrás decir nada**/ y ese es el problema que veo yo cara la juventud (os principais problemas pois/ oo- o básico// desde que proibiram dar palmadas/ a falta de educação// me **entende?**/ a falta de ideias/ se agora- se os pais já dee/ falo- meus filhos mesmo que já com trinta e sete ou trinta e oito anos// eh?// você chega às crianças e lhes compram duzentos brinquedos// me **entende?** o menino não pensa em outra coisa a não ser em jogar/ né?/ *é que não se pode dar umas palmadas na criança porquee- porquee a jogado uma pedra/ pois se não lhe **das uma pal-** palmada agora depois nãoo- não **poderás dizer-lhe nada**/ e esse é o problema que eu vejo diante da juventude)**

(ENTREVISTA 02 – VAL00213HB01)

e) Dialogal

(24)[...] se dijeron *mira si **tienes otro hijo** y no lo **puedes**/ criar y **tú** no lo **puedes** criar/ me lo criaré yo/ (se disseram *olha se **tens outro filho** e não o **podes**/ criar e tu não **podes** criá-lo/ eu o criarei)**

(ENTREVISTA 24 – VAL024333MB00)

4.4.2.3.2 complexidade do assunto

Ao admitir que o marcador de opinião *acho (que)* e de percepção *parece (que)* competiam para expressar a mesma função semântico-discursiva de dúvida na fala de Florianópolis, Freitag (2003) testou essa variável quando analisou os condicionadores sociais e linguísticos. A partir dos temas tratados na entrevista, a autora considerou que determinados assuntos eram genericamente mais complexos para o informante, como: política e economia, saúde e droga etc. Por outro lado, era possível que fossem genericamente menos complexos temas como: lazer, infância, trabalho etc.

O programa estatístico, utilizado pela pesquisadora, apontou essa variável como significativa, atribuindo (74%) de uso do marcador de dúvida em temas menos complexos e, quando mais complexos, a forma *parece* foi mais utilizada com peso relativo de 0.61. Na visão de Freitag (2003), avaliar a complexidade temática em *mais complexo* e *menos complexo* é uma tarefa delicada, no entanto, controlaremos o núcleo temático abordado nos estilos discursivos a fim de se verificar se há alguma correlação com o tipo de assunto abordado e a forma pronominal utilizada. Para isso, adotaremos o refinamento desenhado por Freitag (2003), estabelecendo os seguintes fatores:

a) Assuntos mais complexos

(25)[...] ¡**oiga!** mientras han esta(d)o en mi casa/ mientras han esta(d)o en mi casa/ ¿eh?/ mi hijo yoo lo veo en la televisión que ha esta(d)o haciendo caballitos/ con cascos y tal/ y no le digo nada porque no me parece bien/ pero ¡vamos! a los veinte años se hacen esas tonterías/ ¿me **comprende?**/ a los veinte o veinticinco/

peroo/ lo que ¿sin casco?/ el mío no/ yo le quemo la moto (**olhe!** enquanto estiverem em minha casa/ enquanto estiverem em minha casa/ meu filho eu o vejo na televisão que esteve fazendo acrobacias com a moto/ com capacete e tal/ e não lhe digo nada porque não vejo bem/ mas claro! aos vinte anos eles fazem essas estupidezes/ me **entende?** aos vinte ou vinte e cinco/ mass/ o que sem capacete?/ o meu não/ eu queimo-lhe a moto)

(ENTREVISTA 02 – VAL00213HB01)

b) Assuntos menos complexos

(26) espaguetis aa/ la carbonara/ pues **cueces** los espaguetis/ mientras tanto **cortas** el champiñón a trocitos// ee/ **fries** el champiñón/ luego **echas** el beicon porque tarda menos en freírse que el champiñón// le **pones** la nata por encima// y luego toda esa mezcla se la **pones** a los espaguetis ya hechos y/ limpios/ y ya está (espaguetes àà/ à carbonara/ pois **cozinhas** os espaguetes/ enquanto isso **cortas** o cogumelo em pedacinhos// ee/ **fritas** o cogumelo// em seguida **colocas** o bacon porque demora menos a fritar que o cogumelo// **colocas** a nata por cima// e em seguida toda essa mescla **colóca**-la nos espaguetes já feitos e/ limpos/ e pronto)

(ENTREVISTA 24 – VAL02411MB06)

Em nossa pesquisa, consideramos *assuntos mais complexos*, por exemplo, temas como: problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, segurança, insegurança cidadã. Por outro lado, estabelecemos como *assuntos menos complexos* os seguintes temas: infância, escola, primeira comunhão, jogos, festas daquela época, férias passadas, como conheceu o(a) companheiro(a), a casa, o bairro, o domicílio anteriores, o lugar de veraneio, as reformas na moradia. Portanto, defendemos que o falante fará o uso da variante *usted*, quando este trate de assuntos considerados *mais complexos* (exemplo 25). Havendo a necessidade de se posicionar sobre um tema, muitas vezes não experienciado, acreditamos que haverá um maior monitoramento da fala. Por outro lado, ponderamos que *tú* será predominante quando houver maior familiaridade com o tema, sendo, portanto, assuntos *menos complexos* (exemplo 26).

4.4.2.3.3 relação de proximidade entre os interlocutores

É fato que a teoria sustentada por Brown e Gilman (1960) de uma mudança em progresso na forma de tratamento tem sido evidenciada em vários estudos variacionistas. Amorín, Almeida e Rodríguez (2010) estudaram a variação e mudança no sistema pronominal de tratamento no espanhol das Ilhas Canarias e observaram uma mudança nas relações assimétricas em direção a relações mais simétricas. Esse estudo foi realizado em três âmbitos sociolinguísticos, a saber: familiar, de trabalho e social ou público. Em todos os âmbitos ficou evidente que as relações de *Poder tú – usted / usted – tú* progrediam para relações de *Solidariedade usted – usted / tú – tú*. Objetivando comprovar essa mudança no espanhol de

Valência, propomos o controle de uma variável complexa para verificarmos se o grau de proximidade entre os interlocutores condiciona as formas *tú* e *usted*.

Valle e Görski (2016, p. 39) chamam a atenção para a possibilidade de os interlocutores possuírem um maior vínculo, na entrevista, quando esses possuem o mesmo sexo, idade e grau de escolaridade próximos. Desse modo, para conceber essa variável, adaptamos o instrumental de análise elaborado por essas autoras, considerando, assim como essas, os seguintes critérios para medir o grau de proximidade entre o entrevistador e o entrevistado(a): *simetria de idade*, *simetria de sexo* e *simetria de escolaridade*.

Para cada critério arrolados acima, estabelecemos dois níveis de proximidade e, para cada nível, atribuímos uma pontuação a partir da qual indicamos haver uma maior ou menor proximidade entre entrevistador e entrevistado. Desse modo, determinamos o valor de (0,5) quando houvesse uma maior proximidade, entre esses indivíduos, nos critérios supra, e (0) quando a proximidade fosse menor. É a partir do somatório desses valores que construímos a variável em questão. Observemos o quadro a seguir para uma melhor compreensão:

Quadro 11 – Pontuação dos critérios para construção da variável *relação de proximidade entre os interlocutores*

Simetria de idade	
0,5 -	Entrevistado pertencente à mesma faixa etária do entrevistador
0 -	Entrevistado de faixa etária diferente
Simetria de Escolaridade	
0,5 -	Entrevistado pertencente ao mesmo nível de escolaridade do entrevistador
0 -	Entrevistado com nível de escolaridade diferente ao do entrevistador
Simetria de sexo	
0,5 -	Interlocutores com mesmo sexo
0 -	Interlocutores com sexo diferente

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

O resultado da somatória desses critérios varia de 0 a 1,5 pontos. Assim, tais valores foram transformados em fatores que nos ajudarão a controlar a variável mencionada.

São eles: *distanciamento*, quando o valor após a somatória tenha sido (0 – 0,5); *proximidade intermediária*, quando os valores somados chegassem a (1,0) e *proximidade alta*, com (1,5) de pontuação. No exemplo (27), abaixo, o entrevistado não pertence a mesma faixa etária, nem ao mesmo nível de escolaridade que o entrevistador, aproximando-se, apenas, no critério sexo, pois são ambos do sexo masculino. Desse modo, a pontuação atribuída a esse entrevistado foi apenas de 0,5, classificando-se, assim, como uma relação de *distanciamento* com o entrevistador, segundo o instrumental de análise acima descrito. Em (28), o entrevistado distancia-se no critério escolaridade, mas possui o mesmo sexo e encontra-se na mesma faixa etária que o entrevistador, estabelecendo-se, portanto, uma *proximidade intermediária* com (1,0) de pontuação. Já em (29), entrevistador e entrevistado estão no mesmo nível de escolaridade, idade e sexo. Esse indivíduo, obtém, assim, 1,5 no somatório final e enquadrando-se em uma relação de *proximidade alta* com o entrevistador. Isso posto, assim como as autoras supramencionadas, hipotetizamos que os contextos de maior proximidade entre os interlocutores sejam favorecedores da variante *tú* em detrimento de *usted*, pressupondo que esta última é mais esperada em contextos em que há uma assimetria nas relações.

a) Distanciamento

(27)[...] pero yo cogí al alcalde y digo/ bueno/ señor alcalde// que era un tal don/ mm Salvador Grancha// en la República/ señor alcalde/ ¡bueno!!! ya está todo claro/ ¿no pasa nada?/ ¿no es ...?// nada// bueno pues/ ahora devuélvale **usted** el revólver a mi padre// ¿cómo voy a devolver el revólver yo y tal?/ mi padre/ calla tal/ no/ ¡usted es un ladrón!/ **usted** me ha roba(d)o el revólver a mí/ y el revólver es de mi padre y **usted** se lo tiene que devolver// bien así pasó la cosa/ pero// nada más (mais eu peguei o prefeito e digo/ bom/ senhor prefeito// que era um tal de Salvador Grancha// na República/ senhor prefeito/ bom!!! já está tudo claro/ tudo bem?/ não é ...?// então// bom pois/ agora **você** devolva-lhe o revólver ao meu pai// como eu vou devolver o revólver e tal?/ meu pai/ cala tal/ não/ **você** é um ladrão!/ **você** me roubou o revólver/ e o revólver é do meu pai e **você** tem de devolvê-lo// bem assim aconteceu/ mas// nada mais)

(ENTREVISTA 05 – VAL00513HB01)

b) Proximidade intermediária

(28)[...] no **puedes** emplear dos horas aa cuatro mil pesetas la hora/ si la pieza nueva vale nueve mil// aunque le cueste un poco más/ se le pone una pieza nueva que siempre es nueva/ no **tienes** que andar reparándosela/ (não **podes** empregar duas horas aa quatro mil pesetas a hora/ se a peça nova vale mil// ainda que lhe custe um pouco mais/ põe-lhe uma peça nova que sempre é nova/ não **tens** que andar concertando-a/)

(ENTREVISTA 09 – VAL00912HC02)

c) Proximidade alta

(29)[...] me gustaría criar animales// y hacer bien a los demás/ o sea/ pero para hacer bien a los demás primero **tienes** que ofrecerte/ y después tener POSIBILIDADES/ claro/ si no **tienes** tampoco **puedes** hacer mucho (eu gostaria de criar animais// e fazer bem aos demais/ ou seja/ mas para fazer bem aos demais primeiro **tens** que

oferecer-te/ e depois ter POSIBILIDADES/ claro/ se não **tens** também não **podes** fazer muito)

(ENTREVISTA 15 – VAL01532HB99)

4.5 O tratamento estatístico

Além dos supramencionados métodos de Abordagem e de Procedimento, Marconi e Lakatos (2011) afirmam que as pesquisas científicas, também, podem ser de dois tipos, isto é, quantitativas ou qualitativas. Esses métodos diferem entre si. Na análise dos dados, o método quantitativo emprega instrumentos estatísticos e, segundo Gil (2002, p. 133), segue passos mais simples e é mais formal que o método qualitativo. Esse último, conforme esse autor, “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que norteiam a investigação”. Destarte, esta pesquisa é de natureza mista, ou seja, quantitativa e qualitativa. Isso se justifica porque faremos uso de programa estatístico, pois a variação linguística não pode ser descrita apenas em termos qualitativos (GUY e ZILLES, 2007). Além disso, conforme Scherre e Naro (2015, p. 176), para que possamos entender a variação sistemática, precisamos recorrer à estatística, pois o seu objetivo é “revelar tendências e correlações inerentes na massa de dados linguísticos, e validá-las, dentro de um determinado grau de certeza.”.

Para proceder com o levantamento dos dados estatísticos, serão selecionados os trechos nos quais identificamos a ocorrência das formas de tratamentos *tú* e *usted* nas entrevistas elencadas. Convém lembrarmos que consideraremos o paradigma verbal³⁰ dessas formas em virtude de o espanhol, ao contrário do português, ser uma língua que tende a não marcação das formas pronominais do caso reto, como podemos observar na *Gramática Comunicativa del Español* de Matte Bon (2008, p. 246, tradução nossa): “Diferente do que ocorre em outras línguas, o pronome sujeito em espanhol nem sempre vem explicitamente no contexto”.³¹ Como mencionado anteriormente, o gramático explica que o verbo já contém as marcas pessoais que nos permitem identificar a referência pessoal, mas que há casos cujo pronome pessoal é imprescindível para uma correta compreensão.

Após a coleta, os dados encontrados serão categorizados de acordo com os fatores elencados acima e passarão por uma análise estatística. A etapa de rodagem dos dados será realizada através da utilização do software GOLDVARB (2005), do conjunto de programas

³⁰ As desinências número-pessoais, de todos os tempos verbais, das pessoas gramaticais *tú* e *usted*.

³¹ “A diferencia de lo que ocurre en otras lenguas, el pronombre sujeto en español no está siempre expresado explícitamente en el contexto” (MATTE BON, 2008, p. 246).

computacionais VARBRUL, do inglês, *Variable Rules Analysis*. Essa ferramenta é bastante exitosa nos estudos variacionistas porque foi desenhada, segundo Guy e Zilles (2007), para lidar com dados de variação sociolinguística e realizar uma análise multivariada. Esse tipo de análise permite testar a influência de uma variável independente ao mesmo tempo em que se controlam outras variáveis, pois esse *software* assume a ideia de que o fenômeno linguístico sofre pressão simultânea de diversas variáveis independentes. Dessa forma, afasta-se a possibilidade de resultados incorretos como pode ocorrer em uma análise univariada realizada a partir de outros métodos de análise quantitativa.

Esse pacote estatístico foi desenvolvido em parceria pelo Departamento de Linguística da Universidade de Toronto e pelo Departamento de Matemática da Universidade de Ottawa (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) e permite calcular a frequência e o peso relativo das variáveis independentes que incidem na variável dependente e, dessa forma, põe em evidência para o pesquisador a influência de cada fator nas variantes estudadas.

A frequência delinea os padrões de variação e mudança, mas é o peso relativo que tem papel de destaque nessa tarefa. Esta medida probabilística, nos termos de Coelho *et al.*, (2010) calcula o peso que um fator tem ao condicionar uma determinada variante. O termo “relativo”, segundo a autora, é assim determinado porque o peso de um fator só tem significado quando relacionado com o peso dos outros fatores que participam nas rodadas estatísticas. Para chegarmos a conclusões sobre o condicionamento das variáveis independentes sobre a aplicação da regra variável, é preciso que interpretemos os valores atribuídos àquelas em seu peso relativo. Esse, por seu turno, é estabelecido em uma escala que vai de 0.0 a 1.0. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 239), quando o valor atribuído a um fator é 0.0, isso significa que a variante selecionada nunca acontece em sua presença. Por outro lado, quando esse valor é 1.0, a variante elencada como “aplicação de regra” sempre ocorre quando esse fator está presente. Importa dizer que, quanto mais próximo de 1.0 é o peso relativo de um fator, maior é a sua influência na ocorrência de uma variante. Em sentido oposto, quanto mais o peso relativo de um fator se aproxima de 0.0, menor é a sua influência sobre a aplicação da regra. Valores que se aproximam de 0.5 são denominados de *ponto neutro*. Coelho *et al.* (2010, p. 140) asseveram que pesos relativos dessa natureza exercem pouco efeito sobre a regra variável.

Posterior à análise quantitativa dos dados, procederemos com uma análise qualitativa através do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

4.6 Súmula do capítulo

Neste capítulo, apresentamos o conjunto de procedimentos metodológicos que nortearam o nosso fazer científico. Inicialmente, especificamos a natureza da pesquisa, apresentamos o método de abordagem, os objetivos, os procedimentos técnicos, a amostra e o universo da pesquisa. Igualmente, explicitamos como se deu a coleta de dados e caracterizamos o envelope de variação, expondo, desse modo, a variável dependente e o conjunto de grupos de fatores que acreditamos influenciar na alternância do uso de *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência. Finalmente, descrevemos o tratamento estatístico realizado através do software GOLDVARB (2005), utilizado na etapa de rodagem dos dados.

No capítulo subsequente, daremos início à análise dos dados obtidos nas rodagens estatísticas e às discussões oriundas dos resultados. A partir da análise multivariada, oportunizada pelo programa supra, testaremos a influências das variáveis independentes sobre a variável dependente, verificando quais delas favorecem o uso de uma ou outra variante.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, realizaremos a análise e discussão dos resultados sobre as formas pronominais de tratamento *tú* e *usted*, na função de sujeito oracional, oriundas do *corpus* PRESEVAL descrito no capítulo anterior. Após um breve resgate sobre a amostra analisada, procederemos à apresentação do número de ocorrências obtidas nas entrevistas selecionadas e ao que os dados, resultantes das rodadas proporcionadas pelo *software* GOLDVARB, revelaram-nos quanto à variação entre as formas supra. Ademais, analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas como mais significativas pelo programa estatístico e, tomando como base o aporte teórico selecionado para esta pesquisa e as discussões dos trabalhos variacionistas apontados e/ou resenhados em capítulos anteriores, apresentaremos possíveis justificativas para os resultados aos quais chegamos. No que se refere à variável que não se mostrou significativa para a variação abordada, decidimos analisá-la, visto que, para além de números estatísticos, essa apresentou dados linguísticos relevantes e merecedores de reflexão e discussão.

5.1 Amostra e quantitativo de ocorrências

A amostra analisada constituiu-se de 36 entrevistas, conforme mencionado na metodologia, provenientes do *corpus* PRESEVAL (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia*). Os inquiridos selecionados foram adaptados e distribuídos considerando as seguintes variáveis: *sexo*: (**m** – masculino e **f** – feminino); *idade* (faixa etária **1** – de 20 a 34, faixa etária **2** – de 35 a 54 e faixa etária **3** acima de 55) e *escolaridade*: nível baixo (**b**) e nível alto (**a**).

Ao realizarmos as rodadas estatísticas, estabelecemos como *regra de aplicação* a forma pronominal de tratamento *tú*. Isso se justifica pelo posicionamento que adotamos para esta pesquisa que se alinha ao evidenciado por vários autores, como Carricaburro (1997), sobre o avanço da supracitada forma em âmbitos em que, outrora, predominava o uso de *usted*. De modo análogo, essa perspectiva metodológica pauta-se nos resultados de pesquisas no domínio peninsular de fala hispânica, algumas dessas abordadas anteriormente, que atestam, igualmente, o uso estendido de *tú* em detrimento do tratamento *usted*. Seguindo a Györy e Komlódi (1996), a tendência do uso dessa forma se dava em situações tidas como geral e, aquela, em situações particulares. No entanto, na contemporaneidade, esses polos

inverteram-se e o *tuteo* se apresenta como de uso geral e a forma *usted* de uso particular.

Após uma análise atenciosa da amostra, coletamos um total de 1.286 ocorrências de formas pronominais de tratamento de segunda pessoa *tú* e *usted*, em posição de sujeito. Reiteramos que consideramos manifestações explícitas e implícitas dessas formas, conforme justificativas expressas na seção relativa aos procedimentos metodológicos. Desse quantitativo, 1.185 dados (92.1%) foram de *tú* e 101 (7.9%) usos da forma de tratamento *usted*, na posição pretendida. Com base nesses dados iniciais, podemos afirmar que há, claramente, um propenso uso de *tú* frente a *usted* na comunidade de fala valenciana. Observemos a tabela resumitiva desses percentuais:

Tabela 01 - Frequência da ocorrência de formas pronominais de tratamento de segunda pessoa no espanhol oral da cidade de Valência, Espanha.

Formas de tratamento de segunda pessoa	Frequência	Total dos dados
TÚ	92.1%	1.185
USTED	7.9%	101
	Total de dados	1.286

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

É imperioso ressaltar que, no que concerne à variação entre as formas de tratamento aqui estudadas, as afirmações que realizaremos ao longo de nossa análise – pautadas nos percentuais e pesos relativos obtidos nas rodadas estatísticas – tratam-se de tendências de uso que apontam para uma possível mudança em curso na comunidade de fala valenciana. Conforme veremos adiante, para constatarmos um processo de mudança linguística, faz-se necessário pesquisas com técnicas metodológicas distintas das usadas neste trabalho.

Silva-Corvalán e Enrique Arias (2017), por citar um exemplo de uma possível mudança em curso, mencionam o fenômeno de elisão de /b/ no espanhol de Santiago de Chile. Uma das variantes é /b/ zero fonético em posição intervocálica. Ao analisar a fala de 32 informantes estratificados a partir do sexo, idade e escolaridade – essa última em dois grupos (A – três anos de escola e B, doze ou mais anos de escola) –, os dados revelaram que a variante padrão era mais frequente no grupo de baixo nível educacional. No entanto, a variante zero fonético foi mais frequente nos adolescentes e adultos do grupo A e, no grupo B, foi maior nos adolescentes.

Os autores revelam não possuírem dados quantitativos que lhes permitam estabelecer a história da variante zero fonético, para o qual seria necessário um estudo de caráter diacrônico. Desse modo, não é possível confirmar uma mudança em curso nessa comunidade. As asserções realizadas ficam no campo das probabilidades. Para Silva-Corvalán e Enrique

Arias (2017), a elisão de /b/ não parece estar firmemente relacionado com um grupo de menor prestígio social, o que possibilita que esse fenômeno continue progredindo entre os falantes do grupo B. Ainda assim:

[...] não é possível prever o futuro desse fenômeno. Existem varias possibilidades: a variação pode permanecer estável; a elisão pode seguir aumentando na comunidade; ou pode transformar-se (ou já ser) uma característica de identificação de grupo, neste caso por idade. (SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017, p. 273, tradução nossa)³².

De todo modo, ainda que permaneçamos no campo das possibilidades quanto a uma mudança no uso das formas *tú* e *usted* na comunidade de fala valenciana, o percentual de emprego da variante *tú* (92.1%) foi bastante significativo e nos permite estabelecer algumas ponderações quanto aos padrões de uso dessas formas de tratamento, nessa comunidade. De modo geral, esses resultados confirmam a nossa expectativa inicial sobre o avanço do *tuteo* na comunidade estudada; tendência essa evidenciada por um número considerável de trabalhos que lidam com a variação pronominal em outras variedades do espanhol.

Esse resultado geral se aproxima ao obtido por Aijón Oliva (2009), o qual revela que, na hora de produzir um texto publicitário, a preferência dos meios midiáticos salmantinos é pelo uso da forma *tú* (63%). A forma *usted*, por sua vez, tem uma frequência de (37%) e é utilizada em situações em que, segundo o autor, há um interesse em transmitir um significado particular por meio dessa variante. Um aspecto curioso e que nos chama a atenção o próprio pesquisador é o uso predominante de *tú*, forma tida como mais informal, em textos, em princípio, formais. Além disso, Aijón Oliva (2009) acrescenta que são textos que possuem um caráter mais público e são direcionados, em sua maioria, a um público adulto. O autor recorre às características da publicidade e assevera que a intenção do publicitário é a de criar uma empatia com o público-alvo. Isso, muitas vezes, possibilita uma familiaridade e pode explicar o uso do *tuteo* nesse contexto. Ademais, conforme o autor, como o texto publicitário tem caráter coletivo, um indivíduo em concreto não poderia ofender-se pelo uso da forma *tú*, pois é consciente que o texto não é direcionado especificamente para ele, mas para um público mais amplo e heterogêneo.

Isso posto, seguimos com as seções nas quais serão apresentados e analisados os grupos de fatores que foram estatisticamente significativos, bem como aquele que não apresentou significância para a regra de aplicação retrocitada.

³² “[...] no es posible predecir el futuro de este fenómeno. Hay varias posibilidades: la variación puede permanecer estable; la elisión puede seguir aumentando en la comunidad; o puede transformarse (o ser ya) un rasgo de identificación de grupo, en este caso por edad.” (SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017, p. 273).

5.2 Variáveis estatisticamente significativas

Após o tratamento estatístico, obtivemos um total de 46 rodadas do tipo *step-up*. Dentre essas, a melhor rodada foi a de número 45, apresentando os seguintes valores: *Input* 0.984, *Log likelihood* -221.956 e significância 0.050. Dos nove grupos de fatores elencados como possíveis condicionadores do fenômeno variável com o qual trabalhamos, o programa GOLDVARB (2005) selecionou como significativos os grupos: *tipo de referente*, *faixa etária*, *complexidade do assunto*, *estilo discursivo*, *tipo de discurso*, *relação de proximidade entre os interlocutores*, *tipo de frase* e *escolaridade*, respectivamente. No entanto, apesar da ordem estabelecida pelo programa estatístico, procederemos, inicialmente, à análise e discussão relativas às variáveis linguísticas e, em seguida, deter-nos-emos nas variáveis sociais e estilísticas. Ressaltamos que, quando necessário, apresentaremos os cruzamentos estatísticos que nos ajudaram a explicar alguns resultados que não se alinharam as nossas hipóteses iniciais para algumas variáveis. O referido programa, apesar de realizar uma rodada multivariada, possibilita, ao pesquisador, rodar separadamente os grupos de fatores a partir do recurso *Cross tabulation*, no qual são cruzados os dados de, no máximo, duas variáveis independentes. Por último, abordaremos, em seção à parte, a variável descartada como significativa pelo referido programa, a saber, *sexo*, a fim de observarmos o comportamento das formas de tratamento *tú* e *usted* nesse contexto.

5.2.1 Grupos de fatores linguísticos

Consoante ao que aludimos anteriormente, após as rodadas estatísticas, as variáveis linguísticas selecionadas foram as que expomos e discutimos em seguida.

5.2.1.1 Tipo de referente

A variável *tipo de referente*, qual seja o seu delineamento ao ser controlada, tem se mostrado relevante em estudos sociolinguísticos que lidam com a variação pronominal. No português brasileiro, por exemplo, essa variável tem condicionado fortemente a variação entre as formas de tratamento nas cidades de Concórdia – Santa Catarina, Fortaleza - Ceará e Cameté - Pará, conforme evidenciam os trabalhos de Franceschini (2011), Guimarães (2014) e Costa (2016), respectivamente. No espanhol, Lu (1997) constata que a referência do sujeito

exerce influência na variação presença/ausência do pronome pessoal. Desse modo, decidimos controlar essa variável a fim de investigarmos o seu comportamento na presença das variáveis dependentes com as quais trabalhamos.

Como explicitado em nossa metodologia, analisamos as referências específicas ou não, ou seja, referente *determinado* ou *indeterminado*. Assim como os trabalhos ressaltados anteriormente, essa variável mostrou-se estatisticamente relevante para a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*, nos indivíduos valencianos, com significativo uso da variante inovadora em contextos de indeterminação.

Cumpramos ressaltar que as estratégias de indefinição pessoal, em espanhol, são tema de profícuos trabalhos na área da linguística. Entre esses, citamos a pesquisa de Bidot Martínez (2008), que analisa, nas províncias de Santiago de Cuba e Guantánamo, o uso da segunda pessoa do singular como desfocalizador da dêixis pessoal. No corpus analisado, a autora encontrou 415 verbos em segunda pessoa do singular; desse total, 338 foram de usos não referenciais (81.44%) e 77 de usos referenciais (18.55%), sendo a forma *tú* a mais utilizada nesses dois contextos. Os dados revelam a extensão desse fenômeno nas províncias estudadas e, segundo as proposições da autora, ele estende-se a todo o território onde o espanhol é língua oficial. Esses resultados assemelham-se aos que obtivemos para a variável *tipo de referente*, após as rodadas estatísticas. Vejamo-los:

Tabela 02 – Atuação do grupo de fatores *tipo de referente* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Indeterminado	843/855	98.6	0.740
Determinado	342/431	79.4	0.111

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Como podemos observar, a atuação dessa variável foi bastante significativa para a *regra de aplicação* utilizada. De fato, o tipo de referente ocupa o primeiro lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa GOLDVARB (2005). Conforme os pesos relativos apresentados na tabela acima, verificamos que o uso da variante *tú* é bem mais expressivo quando o referente é *indeterminado* (0.740). Por outro lado, o peso relativo de (0.111) nos indica que o uso dessa forma não é favorecido quando o referente é *determinado*. Esses resultados se alinham a nossa expectativa inicial, pois ponderamos que, ao fazer referência de forma indeterminada, os falantes estariam propensos ao uso de *tú*. Conseqüentemente, nos contextos com referente determinado, *usted* seria a forma privilegiada ou por obedecer à semântica do *poder* de Brown e Gilman (1960), ou por constituir um tipo de relação simétrica,

porém não solidária, ou seja, *usted-usted*. O exemplo (30) ilustra a relação em que ambos os interlocutores se tratam por essa forma de tratamento.

É curioso notar as características desse informante: mais velho (*faixa etária 3*) e pertencente ao nível de escolaridade alta. Analisaremos mais adiante essas outras variáveis, no entanto, a priori, parece-nos que os informantes mais velhos, selecionados em nossa amostra, são mais propensos ao uso de *usted*, o que vai ao encontro da hipótese clássica de que os mais velhos da classe média alta tendem a conservar as formas linguísticas de prestígio mais antigas e que foram consolidadas mais cedo ao se desenvolverem (LABOV, 2008 [1972]).

Sobre o uso predominante de *tú* com referente *indeterminado*, acreditamos que, de fato, quando os falantes não têm de se reportar a algum interlocutor específico, recorrem, sem necessariamente ter consciência disso, ao uso do *tuteo* pela extensão desse fenômeno na comunidade de fala. Isso se alinha ao que preconizam autores como Hidalgo Navarro (1996) e Seco (1989) sobre a frequência de uso dessa variante com aspecto de indeterminação. Em seguida, podemos apreciar alguns exemplos desses usos:

(30) sí/ yo le hago una paella un día que **quiera** (sim/ eu lhe faço uma paella um dia que **queira**)

(ENTREVISTA 21 – VAL02133HB00)

(31) no no no (risas)/ hombre yo te digo sinceramente que yo no me creo mucho lo que me dicen/ además es que lo cue- mm/ te lo he dicho a ti/ pero yo por ahí no digo que me dicen eso/ no y además/ es que nos tienen que dar una- un folleto de cómo tenemos que ir vestidos y todo/ porque depende de como **vayas** vestido/ **apruebas** o no **apruebas** (não não não (risas)/ homem eu te digo sinceramente que eu não acredito muito no que me dizem/ além disso é que o con- mm/ te disse/ mas eu não digo por aí que me dizem isso/ não e além disso/ é que têm que dar-nos uma- um folheto de como temos que ir vestidos e tudo/ porque depende de como **vais** vestido/ **aprovas** ou não **aprovas**)

(ENTREVISTA 18 – VAL01831MC99)

No exemplo (30), ao ser interpelado sobre se sabia preparar algum prato de comida, o entrevistado responde afirmativamente ao entrevistador e diz que lhe prepararia, se esse quisesse, uma paella, prato típico espanhol. Nesse trecho, um caso de referência determinada, podemos observar o uso implícito da variante *usted*. No exemplo seguinte (31), ainda que a informante utilize a forma inovadora *tú* no tratamento com o entrevistador – conforme constatamos através das marcas de segunda pessoa singular no trecho “te lo he dicho a ti” – percebemos, claramente, que o uso implícito da variante *tú*, nos exemplos em negrito, não remete a uma referência específica, no caso, ao entrevistador. A entrevistada fala sobre as crenças que giram em torno à prova didática de concursos públicos para o magistério e de

como a vestimenta, segundo ela, influencia no resultado final do candidato. Devido ao fato de o entrevistador ter dito, em falas anteriores, que já passou por muitos concursos públicos e que presidiu bancas avaliadoras, constatamos, obviamente, que a informante, em sua fala, não se refere diretamente a ele, mas a todos aqueles que prestam concurso público para o magistério.

Guimarães (2014), assim como Franceschini (2011), cujo trabalho tecemos comentários em momentos anteriores, analisou, dentre outras formas, os pronomes *tu* e *você* no português brasileiro. Os dados de sua pesquisa evidenciaram que os falantes fortalezenses utilizam mais a forma *tu* com referência específica (0.529) e, por outro lado, a referência genérica desfavorece o seu uso conforme peso relativo de (0.110). Em Costa (2016), não foi diferente. A partir de seus resultados, a autora infere que a forma *tu*, em Cametá – PA, é favorecida quando a referência é direcionada a um interlocutor específico na interação (0,849 com *referência indireta/específica a um indivíduo* e 0,688 com *referência direta/específica a um indivíduo*) e desfavorecida com referência genérica. Vale ressaltar que, análogo ao uso feito em Concórdia – SC, essa forma é tida como mais conservadora³³ tanto em Fortaleza – CE como em Cametá – PA, frente à forma inovadora *você*. Isso parece indicar que a referência indeterminada condiciona o uso de formas inovadoras em línguas românicas como o português e o espanhol³⁴ e, em outro extremo, formas conservadoras são mais favorecidas com referentes específicos.

Lu (1997), ao estudar a presença/omissão do sujeito em espanhol e em chinês, controlou a variável *referência do sujeito* e, conforme dito anteriormente, ela mostrou-se significativa para o referido fenômeno. Apesar desse grupo de fatores ser refinado de maneira distinta à forma como a refinamos e utilizar um *corpus* escrito, diferentemente do nosso, que optamos por uma amostra oral, decidimos mencioná-lo em nosso estudo. Primeiro pela já citada importância da referenciação como variável de controle e, segundo, pela dificuldade de encontrar estudos variacionistas, em espanhol, que considerassem essa variável independente.

Em um primeiro momento, o supramencionado pesquisador rodou 124 dados, do espanhol, no programa VARBRUL, extraídos do relato *El libro de arena* de Jorge Luis Borges. Os resultados de Lu (1997) mostraram que a variável *referência do sujeito*, refinada em *referência correferencial com o sujeito na oração anterior e mudança de referência*,

³³ A nossa afirmação quanto ao conservadorismo da forma *tu* nas cidades de Concórdia – SC e Cametá - PA baseia-se na própria afirmação das autoras e, em Fortaleza, utilizamos como base a dissertação de Sales (2004).

³⁴ Lembremos que, na literatura especializada, *tú* é identificada como forma inovadora e *usted*, forma conservadora.

prefere a omissão do sujeito com o primeiro fator (98%). Em um segundo momento, o autor rodou 500 dados obtidos do primeiro ato da obra de teatro *La señorita de Trevez* de Carlos Arniches, no programa Proc Catmod de SAS 6.0, ampliando os fatores da variável *referência do sujeito* (*sujeito correferencial com o sujeito na oração anterior*, *sujeito correferencial com o objeto indireto na oração anterior* e *mudança de referência*). De modo análogo ao outro programa, os resultados revelaram que o espanhol prefere a omissão do sujeito nos casos em que o referente é o mesmo da oração anterior (74.5%).

Retomando os nossos resultados, objetivando avaliarmos melhor o comportamento das variantes *tú* e *usted* na presença do grupo de fatores *tipo de referente*, decidimos cruzar essa variável com as variáveis sociais. Em relação à variável *sexo* (tabela 5), na porcentagem geral, a forma *tú* é favorecida nos contextos de indeterminação (99%) e, por outro lado, *usted* tem um pouco mais de frequência quando o referente é *determinado* (21%). As mulheres usam menos essa variante com referente *indeterminado*. Registrou-se apenas uma ocorrência de *usted*, nesse contexto. Por outro lado, elas lideram o uso de *tú* com referente *indeterminado* (100%), frente aos homens que tiveram um percentual de (97%) de uso dessa variante. Ademais, o sexo feminino encontra-se um pouco à frente do sexo masculino no uso de *tú* com o tipo de referente *determinado*, elas com (82%) e eles com (76%).

Tabela 03 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de referente* e *sexo*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Determinado	Feminino	213	82	48	18
	Masculino	129	76	41	24
Indeterminado	Feminino	469	100	1	0
	Masculino	374	97	11	3

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Para a variável *faixa etária* (tabela 6), ao observarmos as porcentagens gerais, o uso de *tú* se sobrepõe a de *usted* tanto com referente *indeterminado* (99%) como com o referente *determinado* (79%). Não houve uma disparidade significativa entre as faixas etárias quando o referente é genérico, ou seja, *indeterminado*. A *faixa etária 1* (20 a 34 anos) usa mais *tú* (99%) e também as *faixas etárias 2 e 3* (35 a 54 anos e acima de 55, respectivamente), ambos com (98%) de uso. A variante *usted*, seguindo o comportamento que vimos comentando, teve mais incidência com referente *determinado*, principalmente na *faixa etária 3* (37%) e diminuindo a frequência de acordo com as faixas etárias (13% para a *faixa etária 2* e 4% na *faixa etária 1*).

Tabela 04 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de referente* e *faixa etária*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Determinado	Faixa etária 1 (20 a 34 anos)	107	96	5	4
	Faixa etária 2 (35 a 54 anos)	125	87	19	13
	Faixa etária 3 (Acima de 55)	110	63	65	37
Indeterminado	Faixa etária 1 (20 a 34 anos)	374	99	2	1
	Faixa etária 2 (35 a 54 anos)	204	98	5	2
	Faixa etária 3 (Acima de 55)	265	98	5	2

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

No cruzamento com a variável social *escolaridade* (tabela 7), o contexto com referente *indeterminado* continua favorecendo a variante *tú* (99%) em detrimento de *usted*. Como na variável anterior, os dois tipos de *escolaridade*, *alta* e *baixa*, tiveram alto uso da variante inovadora frente à conservadora (98% e 99% de uso da forma *tú*, respectivamente). Com referente determinado, ainda que o uso de *usted* seja mais favorecido nesse contexto, *tú* teve porcentagens superiores, (81%) com a *escolaridade alta* e (77%) com a *escolaridade baixa*.

Tabela 05 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de referente* e *escolaridade*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Determinado	Alta	184	81	42	19
	Baixa	158	77	47	23
Indeterminado	Alta	497	98	9	2
	Baixa	346	99	3	1

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Como podemos observar, a indeterminação mediante a variável inovadora, a saber, *tú*, seja de forma explícita ou implícita, predomina em todos os contextos analisados. O que parece evidenciar a preferência dos indivíduos valencianos por esse uso no processo de referenciação pessoal. De acordo com Haverkate (1994, p. 113, tradução nossa), o uso da segunda pessoa do singular do verbo é uma das distintas formas, em espanhol, de “silenciar a identidade dos participantes na interação verbal assertiva.”³⁵. Além disso, de acordo com esse autor, o uso indeterminado da segunda pessoa pode estar atrelado ao desejo dos falantes de criarem uma situação solidária com o seu interlocutor e, no plano gramatical, isso se realiza através do uso da forma de tratamento familiar. Se lembrarmos do estudo de Morín, Almeida e Rodríguez (2010) na cidade de Las Palmas de Gran Canaria, a afirmação de Haverkate

³⁵ “silenciar la identidad de los participantes en la interacción verbal asertiva.” (HAVERKATE, 1994, p. 113).

(1994) parece confirmar-se, pois esses autores, como vimos, evidenciaram uma mudança nas relações assimétricas para relações simétricas com uso majoritário de *tú*, nessa localização.

No corpus analisado, chamou-nos, também, a atenção os inúmeros contextos em que o falante discursava sobre uma experiência pessoal e indeterminava o referente para, ponderamos, indicar que aquela situação é algo vivenciado ou pode ser vivenciado por qualquer pessoa. Observemos, abaixo, um exemplo que ilustra esse tipo de passagem muito recorrente nas entrevistas:

(32) la verdad es que cuando empecé a estudiar iba superperdida/ porque eso que **llegas** y no **conoces** a nadie// tampoco estaba- tenía claro que lo que quería hacer era Farmacia/ (na verdade é que quando comecei a estudar ia superperdida/ porque isso que **chegas** e não **conheces** ninguém)
(ENTREVISTA 06 – VAL00631MB98)

Sobre esse tipo de estratégia operada pelos falantes, Haverkate (1994, p. 117, grifo do autor, tradução nossa) enumera três finalidades. São elas: “Primeiro, ao apresentar a sua própria experiência como problema geral, o falante pode evitar que lhe seja dirigido uma crítica pessoal; faz, pois, uma tentativa de proteger sua imagem positiva. Em segundo lugar, o caráter genérico da asserção serve para começar uma conversa objetiva sobre o problema que afeta o falante em particular. Finalmente, pelo emprego da segunda pessoa do singular – forma de tratamento familiar – o falante manifesta o tipo de cortesia positiva que denominamos de *group solidarity* (solidariedade de grupo).”³⁶.

Finalmente, é interessante notar que os falantes alternam o uso dos pronomes estudados de maneira explícita e implícita. No entanto, a omissão desses pronomes é bastante perceptível ao longo dos inquéritos, sobressaindo-se ao uso marcado dessas formas. Esse aspecto também se mostrou bastante saliente no estudo de Bidot Martínez (2008). A autora comprovou que, nas cidades anteriormente mencionadas, há uma forte tendência ao uso não referencial genérico ou desfocalizador dos pronomes pessoais em posição de sujeito. Do total de 156 casos em que a forma *tú* apareceu nessa posição, 126 (80.56%) correspondiam a um uso não referencial. Em nosso caso, isso parece indicar que a comunidade de fala valenciana prefere a indeterminação do referente via omissão da forma de tratamento. Contudo, como a presença/omissão pronominal trata-se de outro fenômeno variável, deixamos a sua

³⁶ “Primero, al presentar su propia experiencia como problema general, el hablante puede evitar que se le dirija una crítica personal; hace, pues, un intento de proteger su imagen positiva. En segundo lugar, el carácter genérico de la aserción se presta para entablar una conversación objetiva sobre un problema que le afecta al hablante en particular. Finalmente, por el empleo de la segunda persona del singular – forma de tratamiento familiar – el hablante manifiesta el tipo de cortesia positiva que hemos denominado de *group solidarity* (solidaridad de grupo).” (HAVERKATE, 1994, p. 117).

investigação para trabalhos futuros.

5.2.1.2 Tipo de discurso

A capacidade de referir-se a discursos ditos em situações comunicativas anteriores, algo que nos possibilita a linguagem universal humana (COULMAS, 1986 *apud* SAN MARTÍN NÚÑEZ, 2015), tem sido utilizada como um grupo de fatores em muitos estudos sociolinguísticos. Em alguns estudos no português brasileiro, essa variável tem se mostrado significativa para a variação *tu/você* na região sul, como constata Loregian-Penkall (2004).

Em língua espanhola, após uma exaustiva busca por trabalhos variacionistas que controlassem esse tipo de variável, deparamo-nos apenas com pesquisas que abordam a capacidade supra como uma variável dependente, a saber, o *discurso referido*. Esse, segundo San Martín Núñez (2015, p. 75, tradução nossa), “em termos gerais, é um recurso linguístico que permite aos falantes recriar uma situação discursiva, o que se materializa mediante a reprodução dos enunciados proferidos pelas vozes que intervêm na situação evocada e na reconstrução do correspondente contexto de enunciação”³⁷. O autor ainda afirma que os tipos de *discurso referido* mais estudados são os estilos direto e indireto e o discurso narrativizado.

Em sua tese de doutorado, San Martín Núñez (2015) procurou, entre outros fenômenos, determinar a frequência dos seguintes tipos de discurso em 120 entrevistas estratificadas socialmente, na cidade de Santiago do Chile: *discurso direto livre*, *discurso direto com pronome pessoal*, *discurso direto convencional*, *discurso indireto convencional* e *discurso indireto narrativizado*. O autor constatou uma predominância do discurso direto (70.6%) frente ao discurso indireto (29.4%). As mulheres usaram bem mais o discurso direto (73.1%), com predominância do *discurso direto convencional*. A idade dos informantes também foi significativa, mostrando predominância do *discurso direto com pronome pessoal* na fala dos indivíduos com 20 a 34 anos.

Poderíamos citar outros trabalhos como o anteriormente apresentado, no entanto, como eles se distanciam do desenho metodológico que estabelecemos para a variável *tipo de discurso*, e por motivos arrolados em nossos procedimentos metodológicos, deter-nos-emos a explicitar os trabalhos desenvolvidos no português brasileiro. Interessou-nos, desse modo,

³⁷ “en términos generales, es un recurso lingüístico que permite a los hablantes recrear una situación discursiva, lo que se materializa mediante la reproducción de los enunciados proferidos por las voces que intervienen en la situación evocada y la reconstrucción del correspondiente contexto de enunciación.” (SAN MARTÍN NUÑEZ, 2015, p. 75).

saber se essa variável se comportava, em espanhol, semelhante ao ocorrido naquela língua. A seguir, apresentamos os percentuais e pesos relativos que obtivemos nas rodadas estatísticas para essa variável, que aparece em quinto lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa estatístico. Confirmamos os dados na tabela abaixo:

Tabela 06 – Atuação do grupo de fatores *tipo de discurso* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Discurso reportado de terceiros	173/197	87.8	0.713
Discurso de fala própria	932/977	95.4	0.464
Discurso reportado do próprio entrevistado	80/112	71.4	0.416

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A partir da leitura da tabela acima, podemos observar que o único fator que exerce um maior efeito sobre a variante *tú* é o *discurso reportado de terceiros*, com (0.713) de peso relativo. Os demais fatores apresentam valores abaixo de 0.50, sendo (0.464) para o *discurso de fala própria* e (0.416) para o *discurso reportado do próprio entrevistado*. Esses pesos revelam, em parte, um efeito desfavorecedor em relação à aplicação da regra que estabelecemos em nosso estudo.

A princípio, acreditávamos que os contextos com *discurso reportado de terceiros* e *discurso reportado do próprio entrevistado* favorecessem o uso da variante *tú*. Ao reproduzir situações discursivas que aconteceram em um ambiente distinto ao da entrevista, esperávamos que os falantes imprimissem mais, em suas falas, a tendência já evidenciada de uso do *tuteo*. Por outro lado, no *discurso de fala própria*, supúnhamos que houvesse um maior monitoramento da fala oriundo da formalidade da entrevista, apesar dos esforços de tentar aproximá-la a uma conversa. Assim, ponderamos que haveria uma predominância do uso de *usted*.

Conforme podemos observar, as nossas hipóteses confirmam-se parcialmente. Como hipotetizamos, o *discurso reportado de terceiros* teve maior índice de uso da variante inovadora (exemplo 33). No entanto, o mesmo não ocorreu com o *discurso reportado do próprio entrevistado* (exemplo 34), como ponderamos. No entanto, é forçoso observar a quantidade de dados encontrados, inferior ao dos demais fatores, para esse fator.

Quanto ao *discurso de fala própria*, de fato, esse apresentou mais ocorrências de uso da variante *usted* (exemplo 35). Ao cruzarmos essa variável com a variável *faixa etária*, percebemos que os informantes com idades *acima de 55* anos lideram o uso da variante conservadora, nesse contexto. Ainda que apresentem uma porcentagem baixa em relação à

variante de aplicação (13%), é visivelmente superior ao uso feito pelas outras faixas etárias. Os informantes com idades de *35 a 54 anos* apresentaram frequência insignificante para esse fator com (0%) de uso, pois houve apenas uma ocorrência de *usted*, e a faixa etária de *20 a 34 anos*, (1%). A liderança da *faixa etária 3* parece-nos ter influenciado os resultados para o fator *discurso de fala própria*, pois os mais velhos, ainda que apresentem um índice considerável de uso do *tuteo*, são os que mais conservam o uso do *usted*, como veremos adiante.

(33) que es el problema que ella dice/ *si/ yo me quedaría aquí si **tú** te quedas/ que podamos decir ¡ale! pues vámonos aa aquí o vámonos allá/ pero yo aquí sola en la Cañadaa y tal/ no/ paraa-* y subimos todos los fines de semana ¿eh?/ que yo todos los viernes duermo allí/ (que é o problema que ela disse/ *sim/ eu ficaria aquí se **tu** ficares/ que possamos dizer vamos! pois vamos aa aquí ou vamos para lá/ mas eu aquí só na Cañadaa e tal/ não/ paraa-* e subimos todos os fins de semana viu?/ que eu todas as sextas-feiras durmo lá/)

(ENTREVISTA 2 - VAL00213HB01)

(34) pues mira/ la tienda en otra época iba mejor/ aquí hemos sido siete vendiendo yy- y/ nos defendíamos muy bien/ PERO ahora hay- somos menos/ porque total/ somos tres/ pero de todas formas/ está difícil/ y hay que- lo que te costaba antes de volver/ AHOORA/ estás dos horas y DAALE que te pego y machaca y aconsejando lo mejor porque yo les tengo dicho/ que/ *señora **usted** ha entrado aquí/ NO se me **va** a escapar pero si se- si **compra**/ para que **vuelva**/ si no **tiene** que volver no **compre**//* (pois olha/ a loja em outra época ia melhor/ aqui éramos sete vendendo ee- e/ aguentávamos muito bem/ MAS agora há- somos menos, porque resumindo/ somos três/ mas de todas formas/ está difícil/ e há que- o que te custava antes de voltar/ AGOORA/ estás duas horas e TEIMAS e insistes e aconselhando o melhor porque eu sempre digo/ que/ *señora **você** entró aquí/ **NÃO** me escaparás mas se se- se **compra**/ tem que ser para que **volte**/ se no tem que voltar não **compre**//*)

(ENTREVISTA 24 - VAL024333MB00)

(35) ni idea/ ¿**usted** ve?/ pues los entendidos lo conocen yy- y le pagan muy bien a sus cuadros/ (não faço ideia/ **você** ve?/ pois os entendidos o conhecem ee- e lhe pagam muito bem pelos seus quadros/)

(ENTREVISTA 21 - VAL021333HB00)

Guy e Zilles (2007), ao tratar sobre a interpretação dos dados numéricos obtidos nas rodadas estatísticas, chamam a atenção para o conceito relativo do termo “favorecer” quando comparamos fatores de um mesmo grupo. Baseando-nos nisso, é curioso notar que, apesar de o *discurso de fala própria* ter um efeito desfavorecedor no uso geral da variante *tú*, pois apresenta valores abaixo de 0.50, ele “favorece” mais essa variante quando o comparamos com o fator *discurso reportado do próprio entrevistado*. Ademais, não podemos deixar de ressaltar os expressivos percentuais de uso da variante supra nesses dois fatores, (95.4%) e (71.4%), respectivamente.

Loregian-Penkál (2004) encontrou, igualmente, resultados interessantes para a variável *tipo de discurso* que, em seu trabalho, recebeu o nome de *tipo de interlocução*. Ao estudar a alternância pronominal *tu/você* na região sul do Brasil, a autora controlou os

seguintes fatores: *discurso para o entrevistador*, *discurso para o interveniente*, *discurso genérico*; *discurso relatado de terceira pessoa (DR3)*; *discurso relatado do próprio falante (DRF)*; *marcador discursivo*, *marcador discursivo relatado do DR3* e *marcador discursivo relatado do DRF*.

As comunidades de fala estudadas pela supramencionada autora foram as cidades de Florianópolis, Porto Alegre - RS, Santa Catarina – Chapecó, Blumenau, Lages, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e o distrito da cidade de Florianópolis, Ribeirão da Ilha. Esse bairro foi considerado no estudo pelo fato da autora constatar, quando da coleta de algumas gravações, as características açorianas dos falantes e o intenso uso de *tu*. Nas rodadas em que a variável *tipo de interlocução* foi selecionada – tendo *tu* como regra de aplicação – os dados revelaram certas divergências. Por exemplo, o *discurso para o entrevistador* ora favorecia *tu*, ora *você*. Em Lages, esse fator, junto ao *marcador discursivo*, condicionava o uso de *tu* (0,55); por outro lado, em Chapecó, Porto Alegre e Flores da Cunha, quando o interlocutor era o entrevistador, a forma preferida era *você* (0,28; 0,36 e 0,37, respectivamente). Sobre esse fator favorecer o uso de *você*, a autora interpreta como indícios de que, de fato, a variante *tu* é uma forma considerada mais íntima e informal que aquela.

5.2.1.3 Tipo de frase

O grupo de fator em análise, consoante ao que explicitamos ao apresentarmos essa variável em nossos procedimentos metodológicos, parece influenciar a variação pronominal no português brasileiro como apontaram os trabalhos, brevemente ali resenhados, de Lucca (2005) e Costa (2016). Em face desses resultados, que apresentaram valores bastante próximos e tiveram, como significativos, os mesmos fatores, optamos por controlar essa variável independente para verificarmos o seu comportamento quanto à variação nas formas de tratamento na comunidade de fala valenciana em estudo.

Ainda de acordo com o apresentado no capítulo anterior, adotamos a terminologia de Costa (2016) e denominamos esse grupo de fatores como *tipo de frase*, controlando os contextos de frase *declarativa*, *interrogativa* e *exclamativa*. Tais fatores ocupam o sétimo lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa GOLDVARB (2005). Na tabela abaixo, expomos os resultados obtidos nas rodadas estatísticas para a variável em questão:

Tabela 07 – Atuação do grupo de fatores *tipo de frase* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Declarativa	1.062/1.123	94.6	0.519
Interrogativa	64/80	80.0	0.462
Exclamativa	59/83	71.1	0.289

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Podemos observar, através da tabela, que o tipo de frase *declarativa* apresenta um contexto moderadamente favorável ao uso da variante *tú*, com peso relativo de (0.59). Quanto aos resultados para os tipos de frase *interrogativa* e *exclamativa*, eles demonstram que essa forma de tratamento é desfavorecida na presença desses fatores, pois apresentam peso relativo de (0.462) e (0.289), respectivamente. Esses dados causaram-nos surpresa, pois aconteceu, justamente, o inverso quanto às frases *exclamativas* e *declarativas*. No entanto, devemos olhar com cautela para números que se aproximam da mediana, pois, conforme Coelho *et al.* (2010, p. 140), valores que se aproximam a 0.5 exercem pouca influência sobre a regra variável.

Ponderamos, a princípio, que, no fator frases *exclamativas*, o uso da variante tida como regra de aplicação seria mais proeminente. Nesse tipo de frase, como é um contexto de fala marcada e enfática, supomos que os falantes pudessem ter um maior envolvimento emocional e, por isso, fariam uso da variante inodavora *tú*. A expectativa era a de que os falantes, inconscientemente, tendessem a anular mais as relações assimétricas e fizessem uso do *tuteo*, fenômeno que, como vimos afirmando, possui grande extensão no mundo hispano. Entretanto, não é isso que os dados nos indicam. Dentre os fatores que desfavorecem a variante *tú*, esse tipo de frase é o que teve, de fato, mais ocorrências de *usted* (exemplo 36). Ainda assim, é preciso olharmos esses dados com reserva, pois o número de vezes que essas frases aparecem, no *corpus* coletado, é bastante inferior quando comparamos com as frases *declarativas*.

(36) tengo un hermano mayor// que se llama Raúl/ yy cuando era pequeña/ él siempre estaba muy aburrido y empezaba/ ¡que **juegue** conmigo mamá!/ ¡que **juegue** conmigo!/ que tener una niña es muy aburrido/ (tenho um irmão mais velho// que se chama Raúl/ ee quando era pequena/ ele sempre estava chateado e começava/ que **jogue** comigo comigo mamãe!/ que **jogue** comigo! que ter uma menina é muito chato/)

(ENTREVISTA 24 - VAL02411MB06)

Em sentido oposto, cogitávamos que, nas frases *interrogativas* e *declarativas*, notaria-se, claramente, o uso preferido por *usted*. Acreditávamos que nesses contextos os falantes pudessem ter um maior monitoramento de fala, principalmente, nas *declarativas*. Como esperávamos, esse tipo de frase aparece em um número consideravelmente superior aos demais tipos, por isso, ponderamos que, ao ter claro o seu interlocutor, isto é, o entrevistador,

os indivíduos pudessem ser influenciados pela *semântica do poder*. Entretanto, as *declarativas* apresentam-se como o contexto que mais favorece a forma de tratamento *tú* (exemplo 37). Desse modo, de acordo com os pesos relativos, as nossas hipóteses se confirmaram, apenas, para as frases *interrogativas* cuja presença não é favorecedora da supracitada variante (exemplo 38). Vejamos alguns exemplos que ilustram esses usos:

(37) no sé/ sii// no sé/ qué hablarte más// lo que te apetezca// lo que **tú** quieras (não sei// see// não sei/ o que te falar mais// o que queiras// o que **tu** queiras)
(ENTREVISTA 4 - VAL00412MC01)

(38) me decían papá/ se m(e) ha pincha(d)o la bicicleta/ ¡hala! hijo ven conmigo/ vamos a arreglarla ¿eh?/ porque- para que supiera que si se ha roto hay que arreglarla// y con las motos/ con las motos/ pasó lo mismo/ no permití nunca/ ni que fueran sin seguro/ ni que fueran sin casco/ ¿**comprende?** eso no lo permití nunca// y// hoy en día/ son mayores y aún llevan casco/ ¿me **comprende?** (me diziam papai/ o pneu da bicicleta furou/ vamos! filho vem comigo/ vamos concertá-la viu?/ porque- para que soubesse que se quebrou tem que concertá-la// e com as motos/ com as motos/ aconteceu o mesmo/ não permiti nunca/ nem que fossem sem seguro/ nem que fossem sem capacete/ **comprende?** Isso não o permiti nunca// e// hoje em dia/ são maiores e ainda levam capacete/ me **comprende?**)

(ENTREVISTA 2 - VAL00213HB01)

Se compararmos os nossos resultados com os de Costa (2016) e de Lucca (2005), percebemos que ocorre o inverso ao exposto na tabela acima. Nesses trabalhos, conforme apontado anteriormente, *tu* é favorecido na presença dos fatores *exclamativos* e *interrogativos*; já *você* predominou nas frases *declarativas*. Não obstante, lembremos que na comunidade de fala estudada por Costa (2016), por exemplo, *você* é tida como a variante inovadora. Nesse sentido, se observamos detidamente os nossos resultados e o da autora anteriormente mencionada, o tipo de frase *declarativa* favoreceu variantes tidas como inovadoras.

Costa (2016) pondera que a predileção por *tu*, nos contextos *exclamativos* e *interrogativos*, pode estar atrelada a dois fatores: situação interacional, na qual os informantes poderiam sentir-se à vontade para interrogar ou exclamar algo ao seu interlocutor; e situação conversacional regida pela *semântica da solidariedade*. Como vimos, esse âmbito é marcado por relações horizontais, ou seja, não há uma relação de poder entre ouvinte e falante. O tratamento, portanto, é simétrico, como em Costa (2016). Ainda segundo a autora, a exigência de um interlocutor específico, em enunciados interrogativos, torna a relação mais próxima entre os interlocutores e, conseqüentemente, a forma de tratamento mais frequente é *tu*, por ser a mais usual e não denotar distanciamento social.

Por outro lado, Costa (2016) afirma que as frases *declarativas* podem ser dirigidas a

mais de um interlocutor e, quando não há uma referência definida, ou seja, é genérica, a forma de tratamento preferida é *você*. Nesse sentido, ao passo que, em português, essa forma é a mais utilizada nesse âmbito, parece-nos que, em espanhol, a variante *tú* encabeça esse tipo de uso. Conforme Kluge (2010, p. 1109) “*tú* emprega-se com certa frequência não para se referir ao interlocutor que se encontra frente ao falante, mas sim a qualquer pessoa que se encontre em tal situação, rompendo, assim, os parâmetros da deixis social.”³⁸.

Essa interpretação é ainda reforçada se lembrarmos que o fator *indeterminado*, na variável *tipo de referente*, é o contexto que mais favorece a variante *tú*. De fato, se cruzarmos essa variável com a variável *tipo de frase* (tabela 7), percebemos que as frases *declarativas* lideram o uso dessa variante no contexto de indeterminação; de 835 ocorrências, 824 (99%) são de *tú*, frente a 11 ocorrências da variante *usted* (1%). Desse modo, a preferência dos valencianos pela forma *tú*, dito genérico, seja para causar uma aproximação ou mostrar empatia com o seu interlocutor, parece explicar os resultados obtidos para o tipo de frase *declarativa*.

Tabela 08 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de frase* e *tipo de referente*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Determinado	Declarativa	283	83	50	17
	Interrogativa	55	77	16	23
	Exclamativa	49	68	23	32
Indeterminado	Declarativa	824	99	11	1
	Interrogativa	9	100	0	0
	Exclamativa	10	91	1	9

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

No que se refere às frases *exclamativas* e *interrogativas*, além de termos de olhar com reservas para os seus resultados, dado a baixa ocorrência quando comparadas às frases *declarativas*, interessou-nos investigar a possível influência, de algum outro fator, oriunda da rodada multivariada. Desse modo, realizamos um novo cruzamento da variável em questão com a variável *faixa etária* (tabela 8). Em virtude deste grupo de fatores revelar dados curiosos em relação à variação pronominal nos informantes mais velhos, acreditamos que esses indivíduos, pertencentes à *faixa etária 3 (acima de 55 anos)*, possam ter exercido alguma influência nos resultados dos fatores que desfavoreceram a variante *tú*, na variável *tipo de frase*.

³⁸ “*tú* se emplea con cierta frecuencia no para referirse al interlocutor que se encuentra frente al hablante, sino a cualquier persona que se encuentre en tal situación, rompiendo así los parámetros de la deixis social.” (KLUGE, 2010, p. 1109).

Tabela 09 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de frase* e *faixa etária*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Faixa etária 1 (20 a 34 anos)	Declarativa	453	99	5	1
	Interrogativa	21	95	1	5
	Exclamativa	7	88	1	12
Faixa etária 2 (35 a 54 anos)	Declarativa	270	96	12	4
	Interrogativa	32	97	1	3
	Exclamativa	27	71	11	29
Faixa etária 3 (Acima de 55)	Declarativa	339	89	44	11
	Interrogativa	11	44	14	56
	Exclamativa	25	68	12	32

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Consoante ao que acreditávamos, a *faixa etária 3*, após cruzamento, destaca-se, entre os demais, no uso da variante *usted* nas frases *exclamativas* e *interrogativas*. Nessas, o percentual de uso dessa variante está levemente acima dos (50%) (56%, para sermos mais precisos). Naquelas, o percentual é um pouco menor, (32%), mas ainda é acima de todos os outros demais usos feitos dessa variante. A atuação desse grupo parece, de fato, influenciar os resultados para esse tipo de frase. Como veremos a seguir, ao analisarmos separadamente a variável *faixa etária*, os informantes mais velhos favorecem o uso da variante mais conservadora e, por isso, acreditamos, estão mais inclinados a manter certas assimetrias nas relações.

5.2.2 Grupos de fatores sociais

Em seguida, abordamos e discutimos as variáveis sociais estatisticamente significativas.

5.2.2.1 Faixa etária

O grupo de fatores *faixa etária* tem se mostrado relevante em várias pesquisas variacionistas, principalmente, naquelas que abordam a variação nas formas de tratamento em espanhol. Sabendo que a idade do falante pode determinar diferenças linguísticas, o controle dessa variável faz-se importante, pois permite ao pesquisador analisar se um fenômeno variável se encontra em um processo de variação estável ou se se trata de uma mudança em curso. A propósito, de acordo com Moreno Fernández (2009), a idade é a variável que mais condiciona a variação linguística.

A presença da *faixa etária*, em pesquisas variacionistas, responde a um problema metodológico quando da captação do fenômeno linguístico. Lembremo-nos dos conceitos de estudo em *tempo real* e estudo em *tempo aparente* elaborados por Labov (1994) e explanados em nossa teoria de base. Aquele tipo de estudo exige bastante tempo de pesquisa, pois, conforme Freitag (2005), há de se considerar um lapso temporal. Em outras palavras, estuda-se um fenômeno em vários pontos do tempo em uma determinada comunidade. Por outro lado, o estudo em *tempo aparente* permite analisar o mesmo fenômeno, na mesma comunidade, em um tempo menor, ao estratificarmos os informantes em função de sua idade.

Conforme mencionamos anteriormente, esse estudo é viável porque, segundo a hipótese clássica, o vernáculo que utilizamos na fase adulta reflete aquele adquirido até a nossa puberdade, aproximadamente, até os 15 anos de idade. Desse modo, ao compararmos diferentes gerações, podemos perceber uma possível mudança linguística (COELHO *et al.*, 2015). Coelho *et al.* chamam atenção para o fato de, em pesquisas dessa natureza, isto é, que consideram essa variável, podermos falar apenas em indicativos de mudança. Conforme um dos princípios gerais da Teoria da variação e Mudança, nem toda variação implica mudança, mas toda mudança implica variação (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). Desse modo, para uma efetiva constatação de mudança em curso, estudos em *tempo aparente*, lembram Coelho *et al.* (op. cit.), geralmente são complementados com estudos do tipo em *tempo real*.

Isso posto, os dados relativos à categoria *faixa etária*, em nosso estudo, evidenciam o que parece tratar-se de uma mudança em curso quanto ao uso da forma *tú* na comunidade de fala valenciana estudada. Observemos, na tabela abaixo, os percentuais obtidos a partir das rodadas estatísticas.

Tabela 10 – Atuação do grupo de fatores *faixa etária* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Faixa etária 2 (35 a 54 anos)	329/353	93.2	0.695
Faixa etária 1 (20 a 34 anos)	481/488	98.6	0.676
Faixa etária 3 (acima de 55 anos)	375/445	84.3	0.189

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Na ordem de significância, a *faixa etária* foi o segundo grupo selecionado e, como podemos verificar na tabela, os informantes da *faixa etária 2* (de 34 a 55 anos) favoreceram a variante *tú* com peso relativo 0.695 (cf. exemplo 40) e percentual de (93.2%), seguidos pelo grupo da *faixa etária 1* (de 20 a 34 anos) com 0.676 (cf. exemplo 39) e (98.6%). No tocante à

faixa etária 3 (acima de 55 anos), ainda que a forma *tú* tenha sido frequente, em termos percentuais (84.3), o seu peso relativo (0.189) revela-nos certa insignificância. De fato, esse grupo foi o que apresentou o maior uso da variante *usted* (cf. exemplo 41), forma mais conservadora. A frequência do uso dessa variante, como podemos perceber, diminui consideravelmente nas demais faixas etárias.

(39) pues yo trabajo en el macdonals/ y un día cualquiera pues// si te ponen en caja/ es (risas)/ con mucha prisa/ es un día muy liado/ porque **tú**- viene un cliente/ le dices qué quiere/ lo **marcas**/ te da el dinero/ le **cobras**/ le das el cambio/ y en seguida te **vas** corriendo a coger las hamburguesas/ la bebida y sobre todo las patatas/ (pois eu trabalho no macdonals/ e um dia qualquer pois// se te mandam para o caixa/ é (risos) com muita pressa/ é um dia muito cheio/ porque **tu**- o cliente vem/ pergunta-lhe o que ele quer/ o **marcas**/ ele te dá o dinheiro/ o **cobras**/ devolve-lhe o troco/e em seguida **vais** correndo pegar os hambúrgueres/ a bebida e sobretudo as batatas/)

(ENTREVISTA 24 - VAL02411MB06)

(40) pero si en casa no **tienes** una educación// en el colegio tampoco te van a decir otra educación/// yo pienso eso/ de que si **tú** has cogido a un hijo/ l(o) has- l(o) has- l(o) **has cria(d)o** como lo **debes** de criar/ le **has enseña(d)o** tus- tus cosas// es como cuando **coges** un árbol/ si **tú** de pequeño lo **riegas**/ lo **siembras**/ lo **vas** educando para que crezca sano y fuerte/ pues ee la vida de una persona creo que es igual (mas se em casa não **tens** uma educação// no colégio tampouco vão te dar outra educação/// eu penso isso/ que se **tu** tiveste um filho/ o cri- o cri- o **criaste** como o **deves** criar/ o **ensinaste** tuas- tuas coisas// é o mesmo quando **pegas** uma árvore/ se **tu** a **águas** desde pequena/ a **semeias**/ **vais** cuidando dela para que cresça saudável e forte/ pois ee a vida de uma pessoa acredito que é igual)

(ENTREVISTA 10 - VAL01012HB02)

(41) ¡uy!/ creía que **decía** el dinero digo *si no tengo si no tengo ¿cómo lo voy a gastar?* (ah!/ pensava que **se referia** ao dinheiro *se não tenho se não tenho como vou gastá-lo?*)

(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

Como hipótese, defendíamos que os falantes das faixas etárias 1 e 2 estariam mais propensos ao uso da variante *tú*, sendo esse uso mais expressivo no primeiro grupo e, por outro lado, o terceiro grupo preferiu o uso da variante *usted*. Os resultados em questão confirmam as nossas suposições iniciais de que a forma de tratamento supra é mais recorrente na fala dos mais jovens e, ainda que a frequência dessa variante seja bastante significativa na fala dos mais velhos, a manutenção da forma pronominal *usted* é mais marcante na fala desses indivíduos.

Morín, Almeida e Rodríguez (2010), como vimos em nossa revisão bibliográfica, chegaram a resultados semelhantes ao estudarem a variação e mudança no sistema pronominal de tratamento da cidade de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. Ao analisarem o uso de *tú* e *usted* em contextos como familiar e social, a presença da variante mais conservadora foi majoritária nos falantes de mais idades e cai progressivamente nas gerações

de menor idade. No âmbito laboral, o grupo de menor idade e o grupo de mais idade se destacam pelo uso da forma *usted* (72.6% e 91.2%, respectivamente). O grupo de idade intermediária segue com (68.6%) de uso dessa variante. Nesse contexto, os autores asseveram que as relações são marcadas pela assimetria, enquanto que nos demais, as relações se aproximam da informalidade. Para os autores, o contexto social no qual está imersa a cidade, tida como inovadora e aberta ao exterior, dentre outras características, tem proporcionado que as relações, antes, assimétricas (*usted-tú*), evoluam para relações mais simétricas (*tú-tú*). Esse processo, como apontam os pesquisadores, é liderado pelas gerações mais jovens.

Sanromán Vilas (2010) chegou a resultados próximos quando analisou a variação entre *tú* e *usted* em duas gerações de jovens (de 13 a 14 anos e 22 a 24 anos) da cidade de Cádiz, Espanha. Ao averiguar quais os principais fatores que determinam esse tipo de variação, a autora conclui que é a idade, mais que qualquer outro fator social, que influencia a eleição de uma forma de tratamento ou outra. Como a pesquisa anterior, Sanromán Vilas (2010) elencou algumas situações como *a família, os amigos, contexto laboral, contexto acadêmico e encontro com um desconhecido*. No geral, a autora não encontrou grandes diferenças entre as duas gerações. No âmbito familiar e com os amigos, a forma preferida é quase que exclusivamente *tú*. Nas demais situações, o uso da forma *usted*, verificou-se quando o interlocutor tinha uma idade superior ou era pouco conhecido.

Ao analisar o progresso do *tuteo*, ou seja, o uso da forma *tú*, na produção linguística de falantes da cidade de Guadalajara, México, Orozco (2010) dividiu os informantes em dois grupos de faixa etária, os que tinham entre 20 e 39 anos, e os que tinham entre 60 e 79 anos. Apesar de não demonstrarem uma diferença significativa no uso da variante mencionada (65% no primeiro grupo e 59% no segundo), a pesquisadora constatou que havia diferença com a idade, mas essa se concentrava no grupo de mulheres. O *tuteo* era superior na fala de informantes mais jovens. Ademais, segundo a autora, apesar da diferença mínima, o grupo de maior idade reconheceu que a norma linguística que eles aprenderam está mudando.

Analisar a variação considerando esses grupos de idade, ou seja, a partir de um estudo em *tempo aparente*, permite-nos olhar o presente para explicar o futuro. Em nossa pesquisa, os resultados evidenciam, claramente, um processo de mudança em curso, visto que a presença da variante inovadora se dá de forma expressiva na primeira faixa etária (98.6%), seguido pelo grupo de idade intermediária (93.2%) e não no grupo dos falantes mais velhos (84.3%).

Segundo Eckert (1998, p. 151, tradução nossa), “[...] a idade é o lugar de uma pessoa em um determinado momento em relação à ordem social: um estágio, uma condição, um lugar na história”³⁹, e a língua, obviamente, possibilita as relações do indivíduo nesses estágios. Ainda conforme a autora, é improvável que um falante passe por todas as transformações de uma vida sem alterar o uso das variáveis sociolinguísticas. Dessa forma, acreditamos que as transformações ocorridas nas sociedades ocidentais contribuem, também, para a diferença nos usos linguísticos encontradas nos grupos estudados. Os papéis sociais mudam no curso da história. Os jovens, por exemplo, têm rede de relações sociais mais ampla. Por outro lado, os mais velhos movimentam-se menos geograficamente e isso, conseqüentemente, reduz os contatos linguísticos desses indivíduos com outras comunidades de fala. Eckert (2007), ressalta, ainda, que os sistemas de idade determinam comportamentos adequados à determinada idade. Isso, de acordo com a autora, tem implicações linguísticas, seja pressionando o conservadorismo na idade adulta ou impondo características vernaculares na pré-adolescência.

5.2.2.2 *Escolaridade*

Ao lidar com fenômenos linguísticos variáveis, inúmeros pesquisadores têm considerado os níveis de estudos dos sujeitos em suas análises. Esses níveis refletem os anos de escolarização desses indivíduos. Sabemos que, desde o trabalho pioneiro de Labov em Martha’s Vineyard, as pesquisas sociolinguísticas têm evidenciado a influência de fatores sociais no comportamento linguístico dos indivíduos. Dentre esses fatores, o *nível de instrução, estudos, grau de escolaridade* ou, simplesmente, *escolaridade*, qual seja a terminologia adotada, é, comprovadamente, uma variável que determina a variação nas comunidades de fala.

A escola, conforme aludimos anteriormente, atua fortemente na promoção da norma culta e, conseqüentemente, tende a preservar as formas linguísticas de maior prestígio na sociedade. Assim, de acordo com Moreno Fernández (2009, p. 61, tradução nossa), “é normal que as pessoas mais instruídas façam maior uso das variantes que são consideradas como mais prestigiadas ou que mais se ajustam à norma.”⁴⁰. Por outro lado, as formas que carregam

³⁹ “[...] age is a person’s place at a given time in relation to the social order: a stage, a condition, a place in history.” (ECKERT, 1998, p. 151).

⁴⁰ “[...] es normal que las personas más intruidas hagan mayor uso de las variantes que son consideradas como más prestigiosas o que más se ajustan a la norma.” (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 61).

determinados estigmas, ou seja, não têm prestígio na comunidade discursiva, geralmente, são atribuídas aos indivíduos sem ou com menos escolaridade.

Contudo, a relação entre a escolaridade e uso das formas linguísticas, apresentada anteriormente, não tem porque ser unívoca (BLAS ARROYO, 2004). Estudos como os de Medina López (2010) e Orozco (2010) têm mostrado que não necessariamente os informantes com baixo nível de instrução são os que fazem maior uso das variantes menos conservadoras. No que se referem às relações entre continuidade e mudança linguística e o grupo de fatores *escolaridade*, fazendo coro a Votre (2015), é basilar, entre outras distinções, diferenciar fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização. Pela sua ampla aceitação, o fenômeno *tuteo*, por exemplo, parece gozar de certo prestígio, inclusive, nas camadas da sociedade mais escolarizadas. Tal aspecto parece, portanto, explicar os resultados que apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 11 – Atuação do grupo de fatores *escolaridade* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Nível alto	681/732	93.0	0.561
Nível baixo	504/554	91.0	0.420

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A variável em questão foi a última selecionada como significativa para a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted*⁴¹. Os informantes com *nível de escolaridade alta*, conforme frequência de ocorrência (93.0%) e peso relativo (0.561), favorecem, moderadamente, o uso da variante *tú* (exemplo 58). Em outro sentido, apesar de o percentual de uso ser igualmente elevado, (91.0%), o peso relativo (0.420) indica que a forma de tratamento *tú* é desfavorecida na presença do fator *nível de escolaridade baixa* (exemplo 57). Desse modo, confirmamos nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores, pois hipotetizamos que os informantes mais escolarizados prefeririam a variante inovadora. Abaixo oferecemos alguns exemplos que refletem o uso dessas variantes por indivíduos pertencentes a esses níveis:

(43)[...] y hay que gastarse el dinero para que corra/ exacto/ hay que cor- hay que-

⁴¹ Como mencionamos ao analisarmos o grupo de fatores *relação de proximidade entre os interlocutores*, antes da amalgamação de fatores deste grupo, a variável *escolaridade* não foi selecionada como significativa pelo programa estatístico. Na primeira rodada de *tú* como regra de aplicação, os informantes com nível de escolaridade *alta* apresentaram uma aplicação de 681 do total de 732 e percentual de uso de (93%). Por outro lado, os indivíduos com escolaridade *baixa* tiveram uma aplicação de 504 do total de 554 e percentual de (91%), sendo, portanto, descartada. No entanto, na segunda rodada após amalgamação, essa situação inverteu-se revelando os resultados que agora analisamos.

tiene que darle vuelta al dinero porque si no no- no hacemos nada (e tem que gastar o dinheiro para que corra/ exato/ tem que cor- tem que- **tem** que dar-lhe volta ao dinheiro porque se não não- não fazemos nada)

(ENTREVISTA 07 - VAL00712HC01)

(44) te lo voy a explicar/ pues **coges** yy **pones** enn/ una- cazuela con agua/ con mucha cantidad de agua porquee/ ee así la pasta absorbe el agua/ bueno eso lo explico luego/ **echas** ee un chorroncito de aceite y un ajo y sal/ cuando el agua esté hirviendo le **echas** la cantidad de espaguetis que **túu** creas necesario para la gente que va- que va a comer/ luegoo/ **haces** un sofrito/ le **echas** ajo/ cebolla/ ee bel-trocitos de beicon/ que puede ser ahumado/ de pavo/ o beicon/ de cerdo/ normal/ yy **haces** trocitos pequeñitos y **haces** un sofrito/ lo **rehogas** todo/ cuando los espaguetis ha absorbido el agua/ están secos/ **quitas** el ajo/ yy- y **mezclas** todo/ luego **echas** nata/ y sal y pimientos/ y **vas** probando hasta que está en su punto/ y lo **sirves** (vou te explicá-lo/ pois **pegas** ee **pões** emm/ uma- panela com água/ com muita quantidade de agua porquee/ ee assim o macarrão absorve a agua/ bom isso eu o explico logo/ **colocas** eeh um fiozinho de azeite e um alho e sal/ quando a água esteja fervendo **colocas** a quantidade de espaguetis que **tuu** achas necessário para as pessoas que va- que vão comer/ logoo/ **fazes** um refogado/ **colocas** alho/ cebola/ ee bel-pedacinhos de beicon/ que pode ser defumado/ de peru/ ou beicon/ de porco/ normal/ ee **fazes** pedacinhos pequeninhos e **fazes** um refogado/ **refoga**-o todo/ quando os espaguetis tiverem absorvido a agua/ estão secos/ **tiras** o alho/ ee- e **misturas** tudo/ logo **colocas** nata/ e sal e pimenta/ e **vais** provando até que está em seu ponto/ e o **serve**s)

(ENTREVISTA 18 – VAL01831MC99)

Medina López (2004), ao tratar da variação entre as formas *tú* e *usted* em três localidades das Ilhas Canárias, chegou, igualmente, a resultados que contrariam a hipótese clássica para a variável *escolaridade*. O pesquisador controlou os seguintes fatores: *analfabetos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, no município de Buenavista del Norte, Tenerife; *analfabetos e sem estudos, estudos primários incompletos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, no município de Las Palmas de Gran Canaria e *analfabetos/sem estudos, ensino básico, ensino médio e ensino superior*, na ilha de La Gomera. Apesar de no trabalho, ao qual tivemos acesso, não constarem os percentuais de uso e pesos relativos para cada fator, Medina López (2004) conclui que os informantes com nível de estudo *médio e superior* favorecem o uso do *tuteo* nessas comunidades. Segundo o autor, a extensão do uso de *tú* nos indivíduos com socioleto alto e mais jovens evidencia um progresso das relações solidárias.

Indo na mesma direção, Orozco (2010), em estudo anteriormente citado, constatou que são os falantes com estudos médio ou superior que estão à frente no processo de expansão do *tuteo*. Em um corpus constituído por 24 informantes (12 homens e 12 mulheres), divididos em dois grupos de idade (20 e 34 anos e 60 e 79 anos), a autora controlou a variável *escolaridade* a partir dos seguintes fatores: *básica*, que reunia as pessoas com educação primária, isto é, tinham seis anos de escolaridade; *média*, com informantes que haviam

cursado a educação secundária, *bachillerato*⁴² ou estudos equivalentes, com um total de 9 anos de escolarização e *superior*, que concentrava as pessoas com estudos universitários.

Orozco (2010) assevera haver uma clara relação entre a variável *escolaridade* e o *tuteo*, pois, quanto mais anos de escolarização, maiores eram o percentual de uso desse fenômeno (educação *básica*, 53%; educação *média*, 65% e educação *superior*, 68%). A variante *tú* foi favorecida pelos fatores *escolaridade média* e *superior*, segundo mostram os pesos relativos (0.562) e (0.518), respectivamente. Por outro lado, a forma *tú* é desfavorecida na presença do fator *escolaridade básica* (0.410). Assim, tanto as porcentagens como os pesos relativos evidenciaram que os informantes com estudos mais altos estão na vanguarda da extensão do *tuteo* nessa comunidade.

Votre (2015) afirma que a influência da variável *escolaridade* pode estar associada tanto aos mecanismos de promoção quanto aos mecanismos de resistência à mudança. Nesse sentido, assim como os trabalhos anteriormente comentados, os indivíduos com *escolaridade alta* parecem encabeçar o processo de mudança em progresso rumo ao *tuteo*. Sabemos que o uso das formas linguísticas feito pelo falante reflete o uso feito na comunidade de fala, de fato, ao falarmos sobre mudança linguística, essa não pode ser entendida sem considerarmos a vida social da comunidade em estudo (LABOV, 2008 [1972]). Pela frequência de uso do *tuteo*, é evidente a avaliação social positiva desse fenômeno na comunidade de fala estudada; e o uso, de acordo com Votre (2015, 2015, p. 52), “cristaliza, fixa, por repetição, as expressões preferidas pelos membros da comunidade.”. Prova disso é o uso de *tú* entre professor e aluno mencionado por Matte Bon (2008) em sua Gramática Comunicativa, situação essa em que se espera certa assimetria no tratamento, pois, de acordo com a teoria de Brown e Gilman (1960), podemos observar aí uma relação de poder do docente sobre o discente.

Assim, acreditamos que, por os indivíduos mais escolarizados terem uma rede de relações mais ampla; uma maior mobilidade social; terem mais contato com o mercado de trabalho, estão mais expostos e têm mais contato com a dinâmica de uso dessa variante. Conforme Figueiredo (2012), o compartilhamento de experiências sociolinguísticas determina a expansão do repertório linguístico do falante, apesar de ele integrar determinado fator do

⁴² *Bachillerato*, no México, consiste em um período de estudos de dois ou três anos que acontece após a *Educación Secundaria*, também conhecido como *Educación Media Superior*. Nesse nível, adquire-se competências acadêmicas médias para o ingresso na *Educación Superior*. Para informação completa sobre a estrutura do sistema educativo mexicano, recomendamos a consulta do documento elaborado pela Secretaria de Educação Pública do governo mexicano, disponível no seguinte endereço: <https://www.sep.gob.mx/work/models/sep1/Resource/1447/1/images/sistemaedumex09_01.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2018.

grupo de fatores *escolaridade*. Além disso, essa expansão do uso de *tú*, ponderamos, circula no meio escolar, inclusive, na escrita formal, o que configura um uso não prescrito pelas gramáticas normativas, no entanto, validado pelo uso linguístico.

5.2.3 Grupos de fatores estilísticos

Em seguida, abordamos e discutimos as variáveis estilísticas estatisticamente significativas.

5.2.3.1 Complexidade do assunto

De acordo com Labov (2008 [1972]), não há falantes de estilo único, todos sofremos variação ao nos expressar linguisticamente. Destarte, como é sabido, o modo como falamos é condicionado por diferentes fatores e, entre eles, fazemos menção a uma variável que tem se mostrado relevante em alguns estudos variaconistas, a saber, o *tópico discursivo*. Segundo Koch (1992, p. 72), *tópico*, na linguagem comum, refere-se ao tema tratado em uma determinada interação comunicativa, ou seja, “é [...] aquilo sobre o que se fala”. Em outras palavras, ainda conforme a autora:

Quando se fala, fala-se de alguma coisa: isto é, durante uma interação, os parceiros têm sua atenção *centrada* em um ou vários assuntos. Tais assuntos são, de certa forma, delimitáveis no texto conversacional: embora, frequentemente, se passe quase insensivelmente de um assunto a outro, ao final de uma conversa, se for perguntado aos participantes sobre o que eles falaram, provavelmente eles serão capazes de enumerar os principais “tópicos” abordados. (KOCH, 1992, p.72, grifos do autor).

Conforme abordamos em nossa seção metodológica, Labov determina que a entrevista sociolinguística é o método de observação mais adequado para o estudo da variação linguística. É através dessa que o pesquisador chega a um dos seus objetivos, isto é, obter a fala mais natural do informante. Assim, a fim de alcançar esse objetivo sem que a presença do entrevistador interfira na atuação linguística do entrevistado, costuma-se elaborar a entrevista a partir de um roteiro de perguntas que contemplam uma série de temas através dos quais se estabelece a interação. Tarallo (1985, p. 22) esclarece que o objetivo desse roteiro é “homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal.”. Esse tipo de narrativa, como vimos no modelo de análise laboviano denominado de *árvore de decisão*,

abrange situações em que o informante possui um estilo de fala mais casual (LABOV, 2001), ou seja, há menos monitoramento na fala.

Apesar da relevância dessa variável em estudos como o de Lucca (2005) e Kanwit (2015), percebe-se que ela ainda é pouco considerada em pesquisas de cunho sociolinguístico. Blas Arroyo (2000), igualmente, evidencia a importância do tópico discursivo na expressão pronominal, no entanto, não obtivemos êxito em encontrar pesquisas variacionistas que considerassem essa variável na alternância das formas de tratamento em espanhol. Sendo assim, trataremos de sua relevância em trabalhos com dados de outros fenômenos variáveis, em espanhol, como é o caso do segundo autor citado acima, ou com dados do português brasileiro, a partir dos estudos de Lucca (2005) e Freitag (2003).

É imperioso ressaltar que Freitag (2003) controla os temas abordados na entrevista em termos de *complexidade do assunto*. Assumimos essa terminologia em nossa pesquisa e, como já mencionado, adotamos o refinamento estabelecido pela autora, distribuindo a *complexidade* do tema em *mais complexo* e *menos complexo*. Salientamos, ainda, que, os núcleos temáticos abordados na entrevista, e distribuídos no refinamento acima, encontram-se relacionados em nossos procedimentos metodológicos.

Sabemos que medir a complexidade temática não é uma tarefa fácil. Concordamos com Freitag (2003) ao afirmar que o grau de complexidade do assunto é atribuído por cada falante. Essa autora cita, por exemplo, que tratar sobre política poderá ser mais fácil para um vereador que para uma dona de casa, para a qual esse deverá ser um assunto mais complexo. No entanto, assim como assevera Freitag (2003), podemos falar de assuntos genericamente mais complexos, como podemos evidenciar no exemplo (42), em que a informante é questionada sobre como ela atuaria se tivesse uma filha ou filho com problemas:

(42) ¡Ah! yo que sé/ es difícilimo/ lo mejor posible (risas)/ como Dios me diera a entender no lo sé/ es que es muy complicado (“Ah! sei lá/ é muito difícil/ o melhor possível (risos)/ da maneira que Deus me fizesse entender não sei/ é que é muito complicado)

(ENTREVISTA 19 – VAL01932MB99)

Igualmente, podemos estabelecer assuntos genericamente menos complexos, como, por exemplo, falar sobre as férias, descrever uma casa etc. Além disso, muitos dos temas menos complexos listados na seção metodológica, são situações já vivenciadas pelos falantes, o que confere maior naturalidade ao falarem sobre eles. Dito isso, contemplemos os resultados estatísticos, para essa variável, a partir da tabela abaixo:

Tabela 12 – Atuação do grupo de fatores *complexidade do assunto* no uso da variante *tú*

versus a variante usted

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Assuntos menos complexos	933/1001	93.2	0.622
Assuntos mais complexos	252/285	88.4	0.148

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Pela ordem de significância, a variável em questão foi o terceiro grupo de fator selecionado pelo programa estatístico. Como podemos observar, os resultados corroboram a nossa hipótese inicial, na qual estabelecemos que, em temas considerados mais complexos, os informantes apresentariam maior uso da variante *usted* frente ao uso feito de *tú*. Por outro lado, em *assuntos menos complexos*, o uso de *tú* seria imperativo, uma vez que, indo em direção contrária ao outro uso, os falantes produziram uma fala menos monitorada. O peso relativo atribuído a cada tipo de complexidade do assunto foi bastante significativo. Em *assuntos mais complexos*, chegou-se a (0.148), conforme a tabela acima. Sabemos que, quanto mais próximo de 0,0, menor é a influência da variante selecionada como regra de aplicação, na presença do fator analisado. Nesse ponto, acreditamos que o falante exerce um maior monitoramento da fala, pois, em alguns momentos, precisa posicionar-se sobre assuntos que não foram experienciados, como, por exemplo, o uso de drogas feito por um filho. Ademais, ao ter de se posicionar, essa mudança de estilo pode ser uma reação à audiência ali presente. De acordo com Bell (1984), o falante adequa o seu discurso em função dos seus interlocutores, nesse caso, o entrevistador que é professor da universidade.

Em outro extremo, na presença do fator *assuntos menos complexos*, a variante *tú* exerce considerável influência, como evidencia o peso relativo atribuído (0.627). No exemplo apresentado em seguida, a informante afirma que a primeira coisa com a qual se preocupa em uma festa é a comida. Isso nos deixa claro que se trata de um tema experienciado por ela, e, portanto, quando o entrevistador pede que lhe explique a elaboração de um prato, essa tarefa não parece exigir esforço algum por parte da entrevistada.

(45)es/ poner leche/ si lo **quieres** con leche poner la leche en el fogoo y cuando estáa yaa calentiita **vas** echando el chocolatee lo **vas** movieendo movieendo/ que no se apelmace/ yy- y queda espesito espesito y muy bien/ puede ser también con agua/ pero ya no está tan bueno/ ssi te parece que está poco dulce el chocolate lo **pruebas** y p- **pones** um poquito más/ pero ¡bueeno! los chocolates siempre están/ muy muy ricos (risas) (é/ colocar leite/ se o **quieres** com leite colocar o leite no fogoo e quando jáa estáa quentiinho **vais** colocando o chocolate e o **vais** mexeendo mexeendo/ não é para deixar endurecer/ ee- e fica grossinho grossinho e muito bem/ pode ser também com água/ mas já não fica bom/ se te parece que está um pouco doce o chocolate **prova**-o e c- **colocas** um pouquinho mais/ maaas/ os chocolates sempre estão/ muito muito gostosos (risos))

(ENTREVISTA 24 – VAL024333MB00)

Nossos resultados se alinham aos da pesquisa de Lucca (2005). A autora analisou a alternância de *tu/você* na fala de adolescente brasileiro do gênero masculino, com idades compreendidas entre 15 a 19 anos, e que cursavam o ensino médio em escolas públicas do Distrito Federal. A pesquisadora abordou os temas que atravessavam a entrevista sociolinguística a partir da familiaridade que os informantes tinham com esses. Desse modo, Lucca estabeleceu temas *mais familiares* e *menos familiares* para a variável *familiaridade com o tema discursivo*. Temas do cotidiano, conversas banais e fatos que versavam sobre o dia a dia dos jovens foram considerados como temas *mais familiares*, para os quais a autora hipotetizou que os jovens fariam uso da variante recorrente em seu grupo, ou seja, *tu*. Já os temas que escapavam à experiência de vida dos falantes e representavam um complicador no ato comunicativo, foram considerados como temas menos familiares e mais monitorados pelo falante.

Fazendo uso do mesmo programa estatístico utilizado nesta pesquisa, essa variável foi o quarto grupo considerado como mais significativo. Os resultados aos quais chegou Lucca (2005) foram bastante relevantes. Os dados relevaram um propenso uso de *tu* em temas mais familiares (74%) do que em temas menos familiares (23%). Os pesos relativos confirmam igualmente a diferença nos usos na presença desses fatores. Para temas mais familiares tal peso foi de (.52) e menos familiares (.17).

Esses resultados, segundo a autora, evidenciam uma variação no estilo de fala. Lucca (2005) atribui o uso realizado em temas menos familiares ao contexto *soapbox* da categoria de fala monitorada de Labov (2001). Para a pesquisadora, nesse tipo de fator, o informante sente a necessidade de se posicionar em relação a um determinado tema, de ser convincente. Consequentemente, essa atitude o aproxima do uso da variedade padrão, pois sua fala tende a ser mais planejada e, portanto, fará maior uso da variante *você* e não da variante *tu*.

Freitag (2003), ao analisar a gramaticalização e variação das construções *acho (que)* e *parece (que)* em 36 inquéritos do Banco de Dados Varsul, relativo à cidade de Florianópolis, controlou, conforme adiantamos, o tópico discursivo a partir da complexidade dos temas presentes nas entrevistas. Essas foram estratificadas socialmente de acordo com a escolarização (até 4 anos, de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos), sexo (masculino e feminino) e faixa etária (de 15 a 24 anos, de 25 a 49 e mais de 50 anos). Essa variável foi a quinta selecionada pelo programa IVARB como significativa.

Os resultados mostraram que o uso dessas construções é mais frequente em assuntos considerados menos complexos (74% das 330 ocorrências de *acho* e 70% das 100 ocorrências

de *parece*). No entanto, o uso de *acho* (0.54) é levemente superior a *parece* (0.46) para desempenhar a função de marcador de dúvida. Por outro lado, quando a complexidade do assunto é maior, ainda que a ocorrência dessas formas seja menos recorrente, a variante *parece* é mais frequente que *acho*. A primeira tem peso relativo de (0.61) e a segunda, (0.39). Dessa forma, para a autora, assuntos experienciados ou presumidamente experienciados devem ser menos complexos para o falante do que assuntos que não foram experienciados.

Outro estudo para o qual a variável *tópico discursivo* foi bastante relevante, sendo selecionada como o primeiro grupo de fatores significativo, é a pesquisa de Kanwit (2015). Esse autor analisou o fenômeno variável presença/ausência de *de* em cláusulas subordinadas iniciadas por *que* na fala de informantes da cidade de Caracas, Venezuela. Sabe-se que, em espanhol, a ausência ou presença dessa forma dá origem aos fenômenos conhecidos como *dequeísmo*, em situações em que o falante acrescenta a preposição *de* a verbos que requerem apenas o uso de *que*; e, ao contrário, quando o falante omite a preposição em verbos que a exigem, dando origem ao fenômeno conhecido como *queísmo*. A amostra analisada constituiu-se de 160 gravações, de 30 minutos, estratificadas socialmente em *classe social*, *sexo* e *idade*.

Ao considerar a variável *tópico discursivo*, Kanwit (2015) estabeleceu três contextos: *Carregados emocionalmente*, que abrangia temas possivelmente ofensivos; *importantes*, com temas de importância para o falante e *neutral*, com tópicos genéricos e inofensivos, ou seja, temas neutros. Os resultados evidenciaram maior frequência de uso de *de que* em temas *carregados emocionalmente* (peso relativo .90), ligeiramente favorecido em contextos *importantes* (.53) e desfavorecido em contextos *neutros* (.40). Por outro lado, como esperado, o *queísmo* teve maior incidência com *neutros* (.66), e foi desfavorecido nos contextos com temas *importantes* (.34), seguido pelo fator *carregados emocionalmente* (.27). A pesquisa revelou que o tema tratado nas entrevistas condiciona a variação presença/ausência de *de*, na medida em que os tópicos fossem mais carregados emocionalmente.

Semelhante a Lucca (2005), podemos atribuir os trechos de fala dos informantes às categorias e subcategorias elaboradas por Labov (2001) ao propor o modelo de *árvore de decisão*. Se observamos, quando o falante discorre sobre suas experiências de vida, narrativas de infância, o que envolve temas como primeira comunhão, festas e jogos da infância, casa, férias etc., registra-se um estilo de fala mais casual típico das subcategorias *narrativa* e *infância*. Por outro lado, quando o falante opina de maneira genérica sobre algum tema e não direciona o discurso diretamente para o entrevistador, mas a um público mais amplo

(subcategoria *soapbox*), faria uso de uma fala mais cuidada. No entanto, em vários momentos das entrevistas, flagramos o uso do *tuteo* impessoal mesmo em assuntos em que o informante teria de opinar sobre temas considerados, por nós, como mais complexos, como podemos observar no exemplo abaixo:

(46)[...] cuando van hacer oposición/ se desalientan muchísimo porque resulta que/ hayy cantidad de gente que se presenta/ yy hay poquíssimas plazas/ entonces de entrada ya van un poco vencidos/ yy- y **tiens** que (chasquido)/ no sé/ mm/ darles una fuerza moral para que sigan adelante/ (quando eles vão prestar concurso/ se desanimam muitíssimo porque acontece que/ há muitos concorrentes/ ee há poquíssimas vagas/ então já começam um pouco vencidos/ ee- e **tens** que (estalo)/ não sei/ mm/ dar-lhes força moral para que eles continuem adiante/)

(ENTREVISTA 10 – VAL01033MB98)

Nesse trecho, a informante é interpelada sobre quais são os problemas enfrentados pela juventude. Através de marcas linguísticas como “no sé” e repetições como “yy- y”, “mm” sobre as quais a informante se apoia para planejar o discurso, percebemos certa insegurança ao opinar, o que pode tratar-se de um assunto mais complexo para ela. Apesar da relação utilizada entre entrevistador e entrevistada ser de iguais não solidários, ou seja, *usted – usted*, registra-se na fala dessa o uso de *tú* impessoal. Assim como afirma Lucca (2005), ponderamos que esse uso pode estar atrelado ao fato de, em consequência do assunto abordado e mesmo sem ter consciência disso, o falante alterna o estilo indeterminando o referente para generalizar o discurso.

5.2.3.2 *Estilo discursivo*

Como adiantado, Van Dijk (1990) concebe os estilos discursivos como um conjunto de características estilísticas que determinados gêneros discursivos possuem. Nesse sentido, ao entendermos estilo como as escolhas linguísticas que o falante realiza ao considerar os contextos comunicativos nos quais participa, cremos ser fundamental o controle dessa variável a fim de verificarmos o comportamento linguístico na comunidade de fala valenciana – quanto ao fenômeno abordado – ao usarem os diferentes gêneros discursivos elencados. Além de significativo em alguns estudos, a serem mencionados posteriormente, o estilo discursivo, de acordo com Medina-Rivera (1999, p. 537, tradução nossa), “[...] mostra que a fala não é homogênea em natureza, mas quando se analisam os seus componentes, mostra

uma diversidade de complexidades em sua estrutura interna”.⁴³

Em consonância com o que expomos em nossa metodologia, a equipe responsável pela elaboração do *corpus* PRESEVAL estrutura a entrevista considerando uma dimensão estilístico-textual, na qual surgem sequências textuais classificadas de acordo com a finalidade e propósito comunicativo. O objetivo, segundo a equipe:

[...] não está agora em comprovar as estruturas prototípicas dos tipos de texto [...] nem descobrir as sequências dominantes, secundárias ou incrustadas na organização do discurso, mas em conhecer os usos linguísticos que os falantes empregam nas diferentes sequências e enunciados que aparecem combinados nas passagens do discurso oral. (GÓMEZ MOLINA, 2005, 36, tradução nossa)⁴⁴.

Destarte, adotando as propostas de Werlich (1975 *apud* GÓMEZ MOLINA, 2005, p. 35) e Adam (1985, 1990, 1992 *apud* GÓMEZ MOLINA, 2005, p. 35) sobre as tipologias textuais, a equipe supracitada desenha a entrevista sociolinguística considerando os seguintes estilos discursivos: *narrativo*, *expositivo*, *argumentativo*, *descritivo* e *dialogal*, que apresentam os seguintes objetivos e considerações:

- A. Secuencia narrativa. El objetivo es que autor y protagonista queden identificados en el informante, lo cual aumenta el interés del relato para el entrevistador y permite manifestar la subjetividad del entrevistado al narrar sus propias vivencias y testimonios.
- B. Secuencias expositivo-explicativas. La secuencia expositiva ofrece una información que contribuye a incrementar el conocimiento del destinatario. El locutor puede servirse de recursos narrativos y descriptivos. La secuencia explicativa ofrece información para saber hacer, para hacer comprender y para clarificar cuando hay demandas de explicación [...].
- C. Secuencias argumentativas. Esta práctica discursiva consiste en la presentación de argumentos que hagan creíble o aceptable una determinada conclusión; es un uso al mismo tiempo expresivo y perlocutivo del lenguaje. Si el objetivo es convencer, persuadir o provocar la adhesión, el objeto ha de ser un tema controvertido, dudoso, hipotético, etc. que admita distintas maneras de tratarlo. El entrevistado manifiesta su modo de interpretar la realidad a través de expresiones razonadas, axiológicas (evaluativas) y modalizadoras. En el texto hablado es muy habitual utilizar el procedimiento de contraposición: se comienza exponiendo la opinión personal y después se contrapone a la de otros.
- D. Secuencias descriptivas. Las secuencias descriptivas presentan siempre un anclaje que orienta al destinatario mediante claves espaciales (lugares, objetos, etc.). La descripción se aplica tanto a estados como a procesos.
- E. Secuencias dialogales. Aunque pueda parecer una contradicción, dado que la entrevista utiliza como medio la conversación y a través de ella se han ido

⁴³ “[...] muestra que el habla no es homogénea en naturaleza, sino que cuando se analizan sus componentes, muestra una diversidad de complejidad en su estructura.” (MEDINA-RIVERA, 1999, p. 537).

“[...] no radica ahora en comprobar las estructuras prototípicas de los tipos de texto [...] ni tampoco en descubrir las secuencias dominantes, secundarias o incrustadas en la organización del discurso, sino en conocer los usos lingüísticos que los hablantes emplean en las diferentes secuencias y enunciados que aparecen combinadas en los pasajes del discurso oral.” (GÓMEZ MOLINA, 2005, 36).

desgranando las secuencias textuales anteriores, se ha creído oportuno clasificar y mantener este tipo de secuencia, puesto que el módulo temático contiene una serie de preguntas que permiten una interacción dialógica con intervenciones cortas sobre temas reales e hipotéticos, y de mayor espontaneidade, ya que se desarrollan en la última parte de la entrevista. (GÓMEZ MOLINA, 2005, *passim*).⁴⁵

Assim, pela significância por ora evidenciada, assumimos que o *estilo discursivo* possa condicionar a variação entre as formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência e, após o tratamento estatístico pelo qual essa variável foi submetida, chegamos aos percentuais e pesos relativos apresentados na tabela abaixo. Contemplemo-los.

Tabela 13 – Atuação do grupo de fatores *estilo discursivo* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Expositivo	104/105	99.0	0.890
Argumentativo	327/348	94.0	0.751
Dialogal	190/201	94.5	0.394
Narrativo	346/402	86.1	0.341
Descritivo	218/230	94.8	0.251

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Essa variável ocupa o quarto lugar na ordem de significância estabelecida pelo programa estatístico GOLDVARB (2005). Como podemos observar, os *estilos expositivos* e *argumentativos*, para a nossa surpresa, apresentam o maior percentual de uso da forma *tú*, com 0.890 (cf. exemplo 46) e 0,770 (cf. exemplo 45) de peso relativo, respectivamente. Seguem-lhes o *estilo dialogal*, *narrativo* e *descritivo*, com os pesos relativos 0.406 (cf.

⁴⁵ “A. Sequências narrativas. O objetivo é que autor e protagonista fiquem identificados no informante, o qual aumenta o interesse do relato para o entrevistador e permite a subjetividade do entrevistado ao narrar suas próprias vivências e testemunhos.

B. Sequências expositivo-explicativas. A sequência expositiva oferece uma informação que contribui para incrementar o conhecimento do destinatário. O locutor pode servir-se de recursos narrativos e descritivos. A sequência explicativa oferece informação para saber fazer, para fazer compreender e para clarificar quando há demandas de explicação [...].

C. Sequências argumentativas. Esta prática discursiva consiste na apresentação de argumentos que façam crível ou aceitável uma determinada conclusão; é um uso ao mesmo tempo expressivo e perlocutivo da linguagem. Se o objetivo é convencer, persuadir ou provocar a adesão, o objeto será um tema controvertido, duvidoso, hipotético, etc. que admita distintas maneiras de tratá-lo. O entrevistado manifesta seu modo de interpretar a realidade através de expressões pensadas, axiológicas (avaliativas) e modalizadoras. No texto falado é muito habitual utilizar o procedimento de composição: começa-se expondo a opinião pessoal e depois contrapõe-se à de outros.

D. Sequências descritivas. As sequências descritivas apresentam sempre uma ancoragem que orienta o destinatário mediante chaves espaciais (lugares, objetos, etc.). A descrição aplica-se tanto a estados como a processos.

E. Sequências dialogais. Ainda que possa parecer uma contradição, pois a entrevista utiliza como meio a conversa e através dela desfiaram-se as sequências textuais anteriores, acredita-se ser oportuno classificar e manter este tipo de sequência, posto que o módulo temático contém uma série de perguntas que permitem uma interação dialógica com intervenções curtas sobre temas reais e hipotéticos, e de maior espontaneidade, já que se desenvolvem na última parte da entrevista. (GÓMEZ MOLINA, 2005, *passim*, tradução nossa)”.

exemplo 47), 0.326 (cf. exemplo 48) e 0.234 (cf. exemplo 49), respectivamente. Os dados contrariaram as nossas expectativas, pois esperávamos, por exemplo, que o *estilo narrativo* liderasse com o uso de *tú*, posto que, em narrativas pessoais, as formas tidas como informais são mais expressivas (SILVA, 2016). Por outro lado, hipotetizamos que estilos cuja exigência de conhecimento fosse maior por parte do falante, como o *estilo argumentativo*, o uso de *usted* seria predominante. Isso se justificaria porque, nesses contextos, o falante, ao ter de se posicionar sobre determinado assunto, teria um estilo de fala mais cuidada.

(47)[...] porque no creo que haya un diccionario de cómo educar a los hijos/ o por lo menos a mí no me lo han da(d)o/ o sea yo noo ... yy les **aconsejas** para bien// después lo **estarás** acertando o no lo **acertarás**/ no lo sé/// después ellos cogen los frutos/ o sea si **has acerta(d)o** o no **has acerta(d)o**/ o sea ... pero es una de las cosas quee- los jóvenes// nos hacemos novios// **das** el paso/ te **casas/ tienes** hijos// y **das** ese paso y vienen/ y en verdad nadie te ha prepara(d)o para educar a esos hijos/ [...] ([...] porque não acho que exista um dicionário de como educar os filhos/ ou pelo menos a mim não me deram/ ou seja nãoo ... ee os **aconselhas** para o bem/ depois **estarás** acertando ou não **acertarás**/ não sei/// depois eles colhem os frutos/ ou sejaa se **acertaste** ou não **acertaste**/ ou seja ... mas é uma das coisas que- os jovens// namoramos// **dás** um passo/ **casas/ tens** filhos// e **dás** esse passo e vêm// e na verdade ninguém te preparou para educar esses filhos/ [...])

(ENTREVISTA 9 - VAL00912HC02)

(48)[...] el único inconveniente que veo del campo// es si no **tienes** un automóvil// para desplazarte// o sea aparte del que tenga el marido que se vaa a trabajar con él// pues si **tú** no tienes un automóvil paraa irte al centro/ pues por lo que pueda suceder/ pues es el gran inconveniente// si no **tienes**/ pues autobús/ o tren para acercarte a la ciudad// ee// ¿la ciudad?/ pues por mi carácter/ me gusta estar comunicada y poderme mover ([...] o único inconveniente que vejo do campo// é se não **tens** um automóvel// para deslocar-te//ou seja ainda tem o marido que se vaai trabalhar com ele// pois se **tu** não tens um automóvel paraa tu ires ao centro/pois pelo que possa acontecer/ pois é um grande inconveniente// si não **tens**/ pois ônibus/ ou trem para ires à cidade// viu// a cidade? pois pelo meu carácter/ eu gusto de estar comunicada e poder deslocar-me/)

(ENTREVISTA 4 - VAL00412MC01)

(49)[...] mi respuesta es hay un montón de cosas que quiero hacer pero no sé cuáles son// ¿me **entiendes** lo que te digo?// quiero dejar que la vida me vaya mostrando cosas/// ([...] minha resposta é existe um monte de coisas que quero fazer mas não sei quais são// me **entendes** o que eu te digo?// quero deixar que a vida vá me mostrando coisas///)

(ENTREVISTA 21 - VAL02111HC06)

(50)[...] pues mi infancia fue una infancia pues normal/ pero- pero feliz dentro de- de- de los problemas de una casa y dee- de- de una familia/ pues// una infancia feliz// ee ¿qué **quiere** que le diga? ([...] pois minha infância foi uma infância pois normal/ mas- mas feliz dentro do- do- do- dos problemas de uma casa e dee- de- de uma familia/ pois// uma infância feliz// viu o que **quer** que eu lhe diga?)

(ENTREVISTA 06 - VAL00613MB01)

(51)[...] pues mi casa es de noventaa metros y pico o por ahí// es un piso- es un primer piso/ lo tengo arriba dee- del bar propio/ que tenemos// yy **entras**/ es unaa- una entradaa no muy grande// a la derecha está el comedor/ que daa a la

calle// luego pegado al comedor está la habitación/ que también da a la calle/ que es el- el- el balcón quee **puedes** entrar igual por el- el- por el dormitorio/ que por el comedor// luego/ **vas a- das** la vuelta a la izquierda y **tienes** la cocina/ el cuarto de baño enfrente// ([...] pois minha casa tem mais ou menos metros ou por aí/ é um apartamento- está no primeiro andar/ o tenho encima doo- do bar próprio/ que temos// ee **entras/** é uma- uma entrada não muito grande// à direita está a sala de jantar/ que dá para a rua// logo colado à sala de jantar está o quarto/ que também dá para rua/ que é a- a- varanda quee **podes** entrar do mesmo jeito pela- pelo quarto/ ou pela sala de jantar/ **vais a- dás** a volta à esquerda e **tens** a cozinha/ o banheiro em frente//)

(ENTREVISTA 16 - VAL01612MB04)

Os resultados aos quais chegamos distanciam-se daqueles expostos na pesquisa de Medina-Rivera (1999). Preocupado em ampliar os estudos sociolinguísticos, que trabalham com a dimensão estilística, para além das tradicionais variáveis labovianas, esse autor considerou o *tipo de discurso* como variável estilística ao analisar a variação entre a vibrante *multiple* (rr) e *simple* (r), em posição final de sílaba, no espanhol de Porto Rico. Para aquela, analisou-se duas variantes, uma considerada padrão (alveolar [r]) e outra altamente estigmatizada (velar [ʀ]). Para essa, considerou-se as variantes tidas como cultas (alveolar [r]) e (fricativa [ɾ]), diante das variantes não-padrão (lateralizada [l], aspiração [h] e elisão [0]).

Em sua análise, o autor agrupou as sequências *descritivas*, *argumentativas* e *expositivas* em uma mesma categoria intitulada “outros tipos de discurso” por apresentarem probabilidades quase idênticas em uma primeira análise. Os resultados mostraram que o uso das variantes não-padrão foi maior nos tipos de discurso *diálogo* e *narrativa*. Nesta, para esse tipo de variantes, o peso foi de (.58) para a variável (r) frente a vibrante *multiple* (.56). Naquele, o peso foi de (.59) das variantes não-padrão para a variável (r) e (.72), para a variável (rr). O *outros tipos de gênero* tiveram pesos aproximados, (.48) de variantes não-padrão quando a variável era (r) e (.47) na presença da variável *multiple*. O autor explica que a preferência das variantes não-padrão, nos tipos *diálogo* e *narrativa* mais que os outros gêneros, pode estar ligado ao dinamismo e ritmo que caracterizam essas duas sequências.

Avendaño de Barón (2014), citando a Calderón Campos, afirma reconhecer a importância de se abordar os tipos de discursos em pesquisas sociolinguísticas, pois eles ajudam na compreensão das dinâmicas sociais e culturais presentes na comunidade de fala. Desse modo, a autora também controlou o *tipo discursivo* ao analisar a frequência de uso das variantes *sumercé*, *usted* e *tú*, na comunidade de fala de Tunja. No entanto, a análise realizada foi qualitativa, considerando a cortesia *positiva* e *negativa*, ambas são desdobramentos da teoria pragmática sobre a cortesia de Brown e Levinson (1987), reelaborada por Haverkate (1994, *apud* AVENDAÑO DE BARÓN, 2014). A amostra foi composta de 57 informantes estratificados através das variáveis *sexo*, *idade* e *nível de instrução*.

Os dados da pesquisa revelaram que tanto homens (77%) quanto mulheres (62.8%) fazem mais uso de *usted* em todos os discursos (*narrativo, expositivo, argumentativo e descritivo*), seguido por (22%) e (30.5%), respectivamente, de uso de *tú* e (0.49%) e (6.58%), respectivamente, de *sumercê*. Avendaño de Barón (2014) pondera que o uso de *usted* pode estar relacionado à sobrevivência das normas conservadoras e tradicionalmente mais prestigiadas, e ligado à cortesia *negativa*, na qual o falante demonstra respeito, mas não distanciamento diante do interlocutor. O uso de *tú* se enquadraria na cortesia *positiva*, pois, ao demonstrar confiança e aproximação afetiva, o falante procura estabelecer uma excelente relação com o interlocutor. Por fim, a forma *sumercê* é utilizada no trato familiar para demonstrar respeito, cortesia e carinho, bem como uma conotação histórica de submissão. Ao ser usada, em ambos os sexos, para se reportar aos membros da família e fazê-los sentir-se bem, essa forma se enquadraria na cortesia *positiva*, segundo teorias abordadas.

No que se refere aos dados que obtivemos para essa variável, os quais, como expusemos, causou-nos bastante surpresa, ponderamos que outros fatores possam ter influenciado tais resultados quando da rodada multivariada. Nesse tipo de análise, conforme explicitado na seção dedicada aos procedimentos metodológicos, a atuação de um fator é controlada ao mesmo tempo em que se controlam a atuação dos demais fatores elencados na pesquisa (GUY e ZILLES, 2007). Desse modo, para checar a influência de outros fatores sobre os resultados para a variável analisada em questão, decidimos pelo cruzamento estatístico a fim de encontrarmos dados que nos ajudassem a explicar o panorama apresentado na tabela acima. Em seguida, expomos os resultados do cruzamento com a variável *tipo de discurso*.

Tabela 14 – Cruzamento entre os grupos de fatores *estilo discursivo* e *tipo de discurso*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Narrativo	Discurso de fala própria	197	96	8	4
	Discurso reportado do próprio entrevistado	38	54	32	46
	Discurso reportado de terceiros	111	87	16	13
Expositivo	Discurso de fala própria	93	99	1	1
	Discurso reportado do próprio entrevistado	8	100	0	0
	Discurso reportado de terceiros	3	100	0	0
Argumentativo	Discurso de fala própria	263	94	16	6
	Discurso reportado do próprio	26	100	0	0

	entrevistado				
	Discurso reportado de terceiros	38	88	5	12
Descritivo	Discurso de fala própria	216	96	10	4
	Discurso reportado do próprio entrevistado	0	0	0	0
	Discurso reportado de terceiros	2	50	2	50
Dialogal	Discurso de fala própria	163	94	10	6
	Discurso reportado do próprio entrevistado	8	100	0	0
	Discurso reportado de terceiros	19	95	1	5

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A decisão em cruzar a variável *estilo discursivo* e *tipo de discurso* não foi aleatória. Em princípio, quando da coleta do *corpus*, chamou-nos a atenção a aparição da variante *usted* em vários trechos de *fala reportada do próprio entrevistado* e *fala reportada de terceiros*, por exemplo, quando o(a) informante narrava algum fato ocorrido no âmbito laboral (cf. exemplo 50 e 51) ou em situações que envolviam uma relação de distanciamento (cf. exemplo 52). Nesses contextos, Hernández Alonso (1986 *apud* MORÍN RONDRÍGUEZ, 1995) delimita três principais usos e valores para essa variante: o respeitoso e cortês, o distanciador e o estereotipado. De fato, como podemos observar na tabela acima, foi no tipo de *estilo discursivo narrativo*, especificamente, nos tipos de fatores supracitados, que a forma de tratamento *usted* teve maior incidência. Após uma breve contextualização, observemos os trechos a seguir.

No exemplo (50), a informante, que, quando da entrevista, trabalhava como auxiliar em uma residência de freiras para anciãos, relata um desentendimento que teve com a filha de uma das anciãs. No exemplo (51), o informante, que trabalhava como mecânico, conta-nos uma situação de um problema com o carro de um médico, seu cliente. No outro exemplo (52), a informante narra uma anedota ocorrida em uma viagem feita com um grupo de amigos, em 1992, para o Caribe, e na qual precisou realizar uma chamada para a Espanha para felicitar a família pela passagem do ano novo.

(52)[...] viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ ¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ y dice es que yo cuando vengo los miércoles y los viernes a verla/ tiene que llevarla puesta digo ¡ay! ¿y eso por qué?/ dice es que si nos está muy fea/ digo pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar/ como *usted* comprenderá// pues cuando yo venga que la tenga puesta/ digo ¡mire! en la mesita está// coja *usted* y póngasela// porque dentro de cinco minutos yo se la voy a quitar/// así que cuando *usted* quiera/ puede venir a la hora que quiera/ le cuesta poco ponérsela/ ¡ah yo no!! ¡pues yo tampoco! (risas) ([...] vem um dia um- outra/ perguntando pela

dentadura da sua mãe// digo (risos)/ *a dentadura da sua mãe? Na mesinha/ y diz é que quando eu venho às quartas-feiras e às sextas-feiras para vê-la/ ela tem de levá-la posta digo ah! e por quê?/ diz é que ela fica muito feia/ digo pois, **olhe**, se eu vou dar de comer a ela, ela pode se afogar/ como você compreenderá// pois quando eu venha que ela a tenha posta/ digo **olhe!** está na mesinha// pegue **você** e a **coloque** nela// porque dentro de cinco minutos eu a tirarei// de modo que quando **você** queira/ **pode** vir a hora que **quiser!** não lhe custa nada colocá-la/ ah, eu não!/ pois eu também não! (risos))*

(ENTREVISTA 14 - VAL01413MC03)

- (53)[...] el cliente y tal// y/ llegoo- llegó con un problema con un seiscientos// yy- y que no salía/ no salía el problema// el coche iba bien/ quince días/ veinte días/ a los veinte días volvía a tener un fallo/ total quee/ ¡claro! lo dejabaa/ ¡ché! *pues hoy te lo puedo dejar/ mañana no/ en ese plan// yy tardamos pues casii un par de meses en encontrarle la pega/ hasta que un día le dijimos/ **déjelo** yy **tenga/ váyase a pie** yy ya se lo solucionaremos// entonces se solucionó y tal/ y el hombre la expresión de él fue/ la suerte que tenéis vosotros es que los coches no se mueren// (risos) ¿me **comprende?**/ porque a nosotros nos pasa eso/ que no encontramos la pega/ y si se muere el tío te meten en la cárcel [...]* ([...] o cliente e tal// e// chegou- chegou com um problema com um seiscientos// ee- e que não saia/ não saia o problema// o carro ia bem/ quinze dias/ vinte dias/ aos vinte dias voltava a ter uma falha/ resumindo quee/ claro! o deixavaa/ *cara! pois hoje eu posso deixá-lo/ amanhã não/ desse jeito// ee demoramos pois quase uns dois meses para encontrar o problema/ até que um dia lhe dissemos/ **deixe-o ee tenha/ vá a pé e vamos resolver para você!** então se resolveu e tal/ e o homem a expressão dele foi/ a sorte que vocês têm é que os carros não morrem// (risos) me **entende?**/ porque nos passa isso/ que não encontramos o problema/ e se o cara morre te colocam na prisão [...]*)

(ENTREVISTA 2 - VAL00213HB01)

- (54)[...] digo *me voy a averiguar como puedo llamar/ me voy aal- a recepción del hotel y le digo **oiga** yo quiero llamar a España// quiero saber cuánto vaale/ qué tengo que hacer// y me dice **mire!** el señor me dice// **mire/ es que el teléfono de aquí// es funicular/** ent- y yo a cuadros/ porque no entendía nada/ y yo vale/ muy bien// porque claro si le pregunto qué es funicular// y me dice *pero si sigue usted recto/ y **pasa la pluma**// nada más pasar la pluma hay una casa y allí hay un señor que le dejará hablar- llamar por teléfono/ y yo dije ¡ah! vale/ vale muy bien// no sabía lo que era la pluma/ no sabía lo que era funicular/ o sea yo no sabía nada// y dije ya lo averiguaré// porque además yo ahí me lo tomo con mucha tranquilidad y muuy bien/ y entonces le dije ¿y **sabe** cuánto vale llamara a España/ ¿cuánto me puede costar?// y dice pues no/ no lo sé pero sé lo que vale llamar a Canadá// total que dije- me fui [...]* ([...] digo *vou chegar como posso ligar/ vou aa- recepção do hotel e lhe digo **escute** eu quero realizar uma chamada para Espanha// quero saber quanto custa/ o que tenho que fazer// e me diz **olhe!** o senhor me diz// **olhe!** é que o telefone daqui// é funicular/ ent- e eu sem saber o que dizer/ porque não entendia nada/ e eu **ok/ muito bem!** porque claro se eu o pergunto o que é funicular// e me diz *mas se **você** segue reto/ e **pasa** a “pluma”// basta passar a “pluma” tem uma casa e ali tem um senhor que lhe deixará falar- ligar/ e eu disse ah! ok/ ok muito bem// não sabia o que era a “pluma”/ não sabia o que era funicular/ ou seja não sabia nada// e disse *depois eu vejo isso// porque além disso eu com isso sou muito tranquila e muuito bem/ e então eu lhe disse/ e **sabe** quanto custa para realizar uma chamada para Espanha/ quanto pode me custar?// e diz pois não/ não sei as sei quanto custa para ligar para o Canadá// resumindo que disse- fui embora [...]*)***

(ENTREVISTA 01 – VAL00132MC96)

Diante do exposto, acreditamos que a forma de tratamento *usted* parece manter-se como preferida, pelos indivíduos valencianos, quando a situação comunicativa se desenvolve

no âmbito profissional. Como podemos observar nos exemplos, os informantes utilizam um tratamento mais formal para se referir ao seu interlocutor, seja pela consciência de um distanciamento ou para demonstrar respeito, aspectos esses que estão envolvidos nesses tipos de relação e que podem condicionar a variação pronominal.

Sobre o uso recíproco de *usted*, tais como nos exemplos (50) e (52), Blas Arroyo (1995) assevera que o surgimento frequente desse tipo de tratamento, em várias situações de fala, não se deve à extensão da *solidariedade* na contemporaneidade. Não estaríamos, pois, segundo o autor, diante da sobreposição da semântica da *solidariedade* sobre a do *poder*, mas:

Lo que ocurre es que, frente al carácter categórico del trato asimétrico entre ambos en tiempos pretéritos, los cambios sociales experimentados en los últimos tiempos parecen haber impulsado un tratamiento recíproco en torno a usted. Una forma cuyo uso, por lo demás, puede entreñar diferentes significaciones, ya sea como marca de distancia máxima por parte del individuo situado en lo alto de la escala de diferenciación jerárquica, ya como manifestación de respeto o subordinación por parte del participante inferior. Lo que en cualquier caso parece evidente es que tal reciprocidad en el tratamiento no anula en absoluto la desigualdad latente entre los interlocutores, una desigualdad que puede manifestarse además a través de otros medios lingüísticos y extralingüísticos. (BLAS ARROYO, 1995, 233-234).⁴⁶

É imperioso ressaltar que os exemplos acima apresentados são, apenas, uma pequena mostra representativa desse uso. Este foi registrado em outros inquéritos, porém, por conta da brevidade, optamos por não os apresentar em sua totalidade. Assim, ponderamos que esse aspecto possa ter incidido nos resultados para o *estilo discursivo narrativo* quando da rodada multivariada. No entanto, ao cruzarmos as duas variáveis em questão, é forçoso evidenciar o ainda significativo percentual de uso da forma *tú* nos três fatores que compõem a variável *tipo de discurso* ao produzirem um *estilo narrativo*. Todos com porcentagens acima de (50%), sendo (96%) para o *discurso de fala própria*, (87%) para o *discurso reportado de terceiros* e (54%) para o *discurso reportado do próprio entrevistado*. Em vista disso, consideramos que a nossa hipótese, para esse estilo, confirma-se pelo menos parcialmente, pois claro está que essa forma continua sendo a preferida, conforme apontado por Silva (2016), sobre a predileção pelas variantes informais quando o falante se propõe a narrar algo.

No que diz respeito à forte presença do *tuteo* nos estilos *discursivos expositivo* e *argumentativo*, parece-nos que esse fenômeno tem se generalizado, inclusive, em contextos

⁴⁶ “O que ocorre é que, diante do caráter categórico do tratamento assimétrico entre ambos em tempos passados, as mudanças sociais experimentadas nos últimos tempos parecem ter impulsionado um tratamento recíproco em torno a *usted*. Uma forma cujo uso, além disso, pode originar diferentes significações, seja como marca de distância máxima por parte do indivíduo situado no alto da escala de diferenciação hierárquica, seja como manifestação de respeito ou subordinação por parte do participante inferior. O que em qualquer caso parece evidente é que tal reciprocidade no tratamento não anula de modo algum a desigualdade latente entre os interlocutores, uma desigualdade que pode manifestar-se ademais através de outros meios lingüísticos e extralingüísticos.” (BLAS ARROYO, 1995, 233-234, tradução nossa).

em que se supõe que o falante teria uma fala mais monitorada. Ao ter de opinar sobre um determinado tema que, muitas vezes, não foi experienciado, espera-se que o falante produza um estilo de fala mais cuidada, do tipo *soapbox* da árvore de decisão laboviana. Entretanto, ao cruzarmos as variáveis supra, não apenas os *estilos discursivos expositivo e argumentativo*, mas em todos os demais estilos, o percentual de uso de *tú* é bem mais significativo que o uso de *usted*, como podemos observar na tabela acima.

Ainda sobre o estilo *expositivo* e o *argumentativo*, realizamos outro cruzamento, dessa vez com a variável *complexidade do assunto*, por acreditarmos que o tema abordado na entrevista possa ter exercido influência no índice de uso do *tuteo*. Em outras palavras, ponderamos que se o falante opina ou expõe sobre um assunto que é, por exemplo, mais pessoal, mais familiar, mais experienciado, a tendência seria o uso da variante *tú*. Por outro lado, ao ter de argumentar sobre algo mais formal como política, economia, etc., a preferência seria pela variante *usted*. Dessa forma, a escolha entre uma variante ou outra estaria mais vinculada ao assunto abordado do que com o estilo discursivo. Abaixo, apresentemos os resultados desse cruzamento:

Tabela 15 – Cruzamento entre os grupos de fatores *estilo discursivo* e *complexidade do assunto*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Narrativo	Assuntos menos complexos	342	88	46	12
	Assuntos mais complexos	4	29	10	71
Expositivo	Assuntos menos complexos	93	99	1	1
	Assuntos mais complexos	11	100	0	0
Argumentativo	Assuntos menos complexos	107	99	1	1
	Assuntos mais complexos	220	92	20	8
Descritivo	Assuntos menos complexos	218	95	12	5
	Assuntos mais complexos	0	0	0	0
Dialogal	Assuntos menos complexos	173	96	8	4
	Assuntos mais complexos	17	85	3	15

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Ao observamos a tabela acima, de fato, quando comparamos o uso feito da variante *tú* nos *assuntos menos complexos*, verificamos o seu percentual de uso sempre acima do percentual nos *assuntos mais complexos*, apesar de esses serem igualmente elevados. No entanto, precisamos olhar com cautela para esses resultados, pois, em alguns contextos com *assuntos mais complexos*, percebemos a ausência de uso da variante *usted*, como no estilo *expositivo* e em ambos os contextos no estilo *descritivo*. Resguardado esse aspecto, também observamos o percentual de uso mais saliente, dessa variante, nos contextos com *assuntos*

mais complexos do que em *assuntos menos complexos*.

Ao olharmos, separadamente, para os percentuais de uso da variante *tú* e *usted* nos estilos *narrativo* e *argumentativo*, e se levarmos em consideração a quantidade de uso dessas variantes, percebemos que, neste estilo, *usted* apareceu mais que nos outros estilos (20 dados) e, justamente, em contextos com *assuntos mais complexos*. Obviamente, notamos, como exceção, o estilo *narrativo* e, claro, esse é um estilo em que há maior produção de fala do informante. Em um contexto com mais dados, maiores são as possibilidades de uma variante ocorrer. Por outro lado, observamos que, nesse estilo, o uso da variante *tú* é maior que o uso realizado em todos os demais estilos (342 dados). Dessa forma, parece-nos que os resultados não contrapõem o que aporta a literatura, mas a contrariam em função do tipo de assunto abordado na interação comunicativa.

Por fim, é interessante abordarmos outro aspecto da variação entre essas formas, relacionado ao nível de consciência do falante. Seguindo a Schilling-Estes (2002), sabemos que a mudança de estilo pode dar-se tanto de modo consciente como de modo inconsciente, ou seja, o falante usa determinadas variantes sem ao menos perceber que as está usando. Ao longo da coleta dos dados, notamos que ambas perspectivas parecem permear as entrevistas e podem explicar os resultados em questão. Por um lado, observamos uma mudança de estilo que parece ser consciente onde o falante adapta a sua fala tendo em vista o seu interlocutor, o que nos remete ao modelo de *Audience Design* proposto por Bell (1984). Lembremos que, para esse autor, o falante alterna o seu estilo de fala para se assemelhar ao seu interlocutor. Nos exemplos (53) e (54), a informante que, no início da entrevista, refere-se ao entrevistar utilizando *usted*, alterna para *tú* a partir da metade da entrevista. Vale ressaltar que o tratamento utilizado pelo entrevistador foi, desde o início, *tú*. Confirmamos os exemplos⁴⁷ que, apesar de ser utilizado o paradigma pronominal dessas formas, evidenciam sua alternância:

(55) si yo **le** fuera a vender mi piso/ hombre pues yoo lo primero que diría es su situación/ [...] (se eu fosse vender-**lhe** o meu apartamento/ rapaz pois eu a primeira coisa que eu diria era a sua situação/ [...])

(ENTREVISTA 14 – VAL01431MC99)

(56) yo- yo ya **te** he dicho/ que sólo voy a dos o três sítios (risas)/ (eu- eu já **te** disse/ que só vou a dois ou três lugares (risos)/)

(ENTREVISTA 14 - VAL01431MC99)

Como podemos observar, a alteração de uma relação assimétrica para uma simétrica,

⁴⁷ Advertimos que os exemplos, por ora apresentados, foram analisados apenas qualitativamente a fim de ilustrar a alternância pronominal realizada pela entrevistada. Tais exemplos não participaram das rodadas estatísticas por serem pronomes que não assumem a posição de sujeito na oração, perspectiva essa que adotamos para esta pesquisa, conforme explicitado na seção referente à metodologia.

operada pela informante, não nos parece aleatória, mas ela tem consciência de sua fala tendo em vista um interlocutor que lhe *tutea*. Por outro lado, em vários inquéritos, a relação estabelecida entre os interlocutores, desde o início das entrevistas, é simétrica com o uso de *tú* – *tú*. Também podemos supor que possa haver aí um uso inconsciente dessa forma, oriundo das transformações sociais contemporâneas que têm dado grande pujança ao uso do *tuteo* nas comunidades de fala espanhola.

5.2.3.3 Relação de proximidade entre os interlocutores

Desde o trabalho pioneiro de Brown e Gilman (1960) sobre a semântica do *poder* e *solidariedade*, a relação estabelecida entre os interlocutores em uma situação comunicativa tem merecido especial atenção nos estudos que lidam com a variação entre as formas de tratamento. Conforme esses autores, o uso dessas formas está correlacionado ao tipo de relação estabelecida entre esses indivíduos, nessa interação. Como explicitado anteriormente, nas relações em que imperam o *poder*, o tratamento é assimétrico como podemos observar no seguinte excerto (BROWN; GILMAN, 1960, p. 255): Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V*.⁴⁸

Em outro extremo encontra-se a semântica da *solidariedade* que envolve as relações mais simétricas. Ainda de acordo com os autores: “Solidarity comes into European pronouns as a mean of differentiating address among power equals. It introduces a second dimension into the semantic system on the level of power equivalents.”⁴⁹ (BROWN e GILMAN, 1960, p. 258). Não obstante, na visão de Blas Arroyo (1995), com o qual concordamos, essas duas dimensões não determinam um tratamento categórico, mas podem ser reinterpretadas pelos participantes a depender da situação comunicativa.

Sendo assim, como no contexto da entrevista podem existir relações de maior ou menor proximidade entre entrevistado e entrevistador (VALLE e GÖRSKI, 2016), interessou-nos analisar até que ponto essas relações influenciam a variação entre as formas de tratamento

⁴⁸ “Poder é a relação entre, pelo menos, duas pessoas e não é recíproca, no sentido de que duas pessoas não podem ter poder na mesma área de comportamento. A semântica do poder é similarmente não recíproca. O superior diz *T* e recebe *V*.” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 255, tradução nossa).

⁴⁹ “A solidariedade entra nos pronomes europeus como um meio de diferenciar o tratamento entre iguais de poder. Introduce uma segunda dimensão no sistema semântico sobre o nível de poderes equivalentes.” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 258, tradução nossa).

tú e *usted* na comunidade de fala valenciana. Entretanto, sabemos que medir o grau de proximidade entre os interlocutores não é uma tarefa simples. Para que tenhamos dados mais seguros, é necessário estabelecer critérios a partir dos quais possamos classificar as relações estabelecidas entre esses indivíduos (COELHO e NUNES DE SOUZA, 2014). Desse modo, para que pudéssemos controlar a variável em questão, construímos uma variável complexa – explicitada em nossos procedimentos metodológicos – tomando, como base, o instrumental de análise de Valle e Görski (2016).

A princípio, é basilar explicitarmos que, em uma primeira rodada, a variável que analisamos foi descartada pelo programa GOLDVARB (2005) como significativa, juntamente com a variável *escolaridade*. Ao obtermos esses resultados, acreditamos que a quantidade de informantes presentes em cada fator, a saber, *distanciamento*, *proximidade intermediária* e *proximidade alta*, pudesse ter alguma influência que resultasse na insignificância estatística. Após definirmos as relações entre informantes e entrevistador, de acordo com os critérios estabelecidos, o número de indivíduos que se encaixavam no tipo de relação *distanciamento* era superior aos demais fatores. Foram 20 informantes nesse fator, 13 com *proximidade intermediária* e 3 com *proximidade alta*. Abaixo apresentamos os percentuais para essa variável ao ser excluída pelo programa computacional.

Tabela 16 – Distribuição dos pronomes *tú* versus *usted* de acordo com a *relação de proximidade entre os interlocutores*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)
Distanciamento	705/764	92.3
Proximidade intermediária	403/441	91.4
Proximidade alta	77/81	95.1

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Em virtude disso e instigados em saber quais desses fatores poderiam ser, de fato, significativos para a variação, em estudo, quando combinados, decidimos pela amalgamação dos fatores *proximidade intermediária* e *proximidade alta*. Somos sabedores de que o processo de amalgamação precisa ser respaldado tanto por justificativas de ordem teórica quanto por justificativas de ordem quantitativa (GUY e ZILLE, 2007). Desse modo, a decisão em juntar os fatores acima em uma supercategoria foi tomada considerando dois aspectos. Em primeiro lugar, dentro do arranjo metodológico que desenhamos para essa variável, os fatores supra são os que reúnem mais semelhanças entre entrevistador e entrevistado. De acordo com Brown e Gilman (1960, p. 258), nem todo atributo pessoal é suficiente para determinar o tratamento solidário entre duas pessoas. A cor dos olhos, como exemplificam esses autores,

não importa nesse tipo de relação. As semelhanças que têm importância parecem ser aquelas que motivam comportamentos iguais ou similares, como, por exemplo, filiação política, religião, profissão, sexo e local de nascimento.

Apoiamo-nos, ainda, no estudo de Valle e Görski (2016). Ao estudar o processo de mudança e uso variável de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos, essas autoras constataram que os usos desses marcadores eram mais frequentes quando havia uma maior proximidade entre os interlocutores. Sendo assim, pareceu-nos viável e coerente reunir os fatores *proximidade intermediária* e *proximidade alta* (doravante apenas *proximidade*). Em segundo lugar, o efeito desses dois fatores no uso da variante *tú* não apresentou diferenças consideráveis que inviabilizassem tal amalgamação. Conforme tabela, ambos tiveram porcentagens relativamente próximas. Ademais, são os fatores que apresentaram menos dados, haja vista que o número de informantes que se enquadravam nesses tipos de relações era inferior ao número de informantes do fator *distanciamento*. Desse modo, ao amalgamá-los, acreditamos que o efeito pudesse ser distinto ao da primeira rodada.

Após a segunda rodada, agora com os fatores amalgamados, os resultados foram bastante curiosos. A variável, em análise, que antes foi descartada pelo programa no *step down*, agora é selecionada como significativa para a alternância entre *tú* e *usted*. Além disso, como mencionamos anteriormente, a variável *escolaridade* que também foi excluída pelo programa na primeira rodada, passa a mostrar significância estatística. No entanto, após a nova rodada multivariada, a variável *sexo*, selecionada na primeira rodada entre as variáveis significativas, é excluída por não exercer influência no uso da variante regra de aplicação. Ressaltamos que nos debruçaremos sobre essas duas variáveis nas sessões seguintes. Nesse momento, observemos os percentuais para a variável *relação de proximidade entre os interlocutores* após amalgamação dos fatores:

Tabela 17 – Atuação do grupo de fatores *relação de proximidade entre os interlocutores* no uso da variante *tú* versus a variante *usted*

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)	Peso Relativo
Distanciamento	705/764	92.3	0.622
Proximidade	480/522	92.0	0.326

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Esse grupo de fatores foi o sexto selecionado na ordem de significância estabelecida pelo programa estatístico. Os dados causaram-nos grande surpresa. Conforme a tabela acima, a relação marcada pelo *distanciamento* entre os interlocutores favoreceu o uso da variante *tú* (0.622). Em sentido oposto, essa variante foi desfavorecida na presença do fator *proximidade*

(0.326). Configurando, assim, um contexto oposto ao que havíamos pensando e contrariando a nossa hipótese para essa variável.

A fim de ilustrarmos esses usos, no exemplo 55, o informante e o entrevistador não coincidem em suas características. Trata-se de uma mulher, com nível de *escolaridade baixa* e pertencente à *faixa etária 1 (20 a 34 anos)*, configurando-se, assim, um caso de *distanciamento*. Apesar disso, conforme excerto extraído do *corpus*, ao explicar como é a sua casa, a informante *tutea* o entrevistador. No outro trecho (exemplo 56), o falante comparte duas características com o entrevistador, são homens e possuem o mesmo nível de escolaridade, isto é, estudos superiores. No entanto, apesar da proximidade estabelecida, ao ser questionado sobre se apostava nos jogos de loteria, percebemos que a variante utilizada no tratamento ao entrevistador é *usted*.

(57) pues mi casa es un dúplex// de noventa metros cuadra(d)os (risas)/ ees una finca a(b)stractaa// eel arquitecto que la diseñó tiene otra/ al la(d)o del Politécnico/ no sé si la **sabrás** cuál es// ésa verde y [blanca] (pues mi casa es um duplex// de noveta metros cuadrados (risos)/ éé uma imóvel abstrato// oo arquiteto que a deseou tem outra/ ao lado do Politécnico/ não sei se **saberás** qual é/ essa verde e [branca])

(ENTREVISTA 21 - VAL02411MB06)

(58) yo juego a la primitiva todas las semanas/ y como **usted** puede ver hasta ahora no me toca(d)o nada (eu jogo a primitiva todas as semanas/ e como **voçê** pode ver até agora não ganhei nada)

(ENTREVISTA 21 – VAL02133HB00)

Ao analisar a extensão do *tuteo* na cidade de Guadalajara, México, Orozco (2010) encontrou dados que diferem dos nossos. A autora considerou em seu estudo dois grupos de variáveis: um grupo com as características do destinatário e um segundo grupo com as características sociais do falante. No primeiro grupo, classificou-se como variáveis as relações em torno aos eixos do *Poder* de Brown e Gilman (1960) e *Distância*⁵⁰ de Brown e Levinson (1987). Nessa variável, Orozco (2010) mediu o grau de proximidade entre os interlocutores a partir de três categorias: i) relações nas quais há “familiaridade” com o destinatário; ii) relações nas quais há um “tratamento” entre os interlocutores e iii) relações com “desconhecidos”.

No que tange à primeira categoria, a supracitada pesquisadora entende “familiaridade” como a relação que se tem com amigos e familiares; na segunda categoria, a

⁵⁰ Dentro do modelo de cortesia proposto por Brown e Levinson (1987), a *distância* é um dos três fatores que compõem o nível de cortesia empregada pelos falantes. Nesse fator, incluem-se o grau de familiaridade e contato entre os interlocutores que formam o eixo horizontal desse tipo de relação, ou seja, corresponde ao eixo da *solidariedade* de Brown e Gilman (1960).

relação de “tratamento” é a que se manifesta no âmbito público com pessoas com as quais se estabeleceu algum contato prévio, e a relação com “desconhecidos” é aquela nas quais não houve contato prévio. Após a análise dos questionários aplicados, Orozco (2010) percebeu uma distribuição bastante clara. Ela constata que, quanto mais familiaridade, maior é o uso do *tuteo*. Nas relações de *familiaridade* o uso da forma *tú* está presente em (77%) dos casos; nas relações de *tratamento* a porcentagem é pouco menor, (52%) e, por último, as relações com *desconhecidos* o *tú* apresenta (49%) de uso.

Freites Barros e Zambrano Castro (2010), ao estudar a preferência do *usted* sobre *tú* na fala andina venezuelana, também procuraram medir o efeito de variáveis semelhantes a que estamos analisando. Esses autores controlaram duas variáveis cujos resultados muito nos chamam atenção, a saber, *relação de conhecimento entre os falantes*, com os fatores *desconhecidos* e *conhecidos*; e *grau de familiaridade entre os falantes*, com os fatores *pouco trato* e *muito trato*. Tendo o *usted* como regra de aplicação, tais variáveis foram consideradas significativas pelo programa GOLDVARB.

Em quinto lugar na ordem de significância, a variável *relação de conhecimento entre os falantes* mostrou que, quando se trata de interlocutores *desconhecidos*, o uso da variante *usted* é favorecida, conforme peso relativo (0.566). Por outro lado, com interlocutores conhecidos, essa variante não mostrou significância estatística (0.434). Algo semelhante ocorreu com a variável *grau de familiaridade entre os falantes*, selecionada em nono lugar. O contexto de *pouco trato* entre os falantes favorece o uso do *usted* (0.551) e, com o fator *muito trato*, essa variante é desfavorecida (0.461).

É interessante notar que a forma de tratamento *usted* predomina amplamente sobre o *tú*. No entanto, o uso dessa forma, segundo os autores, parece estar aumentando e os andinos a reconhecem como uma característica própria de um dialeto de prestígio. Ainda que careça de comprovação, Freites Barros e Zambrano Castro (2010) acreditam que esse avanço do *tuteo* esteja atrelado ao desejo dos andinos de se assemelharem aos usuários que detêm maior reputação e, assim, ser objeto, como eles, da estima que desfrutam. Além disso, é imperioso ressaltar que nessa comunidade, a forma *usted* alberga valores tanto de cortesia como de uma relação mais próxima e os seus indivíduos ainda preferem o *usted* como forma de tratamento com pessoas com as quais não há uma relação de amizade, parentesco ou conhecimento.

Retomando os nossos resultados, é mister ressaltar que, na tentativa de aprimorar a nossa análise, estabelecemos o cruzamento da variável, em análise, com a variável *tipo de discurso*. No entanto, para essa, estabelecemos o recurso “não se aplica” para os fatores

discurso reportado do próprio entrevistado e discurso reportado de terceiros. Esse procedimento se justifica porque, no primeiro tipo de fala, o informante se reporta a outro interlocutor e, no segundo, reporta a fala de outro indivíduo. Em ambos os casos, tais interlocutores são desconhecidos e não dispomos de nenhuma informação, quais sejam, idade, sexo ou escolaridade, a partir das quais pudéssemos estabelecer uma relação de *proximidade* ou *distanciamento* com o entrevistador. Tampouco, foi-nos possível resgatar essas informações nos trechos de fala analisados. Esse tipo de informação, nos inquéritos, refere-se, apenas, ao entrevistado e ao entrevistador. Dessa forma, a nosso ver, isso inviabiliza o controle desse grupo de fatores com os fatores de fala reportada da variável *tipo de discurso*. Na tabela abaixo, apresentamos os percentuais obtidos com esse cruzamento:

Tabela 18 – Cruzamento entre os grupos de fatores *tipo de discurso* e *relação de proximidade entre os interlocutores*

Grupo de Fatores		<i>Tú</i>	Percentual (%)	<i>Usted</i>	Percentual (%)
Discurso de fala própria	Distanciamento	542	95	29	5
	Proximidade	390	96	16	4

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Conforme podemos observar, apesar do alto índice de uso da variante *tú* nas relações de *distanciamento*, o que se justifica pela tendência de uso dessa forma de tratamento cada vez mais crescente nas comunidades de fala hispânica, se olharmos apenas para a forma *usted*, podemos constatar um uso mais frequente dessa variante com esse tipo de relação com o interlocutor, em nosso caso, o entrevistador. Ao procedermos dessa maneira, acreditamos confirmar, parcialmente, a nossa hipótese, já que nas relações em que os interlocutores não compartilham nenhuma semelhança, como as que arrolamos, a forma mais conservadora parece encontrar, ainda que cada vez menos, um contexto de resistência.

Realizamos, ainda, o cruzamento da variável em análise com a variável *complexidade do assunto*, por ponderarmos que a variação entre essas formas nos fatores *distanciamento* e *proximidade*, possa estar ligada à complexidade do assunto abordado. Desse modo, o falante tende a usar uma forma ou outra não apenas em função da relação estabelecida com o entrevistador, mas, também, em função do assunto tratado na entrevista. O percentual de uso da forma *tú*, predominante nas relações de *distanciamento*, pode estar ligado ao fato do tipo de assunto tratado ser, por exemplo, um assunto experienciado por ambos os interlocutores, informante e entrevistador, ou, ainda, um tema próprio da comunidade de fala. A seguir, expomos a tabela relativa a esse cruzamento:

Tabela 19 – Cruzamento entre os grupos de fatores *relação de proximidade entre os interlocutores* e *complexidade do assunto*

Grupo de Fatores		Tú	Percentual (%)	Usted	Percentual (%)
Assuntos menos complexos	Distanciamento	579	93	44	7
	Proximidade	354	94	24	6
Assuntos mais complexos	Distanciamento	126	89	15	11
	Proximidade	126	88	18	12

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Se observamos os percentuais de usos, todos estão bastante próximos nos fatores *assuntos menos complexos* e *mais complexos*, no entanto, naquele fator, percebemos uma diferença considerável na quantidade de dados (579 usos de *tú*). De fato, o informante parece usar mais *tú*, não só nas relações marcadas pelo *distanciamento*, mas, também, pela *proximidade*, em função da complexidade do assunto. Por outro lado, quando se trata de *assuntos mais complexos*, a variante *usted* é favorecida, conforme percentuais, também, em ambos os tipos de relação (11%, *distanciamento* e 12%, *proximidade*).

Sabemos que as formas utilizadas pelos falantes para se referirem ao seu interlocutor constituem um fenômeno bastante complexo e dinâmico. A teoria de Brown e Gilman (1960) joga luz sobre o modo como esses indivíduos utilizam esses elementos que, como sabemos, é inegável que sofrem pressão tanto de fatores próprios do indivíduo (*sexo, idade, nível de escolaridade etc.*) como de fatores intrínsecos à relação estabelecida entre os falantes (*familiaridade, distância, proximidade etc.*). Contudo, as escolhas operadas sobre as formas de tratamento são condicionadas, principalmente, pelo contexto sociocomunicativo e pelas características da comunidade de fala (MEDINA LÓPEZ, 2009).

Ora, se as formas linguísticas são um reflexo das estruturas sociais e essas, por sua vez, mudam no curso da história, uma interpretação mecanicista das formas de tratamento baseada apenas nos eixos do *poder* e da *solidariedade* ou mesmo uma visão pautada nos usos descritos pelas gramáticas normativas, parece-nos insuficiente para explicar alguns resultados, principalmente, como os que obtivemos para o fator *distanciamento*. Como assevera Medina López (2009, p. 89, tradução nossa), “Esta atividade de fala, sujeita à negociação entre os participantes e o contexto, tampouco pode apresentar uma única direção.”⁵¹.

Dentro do âmbito da cortesia espanhola, campo de estudo que tem se interessado e contribuído com profícuos trabalhos sobre os usos das formas de tratamento nesse idioma,

⁵¹ “Esta actividad del habla, sujeta a la negociación entre los participantes y el contexto, tampoco puede presentar una única dirección.” (MEDINA LÓPEZ, 2009, p. 89).

alguns autores como Medina López (2009) e Carrasco Santana (1999), têm evidenciado uma simplificação no sistema de tratamento motivada pelas transformações que essa sociedade tem experimentado. Em palavras de Carrasco Santana (1999, p. 33-34, tradução nossa, grifo nosso):

[...] existe uma tendência na sociedade espanhola, faz alguns anos, a simplificar os usos linguísticos com a finalidade de flexibilizar mais a estratificação social e deixar mais fluidas as relações humanas, que não são mais do que a expressão do desejo de uma maior igualdade entre os indivíduos. Esta tendência se manifesta em uma menor utilização de fórmulas convencionais e retualizadas de cortesia, no progressivo desaparecimento das fórmulas de tratamento, na extensão do *tuteo* em situações nas quais não existia familiaridade, etc., o que está produzindo uma progressiva mudança qualitativa nas seleções corteses que faz com que se evite, cada vez com mais frequência, exteriorizar verbalmente a subordinação ao outro por razão de autoridade.⁵²

O fato de os informantes se reportarem ao entrevistador utilizando uma forma de tratamento mais próxima, isto é, *tú*, ainda que com este não compartam nenhuma característica que os coloque em uma relação mais ou menos igualitária, não nos parece uma transgressão do contexto comunicativo, um tratamento descortês, ou mesmo uma vontade de demonstrar familiaridade. O informante alterna o seu estilo em função da adequação nos usos dos estilos de cortesia experimentada pela sociedade espanhola. A explicação para a variação estilística no indivíduo, de acordo com Bell (1984), é produto da variação que existe na dimensão social. No que tange ao contexto de uso de *tú*, Blas Arroyo (1994, p. 21, grifos nossos, tradução nossa) revela-nos que:

[...] o progresso que o emprego de *tú* tem experimentado na maioria das comunidades de fala hispânica, poderia ser analisado como um reflexo da tendência crescente nas sociedades modernas e democráticas, cada vez mais permissivas, a limar preconceitos e hierarquizações sociais, o que tem contribuído com uma valorização crescentemente positiva do *tuteo como* forma de tratamento adequada – inclusive cortês, como estamos vendo – em situações cada vez mais numerosas.⁵³

Por fim, precisamos olhar com reserva para o desfavorecimento da variante *tú* na

⁵² “[...] hay una tendencia en la sociedad española, desde hace unos años, a simplificar los usos lingüísticos con el fin de hacer más flexible la estratificación social y procurar que resulten más fluidas las relaciones humanas, que no son sino la expresión del deseo de una mayor igualdad entre los individuos. Esta tendencia se manifiesta en una menor utilización de fórmulas convencionales y ritualizadas de cortesia, en la progresiva desaparición de las fórmulas de tratamiento, en la extensión del *tuteo* en situaciones en que no existe familiaridad, etc., lo que está produciendo un progresivo cambio cualitativo en las selecciones corteses que hace que se evite, cada vez con más frecuencia, exteriorizar verbalmente la subordinación al otro por razón de autoridad.” (CARRASCO SANTANA, 1999, p. 33-34).

⁵³ “[...] el progreso que el empleo de *tú* ha experimentado en la mayoría de las comunidades de habla hispánicas, podría ser analizado como un reflejo de la tendencia creciente en sociedades modernas y democráticas, cada vez más permissivas, a limar prejuicios y jerarquizaciones sociales, lo que ha contribuido a una valoración crecientemente positiva del *tuteo como* forma de tratamiento adecuada –incluso cortês, como estamos viendo– en situaciones cada vez más numerosas.” (BLAS ARROYO, 1994, p. 21)

presença do fator *proximidade intermediária/alta*. Após a amalgamação realizada, podemos perceber que a quantidade de informantes pertencentes a esse grupo ainda era inferior à quantidade de indivíduos presente no fator *distanciamento*. Isso, conseqüentemente, resultou em uma quantidade menor de dados. No entanto, se observamos os percentuais para esse fator, percebemos, ainda, um uso considerável da variante *tú* (92.0%) frente a *usted*. Ademais, vários estudos, como os por nós citados, têm demonstrado a influência de fatores dessa natureza em muitos fenômenos linguísticos.

5.3 Variável estatisticamente não significativa

Na rodada realizada entre *tú* versus *usted*, das nove variáveis independentes que controlamos em nosso estudo, o programa estatístico excluiu apenas uma variável no *step down*, a saber, o grupo de fatores *sexo*, por não mostrar significância para a variação entre as formas supra.

5.3.1 Grupo de fatores extralinguístico

No subitem a seguir, apresentamos e discutimos o único grupo de fatores descartado pelo programa GOLDVARB na rodada *step down*.

5.3.1.1 Sexo

O interesse no controle da variável *sexo*, em pesquisas sociolinguísticas, surge da necessidade de saber em que medida esse grupo de fatores influencia nos fenômenos linguísticos variáveis. Em outras palavras, busca-se investigar se o sexo do falante determina o uso de uma variante em detrimento de outra, e se, sim, de que forma ocorre a escolha dessas variantes entre homens e mulheres.

Inúmeros estudos têm evidenciado a importância dessa variável como condicionadora de fenômenos variáveis nos diferentes níveis da língua. Na vertente clássica desses estudos, o sexo feminino é comumente visto como aquele que manifesta uma preferência pelas formas linguísticas que são socialmente prestigiadas. Paiva (2015), menciona que vários outros estudos asseveram que os informantes desse sexo têm uma maior consciência do status social dessas formas, aspecto esse igualmente aludido, como vimos, por

Bagno (1997). Por outro lado, os falantes do sexo masculino tendem a usar as variantes de menor prestígio na comunidade de fala, conforme demonstra Labov (2001) em um estudo realizado em uma comunidade na Filadélfia. Nesse estudo, os dados revelaram que as mulheres utilizaram, mais do que os homens, variantes menos estigmatizadas.

De acordo com Paiva (2015), dependendo do valor social atribuído a variante inovadora, o sexo feminino pode encabeçar processos de mudança quando a variante é socialmente prestigiada, e o masculino pode liderar tal mudança quando a variante é desprestigiada. Nesse caso, a mulher, conforme a autora, assume um posicionamento conservador. Paiva (2015) chama atenção para o fato de nem sempre estabelecer-se essa configuração, pois há fenômenos variáveis nos quais a natureza das variantes, quanto ao prestígio/desprestígio, não é evidenciada.

Cientes de que as diferenças no comportamento linguístico entre ambos os sexos não são produtos biológicos, conforme apontam Silva-Cirvalán e Enrique-Arias (2017), mas, sim, de construções de padrões estabelecidos socialmente, abstraímos a discussão em torno aos termos *sexo* e *gênero* e trabalhamos com o primeiro termo para referir-nos à oposição homem/mulher. Desse modo, objetivando verificar o comportamento das variantes *tú* e *usted* nos indivíduos da comunidade de fala valenciana, controlamos essa categoria e alinhamo-nos aos estudos pioneiros da Sociolinguística. Assim, determinarmos que o sexo feminino tenderia ao uso de *usted*, forma conhecida, na literatura, como mais conservadora, e, conseqüentemente, o sexo masculino preferiria o uso de *tú*, forma inovadora. No entanto, essa variável não exerceu influência para a variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* na comunidade de fala valenciana. Observemos os percentuais apresentados na tabela abaixo:

Tabela 20 – Distribuição dos pronomes *tú* versus *usted* de acordo com o *sexo* do informante

Grupo de fatores	Aplicação/Total	Percentual (%)
Feminino	682/731	93.3
Masculino	503/555	90.6

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

O *sexo* dos informantes, como já é de conhecimento, não foi selecionada estatisticamente pelo programa⁵⁴, ainda assim, se observamos o percentual de uso da variante estabelecida como regra de aplicação, as mulheres encontram-se um pouco à frente com

⁵⁴ É imperioso ressaltar, no entanto, que, antes da amalgamação realizada na variável *relação de proximidade entre os interlocutores*, o grupo de fatores *sexo* havia sido selecionado como significativo. O *sexo feminino* favoreceu o uso da variante *tú* com peso relativo de (0.585) e porcentagem de (93.3%). Já o *masculino* desfavoreceu, com peso relativo (0.388) e porcentagem de (90.6%). Após a segunda rodada, essa variável foi excluída pelo programa no *step down*.

(93.3%) de uso (cf. exemplo 59). Para o sexo *masculino*, o percentual foi de (90.6%) (cf. exemplo 60). Esperávamos que a forma *usted* predominasse na fala das mulheres, supondo que elas tivessem um maior monitoramento de fala durante a entrevista; tendo em vista o seu interlocutor, ou seja, um professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência. Portanto, a expectativa era que os informantes do sexo *feminino* primassem pelo status social advindo de formas mais conservadoras, em nosso caso, o uso do pronome de tratamento *usted*. Essas formas, nos termos de Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), são geralmente consideradas padrão e de maior prestígio.

(59) *ess difícil/ encontrar unn- un núcleo en el quee/ tú puedas encontrarte a gusto ... ee en lo profesional/ básicamente te dedicas a tu trabajo/ ... y/ quizá también pues por la edad te das cuenta de quee/ cuanto más avanza el tiempo más difícil es encontrar/ un grupo de gente con el que puedas estar a gusto en tertulia sin que te llamen a las tres de la madrugada/ y que no pase nada porque son amigos (éé difícil/ encontrar umm- um núcleo no quaal/ tu possas te sentir à vontade... ee quanto ao profissional/ basicamente/ basicamente te dedicas ao teu trabalho/ ... e/ talvez também pois pela idade te das conta de quee/ quanto mais avança o tempo mais difícil é encontrar/ um grupo de gente com o qual possas estar à vontade conversando sem que te liguem as três da madrugada/ e que não tenha problema porque são amigos)*

(ENTREVISTA 11 – VAL01133MC98)

(60) *aprendimos a relacionarnos con más gente/ había gente que venía que practicamente no había visto- no había entabla(d)o ninguna clase de relación con más gente/ y usted sabe/ los amigos/ MUCHOS de los que se hacen en la mili son amigos para toda la vida (aprendemos a nos relacionar com mais gente/ tinha gente que vinha que praticamente não tinha visto- não tinha mantido nenhuma classe de relação com mais pessoas/ e você sabe/ os amigos/ MUITOS dos que são feitos durante o serviço militar são amigos para toda a vida)*

(ENTREVISTA 21 – VAL02133HB00)

Como vimos afirmando, a perspectiva adotada para essa variável alinhava-se aos primeiros trabalhos variacionistas. No entanto, como podemos perceber, nossa hipótese não foi confirmada e, ainda que essa variável não tenha mostrado significância em pesos relativos, o percentual de uso, na rodada *tú/usted*, contrariou nossa expectativa inicial. No entanto, esses dados não são suficientes para afirmarmos que as mulheres lideram o processo de mudança relativo ao avanço da forma *tú* em situações que, segundo a norma tida como culta, espera-se o uso de *usted*. Ainda assim, nossos dados assemelham-se aos de outras pesquisas que, para essa variável, vão de encontro à hipótese clássica, como é o caso do trabalho de Orozco (2010).

Em seu estudo, Orozco (2010) controlou a variável *sexo* e os resultados evidenciaram percentuais iguais no uso de *tú* entre homens e mulheres (62%). No entanto, ao cruzar as variáveis *sexo* e *idade*, a autora chegou a resultados próximos ao nosso e constatou que são as mulheres mais jovens as responsáveis pela mudança em curso no uso da forma supra, com um

percentual de (68%) frente ao uso feito pelo grupo dos homens (62%). A pesquisadora atribui essa diferença à mudança na posição social experimentada pelas mulheres, na contemporaneidade. Antes, a vida social das mulheres se limitava aos cuidados do lar e, agora, elas participam da vida estudantil e do mundo do trabalho.

Guardadas as diferenças metodológicas, Aijón Oliva (2009) chega a resultados semelhantes ao analisar a variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa, *tú* e *usted*, em um *corpus* de anúncios radiofônicos da cidade de Salamanca. O uso da forma *tú* foi superior na publicidade dirigida às mulheres (68%) e *usted* foi registrado em (32%) dos casos. Nos anúncios dirigidos aos homens, o *tuteo* foi presente em (37.5%) e *usted* em (65.5%). O autor acredita que o percentual de uso de *tú* para as mulheres se deve ao desejo de potencializar a solidariedade grupal entre as ouvintes, atitude essa menos frequente nos anúncios direcionados aos homens. Por outro lado, o uso de *usted* para aquele grupo pode estar ligado à idade das consumidoras e, nesse grupo, à tentativa de passar uma imagem de experiência e profissionalismo.

No que se refere aos resultados que obtivemos, análogo a Orozco (2010), acreditamos que o percentual de uso da forma de tratamento *tú*, um pouco maior na fala das mulheres, deve-se às transformações no papel social que essas têm desempenhado atualmente. Se antes as principais atividades desenvolvidas por elas estavam marcadas pela maternidade e educação da prole, hoje, conforme assevera Freitag (2015), não podemos afirmar que esse seja o papel que elas desempenham na sociedade.

Por outro lado, os dados evidenciam que a forma inovadora *tú* não está fortemente estigmatizada entre os indivíduos valencianos. Provas disso é o seu progresso nas variedades do espanhol peninsular e a sua ampla aceitação pela sociedade espanhola. Silva-Cirvalán e Enrique-Arias (2017) citam algumas observações acerca da diferença entre os sexos no uso de variantes linguísticas em fenômenos variáveis. Os autores expõem que as mulheres não iniciam, frequentemente, processos de mudança. Labov (1972), por exemplo, já afirmava que seria um erro considerar que elas sempre estão na vanguarda desses processos e menciona o estudo em Marthas's Vineyard, onde a centralização de /ay/ e /aw/ manifestou-se principalmente na fala dos homens. No entanto, há casos contrários em que, geralmente, a variante em progresso não possui conotações negativas numa determinada comunidade.

O exposto acima entra em consonância com o que se tem chamado de, seguindo a Díaz-Campos (2014), *paradoxo no comportamento linguístico das mulheres*. Por um lado, costuma-se identificá-las como o grupo mais conservador e que favorece formas linguísticas

consideradas mais normativas e, por outro, favorece o uso de variantes novas que têm prestígio em comunidades onde elas se desenvolvem. Isso nos leva a crer que o *tuteo*, ainda que seja a forma inovadora, possui certo prestígio na comunidade de fala estudada. Desse modo, as mulheres invertem a lógica do que defendem os primeiros estudos sociolinguísticos e, conforme evidenciamos anteriormente, podem levar adiante o processo de mudança no uso do *tuteo*.

Lembremo-nos que essa visão dos trabalhos clássicos quanto à variável *sexo* nem sempre se confirma no estudo de fenômenos variáveis. Paiva (2015) cita, por exemplo, o caso de *nós* e *a gente* no português brasileiro, no qual o uso da primeira variante, mais conservadora, é liderado pelos homens e a implementação da segunda variante, forma inovadora, ocorre via sexo feminino. A autora afirma que “é difícil afirmar que se trata de um processo em direção a uma forma padrão e não-padrão, dado que as duas variantes não se sujeitam a uma avaliação social ou à exclusão normativa.” (PAIVA, 2015, p. 36).

5.4 Súmula do capítulo

À luz da Sociolinguística Quantitativa, neste capítulo, apresentamos a análise dos 1.286 dados coletados nas 36 entrevistas selecionadas para composição da nossa amostra, oriundas do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). Esses dados foram submetidos a um tratamento estatístico realizado pelo programa computacional GOLDVARB (2005) que nos revelou uma predominância da forma de tratamento *tú* (92.1%) em detrimento da forma *usted* (7.9%), na comunidade de fala valenciana.

Além dos percentuais supra, dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que selecionamos como possíveis condicionadores do fenômeno variável em questão, o referido programa estabeleceu como significativas as seguintes variáveis: *tipo de referente*, *faixa etária*, *complexidade do assunto*, *estilo discursivo*, *tipo de discurso*, *relação de proximidade entre os interlocutores*, *tipo de frase* e *escolaridade*, nessa ordem de significância.

No que se refere à variável *relação de proximidade entre os interlocutores*, cumpre ressaltar que a submetemos a um processo de amalgamação por, em uma primeira rodada estatística, essa, assim como a variável *escolaridade*, não ter demonstrado significância para o fenômeno variável. Após amalgamação dos fatores *proximidade intermediária* e *proximidade alta*, submetemos os dados a uma segunda rodada e tais fatores foram selecionados como

variáveis significativas pelo programa estatístico.

Por outro lado, a variável *sexo*, que naquela rodada mostrou exercer influência no uso da forma *tú*, com predominância do sexo *feminino*, nesta rodada foi excluída pelo programa no *step down*. Ainda assim, apesar de não dispormos de pesos relativos para essa variável, analisamos e discutimos os seus resultados a partir dos percentuais de frequência, a fim de percebermos o seu comportamento na variação pronominal em estudo.

Os dados analisados corroboram o que muitos autores, entre eles, Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), por citar alguns exemplos, declaram sobre a extensão do uso do *tuteo* em contextos de uso distintos àqueles de outrora, típicos de uso do *usted*. Como expõem Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017, p. 259, tradução nossa, grifo nosso): “O *tuteo* [...] está estendendo-se a mais situações de uso, inclusive entre estranhos de idade similar [...] na maioria dos países hispanofalantes.”⁵⁵.

Esse uso é marcadamente presente em vários setores da sociedade, inclusive, na escola, ainda que essa seja promotora da norma padrão. Apesar de ainda merecer pouca atenção nas gramáticas normativas, ao se apresentar o paradigma pronominal vigente no mundo hispano, já podemos observar algumas menções a usos que extrapolam a visão reducionista de que *tú* é usado no âmbito informal e *usted*, no formal. A *Gramática Comunicativa del Español* de Matte Bon (2008) e os compêndios da RAE (2010) são um bom exemplo disso.

Além disso, a extensão desse fenômeno aponta para uma mudança linguística em curso. Ao nos debruçarmos sobre o problema empírico da transição, elaborado por WLH (2008 [1968]) para guiar a análise da mudança linguística, explicitamos que esse tipo de mudança pode ser detectado ao compararmos a fala de duas gerações, uma mais velha e outra mais jovem. Isso é possível através do que, classicamente, chamamos de análise em *tempo aparente*, também explicitada em nosso referencial teórico. Desse modo, ao controlarmos a variável *faixa etária*, percebemos que há um aumento gradual no uso da variante *tú* (variante inovadora) na comunidade de fala valenciana. Os informantes mais jovens (*faixa etária de 20 a 34 anos*) apresentaram uma frequência de uso mais alta (98.6%), logo atrás, os informantes da *faixa etária de 35 a 54 anos* com (93.2%) e, por último, os mais velhos com (84.3%). Estes, por sua vez, são os que ainda fazem mais uso da variante conservadora *usted*. Assim, ponderamos que esse panorama é um indício de mudança em curso. Ressaltamos, porém, tratar-se de uma projeção, pois, para verificarmos se há, de fato, uma mudança em progresso,

⁵⁵ “El tuteo [...] está extendiéndose a más situaciones de uso, incluso entre extraños de edad similar [...] en la mayoría de los países hispanohablantes.” Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017, p. 259).

faz-se necessário um estudo longitudinal, ou seja, um estudo em *tempo real* que complemente a pesquisa aqui empreendida.

Ainda nesse sentido, não só a frequência de uso da variante inovadora parece caminhar em direção a uma mudança linguística, mas, também, as atitudes dos falantes valencianos corroboraram tal hipótese. A alta frequência de uso da variante *tú* (92.1%) *versus* (7.9%) de *usted*, em variáveis linguísticas e extralinguísticas, indica-nos que essa forma não sofre estigma na comunidade de fala em estudo. No âmbito do problema da avaliação, o qual se preocupa em perceber como as formas linguísticas são avaliadas pelos indivíduos da comunidade de fala em termos de prestígio e não prestígio (LABOV, 1972), percebemos que a variante *tú* é a preferida para se reportar à segunda pessoa do singular, conferindo, portanto, certo prestígio a essa forma. Isso fica ainda mais evidente quando os resultados evidenciaram que a predominância de uso dessa forma de tratamento está associada ao grupo que detem o nível alto de escolaridade. Esse aspecto, acreditamos, é responsável pela grande extensão de uso do *tuteo* nas comunidades de fala espanhola, inclusive, a valenciana, pois, como assevera Labov (1972), o prestígio ou estigma a uma forma pode acelerar ou barrar a mudança linguística.

Isso posto, na seção seguinte, apresentamos os aspectos conclusivos do estudo do qual até o momento nos ocupamos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa deteve-se no estudo da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral da cidade de Valência, ao leste da Espanha, analisando o efeito de variáveis linguísticas e extralinguísticas no uso dessas formas. À guisa de conclusão, retomamos o percurso empreendido neste trabalho desde as proposições iniciais à análise e discussão dos resultados, apontamos suas principais contribuições e possíveis desdobramentos para investigações futuras.

O primeiro capítulo, obviamente, foi dedicado aos elementos introdutórios. Nele, realizamos a apresentação e contextualização da temática. Apontamos alguns trabalhos mais recentes que se debruçaram sobre o estudo das formas de tratamento no mundo hispano, como as pesquisas de Morín, Almeida e Rodríguez (2010), Sanromán Vilas (2010), Orozco (2010) e Pereira, Coan e Pontes (2016). Destacamos algumas lacunas no estudo dessas formas como a necessidade de diversificação metodológica e a escassa bibliografia de estudos dessa natureza no espanhol peninsular, como apontam Calderón Campos e Medina Morales (2010). Por fim, apresentamos os objetivos da pesquisa, que se voltaram para a análise das formas *tú* e *usted*, considerando fatores linguísticos, sociais e estilísticos em uma comunidade de fala peninsular.

O segundo capítulo foi dedicado à apresentação dos sistemas pronominais de tratamento no mundo hispano. Pautamo-nos nos trabalhos de Carricaburo (1997) e Fontanella de Weiberg (1999) para apresentar, em um primeiro momento, o sistema pronominal de tratamento hispano-americano e o uso feito das formas que compõem esse sistema, em vários países desse território. De modo análogo, em seguida, expomos o sistema pronominal de tratamento relativo à Espanha. Resenhamos também, agora mais detidamente, os trabalhos de Morín, Almeida e Rodríguez (2010) e Sanromán Vilas (2010), por situarem o seu estudo em comunidades de fala espanhola; bem como o estudo de Aijón Oliva (2009), por trabalhar com a dimensão estilística da variação, igualmente, no âmbito de uma variedade do espanhol peninsular.

No terceiro capítulo, primeiramente, expusemos o aparato teórico que embasou a nossa pesquisa, a saber, a Teoria da Variação e Mudança, também conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 1990, 2009; SILVA-CORVALÁN, 1989, 2001; SILVA-CORVALÁN e ENRIQUE-ARIAS, 2017; BLAS ARROYO, 2004; LÓPEZ MORALES, 2004). Em seguida, para sedimentar a análise estilística em nosso trabalho,

apresentamos as principais abordagens dessa dimensão da variação, com o trabalho pioneiro de Labov e os seus mais recentes desdobramentos teóricos (BELL, 1984; ECKERT e RICKFORD, 2001; 2012; SCHILLING-ESTES, 2002; 2012). Concluímos essa seção abordando, sumariamente, a proposta teórica de Brown e Gilman (1960) pela sua relevância para os estudos da variação estilística, principalmente, para as formas de tratamento.

No quarto capítulo, expomos os procedimentos metodológicos que guiaram a nossa pesquisa e foram embasados no aporte teórico anteriormente mencionado. Nesse momento, explicitamos a classificação da pesquisa com base no método de abordagem, nos objetivos e nos procedimentos técnicos utilizados; a composição da amostra, formada a partir da seleção de 36 entrevistas extraídas do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL), bem como ao universo da pesquisa; ao envelope de variação, com apresentação da variável dependente e conjunto das variáveis independentes selecionadas e, por fim, o tratamento estatístico através do programa GOLDVARB X ao qual os dados coletados foram submetidos.

No quinto capítulo, apresentamos e realizamos a discussão dos dados obtidos a partir das rodadas estatísticas. Baseado nos estudos resenhados, acreditamos que, na comunidade de fala em estudo, haveria uma predominância de uso da variante *tú* em detrimento da forma *usted*, portanto, aquela forma foi estabelecida como regra de aplicação, quando do processamento estatístico. Obtivemos um total de 1.286 dados, dos quais 1.185 das ocorrências foram de *tú* (92.1%) e 101 (7.9%) de *usted*. Esses percentuais corroboram os estudos de autores como Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), que evidenciam o avanço do *tuteo* em situações comunicativas reconhecidas, ainda, por muitos compêndios gramaticais, como situações prototípicas de uso da forma *usted*.

Quanto às variáveis significativas para a variação entre as formas *tú* e *usted* na comunidade de fala valenciana, o programa estatístico selecionou os seguintes grupos de fatores, dispostos de acordo com a ordem de significância: *tipo de referente, faixa etária, complexidade do assunto, estilo discursivo, tipo de discurso, relação de proximidade entre os interlocutores, tipo de frase e escolaridade*. A seguir, retomamos os resultados para essas variáveis, não a partir da ordem dada pelo programa, mas da ordem de apresentação que seguimos ao discutirmos esses resultados no capítulo de análise.

No que tange à variável *tipo de referente*, controlamos os fatores *indeterminado* e *determinado*. A nossa hipótese inicial era a de que, nos contextos com referência

indeterminada, a forma *tú* seria predominante e, por outro lado, ela seria desfavorecida na presença do fator *determinado*. De fato, os dados se alinharam às nossas suposições iniciais, pois essa forma apresentou peso relativo de (0.740) com *referente indeterminado* e (0.111) com *referente determinado*. Acreditamos que, nos contextos de fala em que os informantes não têm a quem se referir de maneira específica, devido à extensão do *tuteo* nessa comunidade de fala, eles recorrem a esse fenômeno mesmo que inconscientemente.

Além disso, para observarmos melhor o comportamento dessa variável no uso das formas de tratamentos *tú* e *usted*, cruzamo-la com as variáveis sociais *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. Os percentuais nos revelaram a predominância de uso da variante *tú* em todos esses contextos, com maior frequência de uso com o fator *indeterminado*. Quanto ao cruzamento dessa variável com a variável *sexo*, apesar de os homens terem, igualmente, um alto uso dessa forma com referente *indeterminado*, as mulheres lideram com (100%) de uso. Já no cruzamento com a variável *faixa etária*, não percebemos diferença considerável no uso do *tú* quando o referente é *indeterminado*. As três faixas etárias controladas fazem um alto uso dessa forma (99%, *faixa etária 1* e 98% *faixas etárias 2 e 3*). *Usted* foi mais frequente com referente *determinado*, apresentando maior percentual de uso na *faixa etária 3* (37%) e diminuindo o uso nos outros grupos de idade. No que se refere ao cruzamento com a variável *escolaridade*, ambos os níveis, *alto* e *baixo*, apresentaram um alto uso de frequência, (98%) e (99%), respectivamente. Nesses cruzamentos, como pudemos observar, *usted*, ainda que em menor frequência, foi mais recorrente nos contextos com referente determinado.

Instigados a verificar o comportamento das formas *tú* e *usted* na presença da variável *tipo de discurso*, controlamos os fatores *discurso de fala própria*, *discurso reportado do próprio entrevistado* e *discurso reportado de terceiros*. Hipotetizamos que, nesses dois últimos, os falantes fariam mais uso da forma *tú*, por se encontrarem em situações distintas à situação de entrevista e, possivelmente, regidas pelo *tuteo*. Por outro lado, eles tenderiam ao uso do *usted* no primeiro fator mencionado, por, devido ao contexto, monitorarem mais a fala. Confirmamos, parcialmente, as nossas hipóteses, já que o *discurso reportado de terceiros* favoreceu o uso da variante *tú*, conforme peso relativo (0.713), mas o mesmo não aconteceu com o fator *discurso reportado do próprio entrevistado* (0.416). Já o *discurso de fala própria*, como supúnhamos, apresentou mais uso da forma *usted* e desfavoreceu a forma *tú* (0.464). Ao cruzarmos essa variável com a *faixa etária*, percebemos que foram os mais velhos que fizeram mais uso daquela variante e, de fato, são esses indivíduos que ainda resistem a um tratamento mais simétrico.

Com a variável *tipo de frase*, buscamos analisar a influência das frases *declarativas*, *interrogativas* e *exclamativas* no fenômeno variável. Ponderamos, a princípio, que, nesse último tipo de frase, o uso de *tú* seria mais proeminente, pois os falantes estariam mais emocionalmente envolvidos e, portanto, mais propensos à anulação de relações assimétricas. Em outro oposto, nos outros dois tipos de frase, o *usted* se veria favorecido pelo monitoramento da fala e a semântica do *poder*, principalmente nas frases declarativas que predominam em termos de frequência de uso. Os dados contrariaram, parcialmente, a nossa expectativa inicial. As frases *interrogativas*, de fato, como ponderamos, desfavoreceram a variante regra de aplicação (0.462). No entanto, com as frases *exclamativas* e *declarativas* aconteceu o inverso do que prevíamos. As *declarativas* favoreceram, moderadamente, o uso de *tú* (0.519) e as *exclamativas*, desfavoreceram essa variante (0.289).

Em relação à variável *faixa etária*, controlamos os grupos de idade estabelecidos pela equipe do PRESEVAL e hipotetizamos que os falantes da *faixa etária 1* e *2* (20 a 34 anos e 35 a 54 anos, respectivamente), prefeririam a variante *tú* em detrimento da variante *usted*. Os informantes da *faixa etária 3* (acima de 55 anos), por sua vez, fariam mais uso da variante conservadora. Confirmamos a nossa hipótese, pois os dados revelaram que *tú* é desfavorecido na presença desta *faixa etária* (0.189) e favorecido naquelas (0.676, *faixa etária 1* e 0.695, *faixa etária 2*). Como podemos observar, os mais velhos ainda fazem mais uso da variante *usted* e, por outro lado, os jovens predominam no uso da variante inovadora, dando, assim, indícios de uma mudança em progresso em direção ao *tuteo*.

Procurando investigar se o assunto abordado na entrevista era determinante para a variação entre *tú* e *usted*, e, portanto, analisamos a variável *complexidade do assunto*, adotando o refinamento estabelecido por Freitag (2003). Essa autora controuhou esse grupo de fatores em termos de *assuntos mais complexos* e *assuntos menos complexos* e, assim, também o fizemos. Ponderamos que, ao tratar de *assuntos mais complexos*, o falante monitoraria mais a sua fala e faria mais uso de *usted*. Por outro lado, em *assuntos menos complexos*, pela familiaridade com o tema e muitos serem experienciados, o falante tenderia ao uso de *tú*. Os resultados corroboraram a nossa hipótese inicial, revelando que, na presença daquele fator, *tú* é desfavorecido, conforme peso relativo de (0.148). De fato, nesse contexto, *usted* apresentou mais ocorrências. Já no contexto em que o tema abordado era *menos complexo*, a forma de tratamento *tú* mostrou ser favorecida (0.622).

Assumindo que o *estilo discursivo*, presente na entrevista, pudesse influenciar o falante quanto à escolha da forma de tratamento para se reportar ao seu interlocutor,

analisamos os estilos *expositivo*, *argumentativo*, *dialogal*, *narrativo* e *descritivo*. Acreditávamos que a variante inovadora seria predominante no estilo *narrativo* mais do que nos outros estilos, pois, conforme Silva (2016), as sequências narrativas fazem emergir formas linguísticas consideradas informais. Por outro lado, supondo que em estilos como o *argumentativo*, em que há ocorrências de temas que exigem um maior conhecimento do falante, acreditávamos que isso desencadearia uma fala mais cuidada, e, portanto, haveria destaque da variante *usted*. Para a nossa surpresa, os dados evidenciaram um propenso uso de *tú* nos estilos *expositivos* e *argumentativos* (0.890 e 0.751, respectivamente) e um desfavorecimento nos demais estilos: (0.394) no *estilo dialogal*; (0.341), no *estilo narrativo* e (0.251), no *estilo descritivo*, contrariando, assim, o que esperávamos para essa variável.

No que tange à variável *relação de proximidade entre os interlocutores*, refinamo-la em três fatores: *distanciamento*, *proximidade intermediária* e *proximidade alta*. Em uma primeira rodada, essa variável não mostrou significância para a variação entre *tú* e *usted* na comunidade de fala estudada. Acreditamos, então, que a amostra presente nos dois últimos fatores, que era menor no primeiro fator, pudesse ter alguma influência nesse resultado. Desse modo, decidimos amalgamá-los, pautando essa decisão em aspectos teóricos e quantitativos. Rodamos os dados novamente e, curiosamente, o programa selecionou essa variável como significativa. No entanto, ainda que em um primeiro momento tivéssemos hipotetizado que os contextos de maior proximidade entre os interlocutores favoreceriam o uso de *tú* em detrimento de *usted*, os resultados revelaram o contrário. O fator *distanciamento* favoreceu a forma *tú* com (0.622) de peso relativo, e os fatores amalgamados *proximidade intermediária/alta* desfavoreceram-na (0.326). Esse resultado corrobora a visão de Blas Arroyo (1994), sobre a valorização do *tuteo* em mais contextos de uso, inclusive, em situações em que há uma hierarquização social, isto é, em relações regidas pela semântica do poder de Brown e Gilman (1960).

No que concerne à variável *escolaridade*, essa havia sido descartada na primeira rodada dos dados, no entanto, após a amalgamação dos fatores da variável acima sumarizada e nova rodada estatística, essa variável passou a ser significativa, de acordo com o programa GOLDVARB (2005). Como explicitado em nossos procedimentos metodológicos, trabalhamos apenas com os níveis de escolaridade *alto* e *baixo*. Pautados em estudos anteriores sobre a variação entre as formas *tú* e *usted*, no mundo hispano, como os de Medina López (2004) e Orozco (2010), ponderamos que os falantes com mais anos escolarização estariam mais propensos ao uso do *tuteo*, diferentemente dos falantes com nível de

escolaridade *baixa*. Os resultados validaram nossa hipótese, pois os informantes com *nível alto* de escolaridade favoreceram o uso da variante *tú*, de acordo com peso relativo de (0.561). Na outra direção, essa forma foi desfavorecida diante do *fator nível* baixo de escolaridade (0.420). O uso feito pelos informantes com mais anos de escolarização evidencia certo prestígio do *tuteo* na comunidade de fala e o legitima, inclusive, no âmbito escolar.

Dentre as nove variáveis controladas em nossa pesquisa, após a segunda rodada dos dados, o programa computacional descartou apenas uma variável por não mostrar significância estatística, a saber, a variável *sexo*. Vale ressaltar que, na primeira rodada, essa variável mostrou exercer influência sobre o fenômeno variável estudado. Portanto, apesar de não dispormos de pesos relativos, decidimos discuti-la em termos percentuais e analisar o seu comportamento na variação entre *tú* e *usted*. Conforme os percentuais, as mulheres se encontram ligeiramente acima dos homens no uso da variante *tú* com (93.3%) e eles com (90.6%). Se observarmos, esses resultados contrariam a hipótese clássica, a qual afirma que as mulheres tendem a utilizar formas mais conservadoras (LABOV, 1972), no entanto, o papel social que essas desempenham tem mudado no curso da história e revelado padrões de variação bastante curiosos.

Em suma, os resultados apresentados ao longo deste trabalho constata a preferência da variante inovadora *tú* na comunidade de fala valenciana. Além disso, contribuem com o que asseveram autores como Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017) sobre a extensão do *tuteo* em contextos, nos quais antes figuravam apenas a forma de tratamento *usted*. A estrutura social não é a mesma de outrora e, como foi possível observar, o uso descrito, ainda, em muitos manuais é bastante simplista e não reflete a verdadeira dinâmica e complexa relação que envolve o uso das formas de tratamento. Sendo assim, consideramos como contribuições deste trabalho, os seguintes aspectos:

- a) análise, à luz da Sociolinguística Quantitativa, da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* em uma comunidade de fala peninsular, acionando grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, acreditamos preencher, ainda que minimamente, a lacuna evidenciada por Calderón Campos e Medina Morales (2010) sobre o reduzido número de trabalhos, dessa natureza, nessa variedade do espanhol, quando comparada a outras variedades.
- b) a diversificação da abordagem metodológica nesse tipo de estudo. Ainda conforme os autores supra, a maioria das pesquisas na área do tratamento, em espanhol, têm trabalhado apenas com as variáveis sociais (*idade*, *sexo*,

escolaridade etc.) e, como pudemos perceber, muitos trabalham com questionários e *corpus* escrito. Em nossa pesquisa, a amostra foi constituída a partir de um *corpus* oral, apresentamos um conjunto de grupo de fatores diversificado e desenhamos uma variável complexa para medir o grau de proximidade entre os interlocutores, fato esse bastante inovador para o estudo em questão.

- c) a atenção dada à dimensão da variação estilística, estudo que ainda se apresenta timidamente nas pesquisas sociolinguísticas que envolvem as formas de tratamento no mundo hispano. Ao abordarmos o estilo na variação dessas formas, procuramos responder ao que os autores como Calderón Campos e Medina Morales (2010) expuseram sobre a escassez de abordagens metodológicas diferentes; à preocupação de Aijón Oliva (2009) sobre a ausência de trabalhos que investigassem esse tipo de variação, considerando fatores socioestilísticos e cognitivos, o que uma consulta à bibliografia especializada parece, de fato, revelar; bem como ao exposto por Hora (2014), sobre o estilo ser um tema periférico nos estudos variacionistas. Desse modo, acreditamos colaborar com essas demandas, ainda que em menor escala.

Por fim, como desdobramentos, sugerimos que pesquisas futuras possam aumentar o número de informantes por células, tornando a amostra ainda mais representativa. Além disso, chamamos a atenção para o controle do fator *escolaridade média*, não considerada em nossa análise por motivos expressos em nossos procedimentos metodológicos. A variável *escolaridade* é determinante em vários estudos sociolinguísticos, inclusive, sem depender de outras variáveis sociais (BLAS ARROYO, 2004). Os estudos clássicos afirmam que os mais escolarizados usam mais as formas padrão, portanto, perguntamo-nos se os informantes com o tipo de escolaridade mencionada se aproximariam mais dos falantes com escolaridade *alta*, em nosso caso, em direção ao *tuteo* ou o desfavoreceriam como o nível de escolaridade *baixa*.

Outra questão relevante é a ampliação das variáveis estilísticas, como, por exemplo, o controle da variável *ocupação* do informante. Conforme Moreno Fernández (2009), essa variável tem influência direta na variação linguística. Segundo esse autor, as pessoas que atuam em profissões de maior prestígio tendem a fazer um maior uso da norma linguística e, conseqüentemente, a utilizar as variedades de prestígio. De modo análogo, Kapović (2014) esclarece, a partir dos trabalhos aos quais teve acesso, que a variável profissão tem evidenciado claros padrões de variação em função da ocupação do informante. O *corpus*

PRESEVAL disponibiliza em seus inquéritos essa informação, portanto, pesquisas futuras podem examinar o comportamento dessa variável para o fenômeno em estudo e responder a questões de pesquisa do tipo: o *tuteo* se estende nos falantes com profissões mais prestigiadas ou esse ainda é um contexto de resistência e favorecimento da variante *usted*? Certamente, o controle desse tipo de variável revelaria dados curiosos que contribuiriam ainda mais para entendermos a dinâmica de uso dessas formas no espanhol atual.

Por último, como é sabido, abordamos a variação entre as formas *tú* e *usted*, na comunidade de fala valenciana, considerando apenas as formas que estivessem em posição de sujeito na oração. Portanto, recomendamos a análise das supramencionadas formas para além dessa posição, abordando, por exemplo, as formas que aparecem como adjetivo ou pronome possessivo e pronomes oblíquos átonos ou tônicos. Um trabalho que assumisse essa perspectiva ofereceria, sem dúvida, uma amostra considerável e um mapeamento bastante relevante do uso dessas formas, nessa comunidade.

REFERÊNCIAS

- AIJÓN OLIVA, M. A. Tú y usted como estrategias de estilo y persuasión en la comunicación publicitaria. **Revista Electrónica de Estudios Filológicos**, Murcia, n. 18, dez. 2009. Disponível em: <https://www.um.es/tonosdigital/znum18/secciones/estudio1tu_y_usted.htm>. Acesso em: 1 jun. 2017.
- ALONSO, D. **La muerte del “usted”**. ABC, Madrid, p. 3, 23 nov. 1947.
- ÁLVAREZ MURO, A.; NEW, J. Variación en el pronombre de segunda persona en el habla de Mérida. **Boletín Antropológico** - Universidad de los Andes, Mérida, n. 57, p. 47-64, 2003. Disponível em: <http://www.saber.ula.ve/dspace/bitstream/123456789/18438/1/alexandra_alvarez.pdf>. Acesso em: 12. jul. 2017.
- ARRUDA, N. G. **A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas: um estudo sincrônico no português e no espanhol**. 2012. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – São Paulo, 2012.
- AVENDAÑO DE BARÓN, G. S. Formas pronominales de tratamiento y cortesía en el habla de Tunja, Colombia. **Folios**, Bogotá, ano 2014, n. 39, p. 31-49, 2014. Disponível em: <<http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RF/issue/view/234/showToc>>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- _____. Formas pronominales de tratamiento y cortesía en el habla de Tunja, Colombia. *In*: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGÜÍSTICA: Homenaje a Berta Elena Vidal de Battini. Por el conocimiento y el respeto de la variación lingüística, 13., 2012, San Luis. **Resumos...** San Luis, Argentina: Sociedad Argentina de Lingüística, 2012. Disponível em: <http://ifdcsluis.slu.infed.edu.ar/aula/archivos/repositorio//500/607/PROGRAMA_Y_RESUMENES.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- BELL, A. Language style as audience design. **Language in Society**, n. 13, v. 2, 1984, p. 145-204.
- _____. Back in style: reworking audience design. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (End.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2017.
- BIDOT MARTÍNEZ, I. La desfocalización del centro deíctico personal a través de la segunda persona del singular. **Boletín de lingüística**, Caracas, v. 20, n. 30, p. 62-87. 2008. Disponível em: <http://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_bl/index>. Acesso em: 16 jul. 2018.
- BLAS ARROYO, J. L. Los pronombres de tratamiento y la cortesía. **Revista de Filología**, n. 13, p. 7-36, 1994.

_____. Tú y usted: dos pronombres de cortesía en el español actual. Datos de una comunidad Peninsular. **ELUA - Estudios de Lingüística**, n. 10, p. 21-44, 1994a.

_____. Un ejercicio de sociolingüística interaccional: el caso de los pronombres de tratamiento en el español actual. **Verba: anuario galego de filoloxia**, v. 22, p. 229-252, 1995. Disponível em: < <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/3249>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

_____. **Sociolingüística del español**. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social. Madrid: Cátedra, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Manual de Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *In*: SEBEOK, T. A. (ed.). **Style in Language**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960, p. 252-281.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUZÓN GARCÍA, J. M. **La expresión de la futuridad en el español de Valencia**. 2013. 890 f. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos Avançados) - Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació, Universitat de València, València, 2013.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. *In*: IZQUIERDO, A.; ENGUITA UTRILLA, J. M.(Orgs.). **La lengua española en América: normas y usos actuales**. València: Universitat de València, 2010. p. 225-236.

_____.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 195-222.

CALVET, L. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 202.

CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolingüística. **Delta**, São Paulo, v.26, n.1, p.141-162, 2010.

CARRASCO SANTANA, A. Revisión y evaluación del modelo de cortesía de Brown y Levinson. **Pragmalingüística**, Cádiz, n. 7, p. 1-44, 1999. Disponível em: <<https://revistas.uca.es/index.php/pragma/article/view/499/433>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997.

_____. El ustedeo, un fenómeno que avanza en la argentina. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 887-900.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

_____. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

COSTA, R. M. S. **A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA**. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CUTILLAS ESPINOSA, J. A. Variación estilística en los medios de comunicación: una aproximación contrastiva a la teoría del diseño de la audiencia. **Revista Electrónica de Estudios Filológicos**, Murcia, n. 5, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.um.es/tonosdigital/znum5/estudios/E-AUDIENCIACutillas.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

DANTAS, W. S.; GIBBSON, A. O. A abordagem de estilo de fala narrativa na proposta da “árvore de decisão”: algumas questões de análise. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.

DÍAZ-CAMPOS, M. **Introducción a la sociolingüística hispánica**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

ECKERT, P. Ages as a sociolinguistic variable. *In*: Florian Coulmas (ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 1997, p. 151-167.

_____.; RICKFORD, J. R. (End.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge University Press, 2001.

_____. **Variation, convention and social meaning**. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. San Francisco, 2005.

_____. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

ESCANDELL VIDAL, M. V. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNÁNDEZ, M.; GERHALTER, K. Pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español: una bibliografía (1867 – 2016). **Revista de Lingüística en la Red**, Alcalá de Henares, n. XIV, p. 1-161, 2017. Disponível em: <http://www.linred.es/monograficos_pdf/LR-monografico15-articulo4.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

FIGUEIREDO, C. F. G. Variável extralinguística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almocharife, São Tomé. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 41-76, 2012.

Disponível em: < <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1682/1493>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispano. *In*: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1300-1425.

_____. Los sistemas pronominales de segunda persona em el mundo hispano. Homenaje a Rodolfo Oroz Scheibe en el centenario de su natalicio (1895-1995). **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, v. 35, n. 1, p. 152-162, 1995. Disponível em: <<http://www.boletinfilologia.uchile.cl/index.php/BDF/article/view/19195/20319>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, R. M. K. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas e Letras**, Paraná, v. 6, n. 2, p. 105-121, jun./dez. 2005.

_____. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT21042014231932.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2017.

_____. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 123-139.

_____. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

_____.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (Orgs.). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016.

FREITES BARROS, F.; ZAMBRANO CASTRO, W. De la preferencia del *usted* sobre *tú* en el habla andina venezolana. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 901-921.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio I.** Nivel sociocultural alto. València: Universitat de València, 2001.

_____. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio II.** Nivel sociocultural medio. València: Universitat de València, 2005.

_____. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio III.** Nivel sociocultural bajo. València: Universitat de València, 2007.

GÓMEZ TORREGO. **Gramática Didáctica del Español.** 10. ed. Madrid: Ediciones SM, 2011. 544 p.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística.** Florianópolis: Insular, 2014.

_____; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. *In:* GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística.** Florianópolis: Insular, 2014a. p. 67 – 92.

_____; _____. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. *In:* FREITAG; R. M. K.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (Orgs.). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos.** São Paulo: Blucher, 2016.

GUIMARÃES, T. A. A. E. **TU É DOIDO, MACHO! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GYÖRY, A.; KOMLÓDI, Z. La evolución del trato social em el español de España y em el de América Latina. Aspectos sociolinguísticos y de comunicación intercultural. *In:* HEDIGER, H. (ed.), XXXI CONGRESO EN LEÓN, 1996, León. **Anais...** León: Asociación europea de profesores de español - A.E.P.E, 1996. p. 87-119.

HAVERKATE, H. **La cortesía verbal: estudios pragmalingüísticos.** 1. ed. Madrid: Gredos, 1994.

HERNÁNDEZ, J. E. Una aproximación variacionista a la diferenciación social y semántico-pragmática de la variable *tratamiento informal* en el habla bataneca. *In:* HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 809-828.

HIDALGO NAVARRO, A. Sobre los mecanismos de impersonalización en la conversación coloquial: el tú impersonal. **Estudios de Lingüística. Universidad de Alicante (ELUA)**, n. 11, p. 163-176, 1996. Disponível em: <<https://revistaelua.ua.es/index>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

HORA, D.; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RVE1/v4.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

HORA, D. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p.19-30.

HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.

HURTADO ALBIR. **Traducción y Traductología: introducción a la Traductología**. 5. ed. Madri: Ediciones Cátedra, 2011.

JAIME DE ARRIETA, S.; CUADROS DE BÉSSEGA, M. Variación de las formas de tratamiento pronominal de segunda persona singular. In: **V Congreso Nacional de Lingüística** (Sociedad Argentina de Lingüística, Mendoza, 24 de mai. – 1 de jun. 1993). Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo, v. II, p. 329-342, 1997.

KANWIT, M. The role of discourse topic in evidentiality marking: variable *(de)queísmo* in Caracas. **eHumanista IVITRA**. v. 8, p. 446-470, 2015. Disponível em: <<http://www.ehumanista.ucsb.edu>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

KAPOVIĆ, M. **Análisis sociolingüístico de la variable (s) en el habla de Ciudad Real**. 2014. 369 f. Tese (Doutorado em Humanidades) – Universidade de Zadar, Zadar, 2014.

KOCK, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KÖCH, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Edição digital. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

KIM, J. Cortesía y formas de tratamiento: los pronombres de segunda persona, en español y en portugués. **Sincronía**, Guadalajara, ano XIX, n. 68, p. 289-304, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/5138/513851506020.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

KING, J. Ceremonia y cortesía en la literatura del siglo de oro: un estudio de las formas de tratamiento en español. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 533-550.

KLUGE, B. El uso de formas de tratamiento en las estrategias de generalización. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 1109-1136.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Arlington: Washington Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The social stratification of a sound change (1963). *In*: Labov, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *In*: **Sociolinguistics working paper**. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, n. 44, 1978.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001

_____. The anatomy of style-shifting. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (End.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge University Press, 2001a. p. 85-108.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Gredos, 2008.

LAURINDO, E. D. Sociolinguística: cortesia – el uso de tú y usted. **Norte Científico**, v. 1, n. 1, 2006.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language and society**, v. 7, 1977.

LEFEBVRE, C. As noções de estilo. *In*: BAGNO, M. (Org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 203-236.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3ª Ed. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LU, H. La presencia y ausencia del pronombre personal. **EPOS: Revista de filología**, n. 13, p. 117-133, 1997. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/EPOS/article/view/10012/9552>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu/você na fala brasiliense**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodología científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 314 p.

_____; _____. **Metodología do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 225 p.

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística: a expressividade na Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. São Paulo: EDUSP, 2008.

MATTE BON, F. **Gramática Comunicativa del Español**. 11. ed. Madrid: Edelsa, 2008.

MEDINA LÓPEZ, J. Variación sociolingüística en las formas de trato. El análisis probabilístico según los datos del español de Canarias. *In*: MURILLO MEDRANO, J. (ed.), **Actas. II Coloquio Internacional del Programa EDICE**. (Publicação eletrônica patrocinada por EDICE e as universidades de Estocolmo y Costa Rica), p. 97-114. 2004.

_____. El tú del presidente. La ruptura del rol social. **Revista Española de Lingüística**, Madrid, v. 39, n. 1, p. 77-109, 2009. Disponível em: <<http://sel.edu.es/rsel/index.php/revista/index>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

_____. Panorama sobre el estudio de las formas de tratamiento en el español de Canarias. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 225-245.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Metodología Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

_____. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009.

MORÍN RODRÍGUEZ, A. El español de América y el español de Canarias: variación sociolingüística en las formas de tratamiento. *In*: MATUS, M. et al (eds.), **Actas del IV Congreso Internacional de El Español de América**. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, v. 1, p. 349-362, 1995.

_____. **Las formas pronominales de tratamiento en el español de Las Palmas de Gran Canaria: variación y actitudes lingüísticas**. Granada: Granada Lingüística, 2001.

MORÍN, A.; ALMEIDA, M.; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 717-734.

MOYA CORRAL, J. A. et al. **Un paso más hacia la convergencia. La /x/ en Granada: factores sociales**. *Revista Española de Lingüística*, Madrid, v. 44, n. 1, p. 83-114, 2014. Disponível em: <<http://sel.edu.es/rsel/index.php/revista/index>> Acesso em: 04 nov. 2017.

NOWIKOW, W. Sobre los motivos del empleo de *tú* y *usted* de estudiantes universitarios en Guadalajara (Jalisco, México) desde la perspectiva de los enfoques y etológico-lingüísticos. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 795-807.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la lengua española – Manual**. Madri: Espasa Libros, 2010.

NUNES DE SOUZA, C. M. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento.** 2011. 280 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Coleta de dados. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 117-133.

OROZCO, L. La extensión del tuteo en la ciudad de Guadalajara (México). *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 771-791.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, L. L. de O.; COAN, M.; PONTES, V. de O. Variação linguística no uso das formas de tratamento *tú, vos e usted* em peças teatrais hispano-americanas. **Veredas atemática**, v. 20, n. 2, 2016.

PONTES, V. O.; BRASIL, J. O. A abordagem dos pronomes de tratamento *tú, vos e usted* em livros didáticos de espanhol do pnd 2011: uma análise sociolinguística. **Intersecções**, 22. ed., ano 10, n. 1, p. 4-23, mai. 2017. Disponível em: <<http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes-ano-10-numero-1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SALES, S. H. N. **Norma e usos na linguagem falada em Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SAMPEDRO MALLA, M. Las formas de tratamiento en un corpus de entrevistas semidirigidas de español de Galicia. **Revistas de Estudios Lingüísticos de la Universidad de Alicante, Alicante**, n. 30, p. 319-344, 2015. Disponível em: <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/5770>> Acesso em 03 nov. 2017.

SAN MARTÍN NÚÑEZ, A. **Variación sintáctica y discursiva en el español hablado en Santiago de Chile: análisis sociolinguístico del queísmo, el dequeísmo, el discurso referido y los marcadores de reformulación.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Lengua Española, Universidad de Valladolid, Valladolid, 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GOLDVARB X – A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SANROMÁN VILAS, B. El uso de *tú y usted* en los jóvenes de Cádiz. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en**

el mundo hispánico. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 734-754.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. *In:* SCHILLING-ESTES, N.; CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. (Ed.). **The handbook of language variation and change.** Oxford: Blackwell Publishing, 2002. p. 375-401.

_____. Stylistic variation and the sociolinguistic interview: a reconsideration. *In:* CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE LINGÜÍSTICA APLICADA –AESLA, 25., 2007, Murcia. **Actas...** Murcia, 2007. Disponível em: <<http://www.um.es/lacell/aesla/contenido/pdf/9/schilling.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

SECO, M. **Gramática esencial del español.** Madrid: Espasa-Calpe, 1989.

SERRANO, M. J. **Variación variable.** Sevilha: Editorial Círculo Rojo, 2011.

_____. El pronombre tú como recurso objetivador en español: variación textual y discursiva. **Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 179-197, 2013. Disponível em: <<http://septentrio.uit.no/index.php/borealis/index>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In:* MOLICCA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 147-177.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística: Teoría y analisis.** Madrid: Alhambra, 1989.

_____. **Sociolinguística y pragmática del español.** Washington, D.C: George Washington University Press, 2001.

_____; Enrique-Arias. **Sociolinguística y pragmática del español.** 2. ed. Washington, D.C: George Washington University Press, 2017.

SILVA, M. L. S. 2016. **Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu(a)(s)/ dele(a) em natal – RN:** aspectos sociais e estilísticos. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SINNER, C. ¿Cómo te hablo, de vos o de tú? Uso y acomodación de las formas de tratamiento por emigrantes y turistas argentinos en España y Alemania. *In:* HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 829-855.

SONG, Y. **Estudio comparativo de las formas pronominales de tratamiento en español y chino.** Orientaciones para su enseñanza en la clase de e/le. 2011. 359 p. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) – Facultad de Filosofía y Letras, León, 2011. Disponível em: <<https://buleria.unileon.es/bitstream/handle/10612/1750/2011SONG,%20YANG.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1985.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação lingüística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014b. p. 93-121.

_____; _____. A construção de uma variável estilística complexa para medir a configuração da entrevista sociolinguística. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 30-45, maio/ago. 2016. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p30-45>> Acesso em: 04 nov. 2017.

VAN DIJK, T. **La noticia como discurso**. Comprensión, estructura y producción de la información. 1a ed. Barcelona: Paidós, 1990.

VÁSQUEZ LASLOP, M. E.; OROZCO, L. Formas de tratamento del español en México. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 249-269.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ASSOCIAÇÃO DE LÍNGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 12., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ALFAL, 2014. Disponível em: < <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLICCA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].